

DOM GASPAR LEFÈVRE

O ESPÍRITO DE DEUS
NA SANTA LITURGIA

sei e creio

ENCICLOPÉDIA DO CATÓLICO NO SÉCULO XX

FLAMBOYANT

www.obrascaticas.com

O ESPÍRITO DE DEUS NA SANTA LITURGIA

DOM GASPAR LEFEBVRE, O.S.B.

Tradução das
RELIGIOSAS DA COMPANHIA DA VIRGEM
PETRÓPOLIS

SEI E CREIO
ENCICLOPÉDIA DO CATÓLICO NO SÉCULO XX

DÉCIMA PARTE
A IGREJA EM SUA LITURGIA
E SEUS RITOS

FLAMBOYANT

www.obrascaticas.com

DÉCIMA PARTE – A IGREJA EM SUA LITURGIA E SEUS RITOS

**O ESPÍRITO DE DEUS NA
SANTA LITURGIA**

DOM GASPAR LEFÈVRE, O. S. B.

Titulo do original:
L'ESPRIT DE DIEU DANS LA SAINTE LITURGIE

ENCYCLOPÉDIE DU CATHOLIQUE AU XXÈME SIÈCLE

Copyright by

LIBRAIRIE ARTHÈME FAYARD — PARIS

1962

Todos os direitos reservados pela

LIVRARIA EDITORA FLAMBOYANT

Matriz: Rua Lavradio, 222 — Tel.: 51-5837 — São Paulo

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 637 - S. 501 — Tel.: 37-7664 — Rio de Janeiro

Rua Dr. Flores, 383 — Pôrto Alegre

INTRODUÇÃO

O fim desta obra, como se vê pelo título, é mostrar como a Igreja, animada pelo Espírito de Deus, Espírito de verdade e de amor que sôbre ela desceu no dia de Pentecostes, assegura a vida espiritual de tôda a cristandade fazendo-a participar de seu culto oficial, a Santa Liturgia, "fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão", segundo as palavras de Pio X ⁽¹⁾ e de Pio XI ⁽²⁾.

A descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos abre uma fase inteiramente nova na história da salvação, da qual Deus Pai tomou misericordiosamente a iniciativa, não só enviando-nos seu Filho como mediador de reconciliação, mas também doando-nos em seguida Aquêlê que devia vivificar divinamente a Igreja e por ela completar a obra do Salvador.

"Jesus Cristo, declara Leão XIII, delegou ao Espírito Santo o cuidado de coroar a obra que lhe fôra confiada pelo Pai..." ⁽³⁾

Uma vez realizada a obra de libertação, o divino Ressuscitado, vencedor do Príncipe dêste mundo e da morte, volta ao Pai. Único Sumo Sacerdote da Nova Lei, exerce gloriosamente seu sacerdócio no céu.

"Porque permanece eternamente, escreve S. Paulo, possui êle um sacerdócio que não se transmite. Donde se segue que é capaz de salvar de modo definitivo aquêles que por seu intermédio vão a Deus, pois está sempre vivo para interceder por êles" ⁽⁴⁾.

(1) *Motu próprio* de 22 de novembro de 1903.

(2) *Constituição Apostólica* de 20 de dezembro de 1928.

(3) Encíclica *Divinum illud munus*, 9 de maio de 1897.

(4) Heb. 7.24-25.

É, pois, a seu pedido, que a promessa feita por João Batista relativamente a "Aquêlê que batiza no Espírito Santo" (5) e confirmada pelo mesmo Jesus (6) teve solene realização quando a comunidade apostólica reunida no Cenáculo foi tôda assumida pelo Espírito de Deus.

Esse Pentecostes visível não cessa de realizar-se invisivelmente nas almas, pois a cada instante "Cristo — que morreu e ressuscitou e está à direita de Deus — intercede por nós" (7) e nos obtêm as graças do Espírito Santo. Assim a Igreja tôda está sob o domínio do Espírito de Deus, particularmente os membros da sagrada Hierarquia, pois a êles é que se refere o Apóstolo quando diz aos "presbíteros" da Igreja de Éfeso:

"Tende cuidado de vós mesmos e de todo o rebanho, sôbre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos para apascentardes a Igreja de Deus, que Êle adquiriu com seu próprio sangue" (8).

Guiada pelo Espírito de Deus, que procede ao mesmo tempo do Pai e do Filho (*Credo*), deve a Igreja continuar a obra de Jesus, Deve estabelecer o reino de Deus nas almas associando-as aos mistérios de Cristo e principalmente à sua vida de Ressuscitado. Bem compreendida, desempenha aqui papel preponderante a "Santa Liturgia". Para melhor avaliá-lo, importa saber exatamente em que consiste a liturgia.

Começaremos portanto por defini-la e analisaremos cada um de seus elementos para demonstrar-lhes a justeza. Mostraremos como nossa definição, já por si mesma, justifica o título desta brochura: "*O Espírito de Deus na Santa Liturgia*". Em seguida explicaremos mais detalhadamente como, pela Igreja, o Espírito Santo faz atuar cada ano, no Ciclo litúrgico, o mistério da Redenção, tal como no-lo revelam as Sagradas Escrituras e a Tradição. Por aí veremos quanto é glorificante para Deus e santificante para as almas a ação do "Espírito de Deus na e pela Santa Liturgia".

(5) Jo. 1.33; Mt. 3.11; Lc. 3.16.

(6) At. 11.16.

(7) Rom. 8.34.

(8) At. 20.28.

CAPITULO I

DEFINIÇÃO DA LITURGIA

Entre as definições descritivas e explicativas que se podem propor, a seguinte parece-nos resumir melhor o que é a liturgia em seus pontos essenciais:

Liturgia é o culto público e oficial pelo qual a Igreja faz atuar o sacerdócio de Cristo e seu mistério de redenção, por meio de fórmulas, de ritos e de outros sinais sensíveis, mediante os quais a comunidade cristã é misericordiosamente santificada por Deus e rende filialmente a Deus Pai, por seu divino Filho e sob a moção do Espírito Santo, tôda honra e tôda glória.

Explicuemos cada um dêsses têrmos.

Liturgia

A palavra "Liturgia" vem do grego *leitourgia*, de *leitos*, público, *ergon*, ação, função. Em Atenas designava um serviço público e era empregada tanto na vida civil como na religiosa. O têrmo indica portanto uma obra de interêsse geral, de caráter oficial e benéfica para todos.

Sob o ponto de vista cultural que aqui nos ocupa, êsse vocábulo é empregado na Bíblia dos Setenta para indicar o ministério de que se desempenhavam os sacerdotes no santuário ou Tabernáculo da Antiga Aliança⁽⁹⁾ e nos átrios do Templo de Javé⁽¹⁰⁾.

(9) Êxodo, 28.31; Números 4.33.

(10) I Par. 23.28.

Reencontramos essa mesma palavra no Novo Testamento. S. Lucas fala do "serviço litúrgico" realizado por Zacarias "no santuário do Senhor" (11). Denomina também *litúrgica* "a celebração do culto do Senhor" feita pelos cristãos de Antioquia.

Falando de Jesus, Sumo Sacerdote da Nova Lei e cujo sacerdócio é exercido no tabernáculo celeste, diz S. Paulo que Ele é o "*Liturgo*" das coisas santas (13). E várias vezes, num sentido mais largo, o Apóstolo aplica a palavra *liturgia* à oferenda que ele próprio fazia a Deus em espírito de sacrifício por seu ministério apostólico, ou que os fiéis faziam praticando a caridade sob forma de esmolas etc...

Aos Romanos, por exemplo, êle lembra:

"A graça que por Deus lhe foi dada de ser ministro ("*liturgo*") de Cristo Jesus entre os gentios, e de exercer a função sagrada de anunciar o Evangelho de Deus, a fim de que os gentios, uma vez santificados pelo Espírito, Lhe sejam uma oferenda agradável" (14).

Atendo-nos primeiro ao sentido etimológico da palavra "liturgia", podemos portanto dizer a exemplo de Romano Guardini: "A liturgia é o culto público e oficial da Igreja" (15).

Com efeito, a Igreja realiza pública e oficialmente êsse culto para o bem de tôda a cristandade, e mesmo para o bem do mundo inteiro. É assim que no ofertório da missa o sacerdote, agindo em nome da Igreja, roga "por todos os fiéis" (*Suscipe, sancte Pater*), "para o bem de tôda a Santa Igreja" (*Orate fratres*), "para a salvação do mundo inteiro" (*Offerimus*).

Tomar como ponto de partida essa definição é pôr em pleno relevo a seguinte disposição do Direito Canônico, referente ao culto divino:

"Se o culto é celebrado em nome da Igreja (por pessoas legitimamente deputadas a êsse fim e por atos instituídos pela Igreja), chama-se *público*; em caso diferente, é *privado* (Cân. 1256).

(11) Lc. 1.9 e 23.

(12) At. 13.2.

(13) Heb. 8.2.

(14) Rom. 15.16; 2 Cor. 9.12; etc.

(15) *L'esprit de la liturgie*, cap. 1.

E o Cânon seguinte acrescenta:

"Compete exclusivamente à Santa Sé ordenar a liturgia sagrada e aprovar os livros litúrgicos" (Cân. 1257).

Em seu livro "La piété de l'Eglise" (16), publicado em 1941 e que permanece inteiramente atual, Dom Lambert Beauduin, "leader" do movimento litúrgico na Bélgica, declara:

"A transcendência da piedade litúrgica vem-lhe, antes de tudo, de seu caráter hierárquico" (p. 10). "A prece católica tem leis que a Igreja aplica com fidelidade constante" (p. 19). "Todos os livros litúrgicos, que regulam diariamente nossos sacrifícios, adorações e preces, haurem sua potência de louvor, de intercessão e de santidade do fato de nos serem dados pelo chefe atual da hierarquia.

Quer nos venham de S. Leão, de S. Gelásio, de S. Gregório, pouco importa: seu título transcendente e incomparável, diante do Pai que está nos céus e diante dos fiéis, é que formulam a grande prece organizada pelo Vigário de Jesus Cristo... Cada vez que, no mundo católico, um fiel se associa à Santa Missa, ao ofício divino, às solenidades do ciclo, a um ato litúrgico, está em comunhão com a adoração e a prece do sumo sacerdote e, por ele, de toda a Igreja: é o filho que se nutre à mesa do Pai comum, do Santo Pai...

Escola de respeito e devotamento ao chefe supremo da hierarquia visível, a liturgia estreita fortemente também os laços de cada igreja diocesana. Nesta o bispo aparece como o Pai e o Pontífice único de sua Igreja, quer celebre ele próprio a liturgia na igreja-mãe, quer o faça por seus cooperadores nas igrejas filiais, nas paróquias" (p. 24).

Dizendo que a "Santa Liturgia" é autenticamente a oração da Igreja, afirmamos sua transcendência. Assim, na "Mediator Dei" Pio XII afirmou solenemente que:

"A oração litúrgica, pelo fato de ser a oração pública da Espôsa de Jesus Cristo, tem dignidade superior à das orações privadas" (17).

Culto público.

Em seu colóquio com a Samaritana, Nosso Senhor, declara, relativamente ao culto a prestar a Deus:

(16) Abadia de Mont-César, Lovaina.

(17) 1.ª parte, mais para o fim.

"Aproxima-se — e mesmo já chegou — a hora em que os verdadeiros adoradores, adorarão o Pai em espírito e em verdade; é assim que quer o Pai seus adoradores. Deus é espírito, e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram" (18).

Com o Messias soou a hora em que o culto mosaico deverá ceder lugar a um culto de caráter verdadeiramente universal. Já não terá fundamento a rivalidade entre Judeus e Samaritanos. Ao instituir a Nova Lei, Cristo estabelecerá um sacrifício novo que suplantará todos os da Lei antiga. Será celebrado no mundo inteiro e num espírito inteiramente novo que será verdadeiramente a alma de todo o culto cristão.

"A hora dêse universalismo, diz o Pe. Braun, coincide com a hora da religião mais interior que Cristo nos veio ensinar, e que não nos é dada como destruição da religião antiga, mas como seu acabamento... Os Judeus contentavam-se mui facilmente com suas práticas rituais. Haviam chegado assim a reduzir o culto divino a um conjunto de atitudes e de gestos desprovidos de sentimento... Os verdadeiros adoradores evitam rejeitar as práticas exteriores que sempre serão postuladas pelo fato de sermos um composto de alma e de corpo. Acentuam, porém, o culto *em espírito*... Adorar e rogar a Deus *em espírito* é adorá-lo e rogá-lo de todo coração, de toda alma, com pureza de intenção. E adorá-lo assim, *em espírito*, é adorá-lo *em verdade*, "verdadeiramente". O culto puramente exterior, sem devoção interior, não passa de simulacro da oração" (19).

Não é que Jesus rejeite a oração vocal, pois que a seus discípulos ensinou as fórmulas do *Pater noster*. Sta. Teresa nos fala de uma religiosa que "gozava da pura contemplação enquanto dizia o Pai Nosso" (20). E ela própria encontrava nessa recitação um grande meio de união a Deus.

O *Pater noster* cantado ou rezado em voz alta pelo sacerdote no altar tem grande força junto de Deus quando tais aspirações e pedidos emanam de uma alma que deles plenamente se apropria.

Declara Sto. Tomás na Suma Teológica:

"Mesmo a adoração corporal se faz *em espírito*, porquanto procede da devoção espiritual e conduz a esta" (21). Reza *em espírito* e *em verdade* aquele que se põe em oração por impulso do Espírito Santo" (22).

(18) Jo. 4.23-24.

(19) *La Sainte Bible* t. X, pp. 344-345.

(20) *Caminho de Perfeição*, 25, 1; 30, 7.

(21) *Summa Theol.* 2.^a 2.^{ae} Q. 84 a. 2 ad 1.

(22) *Summa Theol.* 2.^a 2.^{ae} Q. 83 a. 13 ad. 1.

"Consiste a oração principalmente no espírito, e secundariamente exprime-se por palavras; do mesmo modo a adoração consiste principalmente na reverência interior para com Deus, e secundariamente em atitudes corporais" (23).

No "sermão da montanha", que é o código da Nova Lei, o divino Mestre verbera o formalismo daqueles que oram por simples ostentação e vaidade.

"Quando orardes, declara êle, não façais como os hipócritas que gostam de rezar ostensivamente nas sinagogas e nos cantos das praças para serem vistos pelos homens... Quanto a ti, quando quiseres orar, vai ao aposento mais retirado, fecha a porta à chave e ora a teu Pai em segrêdo; e teu Pai, que vê no segrêdo, te dará a recompensa" (24).

"Como! — exclama S. João Crisóstomo — êle nos interdiz a oração pública solene, a oração pública que reúne diante de Deus todo um povo em unânime clamor? Não; não pode interdizê-la aquêle que prometeu eficácia à oração feita em comum; mas quis indicar as verdadeiras condições da prece pública" (25).

O que Jesus tem em vista é a intenção dos que oram; devem êstes ter no pensamento a glória de Deus e não a vanglória.

Quando se trata de oração pública, que comporta simultaneamente ação do corpo e da alma, orar em segrêdo significa entrar em contacto íntimo com Deus no secreto de nosso coração, por meio de atos exteriores. "*Sic stemus ad psallendum*, diz S. Bento, *ut mens nostra concordet voci nostrae*" (26).

A oração pública da Igreja, que põe em atividade tôdas as potências do homem, inteligência, vontade, sensibilidade e atividade física, é mais total do que qualquer outra. É plenamente apropriada à natureza humana. Mas devemos realizá-la sempre sob a moção do Espírito Santo, que permanece em nossas almas pela graça. Evitaremos assim a exprobração de Jesus, já dirigida pelo profeta Isaías aos adoradores superficiais:

"Êste povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim" (27).

(23) Summa Theol. 2.^a 2.^{ae} Q. 84 a. 14 ad 2.

(24) Mt. 6.5-6.

(25) Hom. 19 in Math. n.º 2.

(26) *Santa Regra*, c. 19.

(27) Mt. 15.18; Is 29.13.

Devem todos os nossos atos culturais exteriores ser expressão sincera e leal de nossa fé e de nosso amor por Deus.

"É sobretudo pela fé, esperança e caridade, diz Sto. Agostinho, que Deus é honrado no culto que lhe é devido" (28).

Pelas virtudes teologais que regem a virtude de religião, a qual por sua vez lhes dirige as atividades à glória de Deus, nossa alma, que é espiritual, atinge diretamente a Deus, que é espírito, e nosso culto é assim verdadeiramente prestado "*em espírito e em verdade*".

Quanto aos atos exteriores dêsse culto, seu papel é serem ao mesmo tempo tradução sensível de nossa devoção interior, homenagem que nosso corpo, em dependência da alma, faz a Deus pondo-se totalmente a seu serviço, e o estimulante que essa exteriorização do culto está em condições de trazer à nossa inteligência e à nossa vontade.

Diz Sto. Tomás (29):

"Se bem que pelos sentidos não possamos atingir a Deus, pelos sinais sensíveis nosso espírito é estimulado a elevar-se a Ele."

E Joubert:

"As evoluções religiosas, como procissões, genuflexões, inclinações do corpo e da cabeça, a marcha e as estações, não são de pequeno efeito nem de pouca importância. Elas tornam maleável o coração para a piedade e o espírito para a fé" (30).

Quando numerosa assembléia se rende à prece pública e proclama com entusiasmo a glória do Senhor, essa coletividade exerce fortíssima influência sobre todos. Ritos, palavras, cantos, tudo concorre então poderosamente para unificar a oração e exprimi-la com dinamismo sobremodo possante.

Não é nosso corpo destinado a participar por tódia a eternidade da bem-aventurança infinita de Deus e da adoração que todos os eleitos rendem à Santíssima Trindade? Não pode ele portanto ficar alheio ao exercício da oração pelo qual, desde este mundo, santifica-se-nos a alma ao entrar em contacto com a Majestade divina. Deve, ao contrário, associar-se intimamente a essa oração para proveito próprio e para que, espiritual e corporalmente, rendamos a Deus o culto pleno e público que Ele espera de criaturas que não são, como os anjos, puros espíritos.

(28) *Enchiridion*, 3.

(29) *Summa Theol.* 2.^a 2.^o Q. 84 a. 2 ad 3.

(30) *Pensées*.

O missal contém, aliás, várias orações em que simultaneamente se faz menção da alma e do corpo.

"Concedei-nos, Senhor, que sintamos na alma e no corpo a força protetora de vosso sacramento, a fim de que, salvos em todo o nosso ser, gozemos na glória, da plenitude desse celeste remédio" (31).

"Dai, Senhor, a vosso povo a saúde da alma e do corpo para que, aplicando-se às boas obras, mereça o constante apoio de vossa poderosa proteção" (32).

Culto oficial da Igreja

Que se entende por Igreja? Uma noção precisa nos ajudará a compreender a natureza do culto que ela rende oficialmente a Deus. Eis a definição dada pelos catecismos de França e da Bélgica:

"A Igreja é a sociedade de todos os cristãos, fundada por Jesus Cristo, governada pelo Papa e pelos Bispos unidos ao Papa" (Catecismo nacional francês).

"A Santa Igreja é a sociedade visível e sobrenatural dos fiéis, fundada por Jesus Cristo para continuar entre os homens sua obra de redenção e de santificação" (Catecismo da Bélgica).

As duas definições dizem que Jesus Cristo fundou a Igreja. No mais elas são complementares. A primeira insiste sobre o caráter hierárquico dessa sociedade que compreende todos os fiéis sob a direção de seus Chefes espirituais. A segunda afirma que essa sociedade visível tem caráter sobrenatural e que tem por fim continuar a obra de Jesus, trabalhando pela salvação e santificação das almas.

Esse fim foi evidentemente visado por Jesus, e, ao estabelecer a Igreja, deu a esta os meios que lhe permitiriam realizá-lo.

Centrando toda a vida da Igreja sobre o Santo Sacrifício, pelo qual seria perpetuado o Calvário, disse Ele aos Apóstolos ao instituir a ceia sacrificial eucarística:

"Fazei isto em memória de mim" (33).

Depois da ressurreição, apareceu-lhes no Cenáculo e lhes declarou:

"Assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio." Em seguida, soprou sobre eles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo; os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes" (34).

(31) Postc. XI dom. depois de Pentecostes.

(32) Postc. sobre o povo. Sexta-feira da 2.^a semana da Quaresma.

(33) I Cor. 11.24.

(34) Jo. 20.21-23.

Mostrou-se ainda a seus discípulos às margens do mar de Tiberíades (35) e, depois da pesca milagrosa, disse a Pedro:

"Apascenta meus cordeiros... Apascenta minhas ovelhas" (36).

S. Mateus termina seu Evangelho dizendo:

"Jesus, aproximando-se, falou-lhes nestes termos: "Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, pois; fazei de todos os povos meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo que vos prescrevi" (37).

Para cumprir as prescrições do Senhor com toda a amplitude e eficácia devidas, a Igreja pôs em exercício e foi desenvolvendo sempre mais, desde que as circunstâncias o permitiram, seu culto oficial. Neste culto a Igreja, pregando a doutrina evangélica, celebrando o Santo Sacrifício, administrando os sacramentos e orando publicamente, exerce os poderes de magistério e os ministérios que lhe foram conferidos por Cristo.

Com muita razão, portanto, Pio X, o grande promotor do movimento litúrgico, condenou os modernistas que pretendiam não ser Jesus o autor do culto público da Igreja.

"Pode-se dizer, escrevia Loisy, que Jesus, no decurso de seu ministério, não prescreveu aos apóstolos nem fez regulamento algum de culto exterior que caracterizasse o Evangelho como religião" (38).

Celebrada no fim, a eucaristia "significa antes a ab-rogação do antigo culto e o próximo advento do reino, do que a instituição de um novo culto: o olhar de Jesus não visava diretamente a idéia de uma religião nova, de uma Igreja a ser fundada, mas sempre a idéia do reino dos céus a realizar" (39).

"A Igreja veio ao mundo e se foi progressivamente constituindo, pela força das coisas, fora do judaísmo... A mesma necessidade que presidiu as origens do culto cristão produziu seu desenvolvimento" (40).

A Igreja, portanto, nascida fora das previsões do Salvador, teria instituído, sob a influência exclusiva das circunstâncias e por pura necessidade, ainda mesmo o que é mais essencial no culto cristão.

(35) Jo. 21.1.

(36) Jo. 21.15-17.

(37) Mt. 28.18-20.

(38) *L'Évangile et l'Église*, t. V, Paris 1902, pp. 180-181.

(39) *ibid.* p. 182.

(40) *ibid.* p. 183.

Pio XII, na Encíclica sobre "O Corpo Místico de Jesus Cristo", coloca em seus devidos termos a questão:

"Jesus Cristo — declara êle — mereceu-nos inefável abundância de graças. Estas graças teria êle podido distribuí-las diretamente por si mesmo a todo o gênero humano; quis, entretanto, comunicá-las por meio de uma Igreja visível... É assim como o Verbo de Deus, para remir os homens com suas dores e tormentos, quis servir-se de nossa natureza, assim, de modo semelhante, no decurso dos séculos se serve da Igreja para continuar perenemente a obra começada."

"Cristo, diz o Apóstolo, é a Cabeça do corpo da Igreja" (41) E por ser *um corpo, que a Igreja é visível a nossos olhos...* Todos os que nesse Corpo estão investidos de poder sagrado são membros primários e principais, já que são êles que, por instituição do próprio Redentor perpetuam os ofícios do Cristo Doutor, Rei e Sacerdote...

Em sua infinita bondade, o Salvador do gênero humano proveu de meios maravilhosos seu Corpo místico, enriquecendo-o de sacramentos que, numa série ininterrupta de graças, amparam os membros desde o berço até o último suspiro (batismo, confirmação, penitência, Eucaristia, extrema-unção) e atendem amplamente às necessidades sociais de todo o Corpo (matrimônio e ordem)...

No momento em que os Apóstolos iam começar o sagrado ofício de pregadores, do céu mandou-lhes Cristo Senhor Nosso o seu Espírito que, tocando-os sob a forma de línguas de fogo, mostrava, como com o dedo de Deus, a missão sobrenatural e o sobrenatural múnus da Igreja.

A êsse Espírito de Cristo, como *a princípio invisível*, deve atribuir-se a união de tôdas as partes do Corpo tanto entre elas como com a nobre Cabeça, pois que Êle está todo na Cabeça, todo no Corpo e todo em cada um dos membros. É Êle que, embora resida e opere divinamente em tôdas as partes do Corpo, contudo age também nos membros inferiores por meio dos superiores. Cristo é a Cabeça da Igreja, o Espírito Santo é sua alma.

Por conseguinte, a Igreja sobrepuja em excelência tôdas as outras sociedades humanas... Um mesmo motivo levou o Redentor a querer, por um lado, que a sociedade humana por Êle fundada fôsse perfeita em seu gênero e dotada de todos os elementos jurídicos e sociais, para perpetuar na terra a obra salutífera da Redenção; e, por outro lado, que essa sociedade fôsse enriquecida de dons e graças celestes pelo Espírito Santo, para atingir o mesmo fim" (42).

Fizemos essa longa citação porque, mostrando-nos a verdadeira natureza da Igreja, sociedade vivificada pelo Espírito Santo, permite-nos ela concluir que na oração oficial empenha-se todo o *Corpo místico*

(41) Col. 1.18.

(42) *Mytici Corporis Christi*, 29 de junho de 1943.

de Cristo. Ouçamos ainda o que nos diz o mesmo Papa na Encíclica sôbre a "Santa Liturgia", publicada logo após a precedente (43):

"A Santa Liturgia é o culto público que nosso Redentor rende ao Pai, como Cabeça da Igreja, e que a sociedade dos fiéis rende ao seu Fundador e, por Ele, ao Pai Eterno; numa palavra, é o culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, da Cabeça e dos membros."

É a Igreja tôda, inteira, constituindo uma única pessoa mística, é o Cristo total, animado pelo Espírito Santo, que rende a Deus êsse culto público. Todos os que nêle participam fazem-no a título de membros de Cristo e da Igreja.

Sob o impulso do Espírito Santo e em comunhão com a cristandade inteira, cujo chefe invisível é Jesus e chefe visível o Papa, Vigário de Cristo, no referido culto visam todos o mesmo fim, e cada qual conserva sua personalidade, desempenhando embora com os outros o papel que lhe é designado pelos livros oficiais.

Integrar-se plenamente nesse culto eminentemente católico é trabalhar individual e socialmente para o desenvolvimento do Corpo Místico de Cristo, intensificando nossa própria incorporação à divina Cabeça.

Para isso devemos, de certo modo, desprender-nos de nossos interesses pessoais imediatos, visando antes de tudo o bem geral da Igreja. É o que faremos permitindo ao Espírito de Deus, que age por ela, penetrar-nos cada vez mais do amor de Deus e do próximo, amor de que está repleta tôda a Liturgia.

Longe de nos prejudicarmos, só teremos a ganhar, pois seremos então, por simbiose espiritual, mais largamente beneficiados com a oração de todos os nossos irmãos em Cristo, e mais e mais se estreitam os laços que nos unem como filhos da Igreja.

"Senhor Jesus Cristo, diz uma das orações do Ordinário da Missa, não olheis para meus pecados, mas para a fé da vossa Igreja; dignai-vos conceder-lhe a paz e a união, segundo a vossa vontade" (44).

A Igreja, por meio de seu culto oficial, faz atuar o sacerdôcio de Cristo e seu mistério de redenção.

Muito bem falou D. Lambert Beauduin sôbre êsse tema:

(43) *Mediator Dei*, 20 de novembro de 1947.

(44) 1.ª oração *Domine Jesu Christe* antes da comunhão.

"O poder sacerdotal do sumo sacerdote da Nova Aliança é a fonte abundante de toda vida sobrenatural.

Ora, esse poder santificador Jesus Cristo não mais o exerce nesse mundo senão pelo ministério de uma *hierarquia sacerdotal visível*.

Estreita união com essa hierarquia no exercício mesmo de seu sacerdócio, eis, portanto, para *toda* alma cristã e católica o autêntico modo de união ao sacerdócio de Jesus Cristo, e, por conseguinte, a fonte primária e indispensável da vida sobrenatural...

Sem dúvida, a ação imediata de Deus nas almas não ficou limitada por essa nova economia; mas a alma empenhada em viver sob a santificante influência de Cristo nada terá mais a peito do que manter-se em contato íntimo e ininterrupto com os atos *sacerdotais* da hierarquia visível" (45).

O sacerdócio da Igreja está essencialmente ligado ao de Cristo. É dele o prolongamento, pois é o próprio Jesus que age pelo ministério dos sacerdotes e que assim continua, por eles, a obra de redenção e de santificação das almas. Para realizar essa obra de salvação

"o Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos..., encarnou-se em Maria Virgem por obra do Espírito Santo, e fêz-se homem" (46).

Sendo Jesus, em virtude do mistério da Encarnação, o Filho de Deus em pessoa, foi ungido pela própria unção da divindade desde o primeiro instante de sua existência. Seu poder sacerdotal não lhe foi conferido mais tarde como se dá com os outros homens.

Como seu nome o indica, Cristo é, pois, o "Ungido" por excelência. A bem dizer, é ele o único Sacerdote, o único capaz de oferecer ao Pai, em toda justiça, um sacrifício de expiação por todos os pecados do gênero humano.

Esse sacrifício, de infinito preço, pois que realizado por um Homem-Deus que voluntariamente se ofereceu como vítima para compensar a ofensa feita pelos homens à Majestade divina, esse sacrifício consumou-o Cristo derramando seu sangue sobre o altar da cruz.

Mas antes, como o afirma S. Paulo fazendo-se eco do profeta Davi:

"Entrando neste mundo, Cristo declarou: "Não quiseste holocausto nem vítimas pelo pecado. Então eu disse: Eis-me que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade... Ab-roga o primeiro regime para instituir o segundo. Em virtude dessa vontade somos santificados pela oblação que Jesus fêz de seu corpo, uma vez por todas" (47).

(45) *La piété de l'Eglise* p. 5.

(46) *Credo*.

(47) Sl. 39.7-9; Heb. 10.5-10.

E o Cardeal de Bérulle explica:

"Desde o primeiro momento no seio materno, consagrou-se o Filho de Deus à vida, à cruz, à morte que a seguir virá. E essa oblação e primeira vontade de Jesus é ação, é vontade que dia e noite jamais cessou... Foi perpétuo no coração e no espírito de Jesus esse movimento interior e espiritual" (48).

Assim todos os atos de sua vida, unidos pelo pensamento ao ato supremo que se realizaria sobre a Cruz, concorreram para nos merecer a graça de sermos associados ao mistério pascal, morrendo ao pecado e ressuscitando numa vida nova — a dos filhos de Deus.

"Não é o Gólgota o caminho abrupto onde no fim da vida Jesus viria realizar em seu sangue a oblação que redime: é antes o ponto culminante de um sacrifício cujo primeiro ato é a encarnação do Verbo" (49).

A encarnação num corpo mortal anuncia, tornando-a possível, a imolação final. Por outro lado, a morte do Salvador condicionava-lhe a ressurreição dentre os mortos, que foi o ponto de partida de sua vida gloriosa e de seu título de Senhor no céu, na expectativa da volta como soberano Juiz no fim dos tempos.

Notemos ainda que, ao instituir no Cenáculo a Eucaristia na véspera de sua morte, conferiu Jesus aos Apóstolos a dignidade sacerdotal, prescrevendo-lhes que renovassem em memória dEle o que acabava de fazer, isto é, que oferecessem o Santo Sacrifício da missa como memorial de sua Paixão.

E Sto. Tomás declara:

"Por sua Paixão, Cristo inaugurou o rito da religião cristã, oferecendo-se Ele mesmo em oblação e como hóstia a Deus" (50).

Assim, portanto, os Apóstolos (e isto vale para todos os que são ordenados sacerdotes) participam do sacerdócio de Cristo. Exercem-no, antes de tudo, celebrando o sacrifício da missa, cujo principal sacerdote e cuja Vítima divina são os mesmos que no Cenáculo e

(48) *Vie de Jésus* cap. 26.

(49) A. Barrois. *Le Sacrifice du Christ au Calvaire*. Revue des Sciences philosophiques et théologiques, avril 1925, p. 155.

(50) Sum. Theol. 3.º, Q. 62, art.5.

sobre a Cruz. Centrado sobre a missa, o culto litúrgico é, pois, verdadeiramente polarizado, como toda a existência do Salvador o foi, sobre a Ceia e o Calvário, e sobre suas gloriosas conseqüências: Ressurreição, Ascensão, vinda do Espírito Santo.

Rememorando cada dia, de modo sucinto e tanto quanto possível no dia aniversário, os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos pelos quais o Salvador operou nossa redenção, a Igreja aplica os méritos ou a virtude desses mistérios às almas que a ela são confiadas. Prossegue assim, de ano em ano, pelo ministério dos que receberam o sacramento da Ordem, a obra redentora e santificadora de Sumo Sacerdote da Nova Lei.

Quanto aos fiéis, de certo modo participam também no sacerdócio de Cristo, pois o batismo e a confirmação lhes imprimem nas almas um caráter indelével, se bem que invisível.

Lembremos o que a êsse respeito diz o Pe. Heris:

"Estabelecido por Jesus, concentra-se o culto cristão em torno da Eucaristia que perpetua entre nós o Sacrifício da Cruz; expande-se nos sacramentos que são, por assim dizer, derivações da Eucaristia cuja força santificadora já nos é de certo modo comunicada por êles. A armadura desse culto visível é constituída pelos três caracteres do Batismo, da Confirmação e da Ordem: o Batismo institui os membros, a Confirmação assinala os defensores, a Ordem consagra os sacerdotes. Assim se estabelece uma sociedade cultural visível e orgânica — a religião de Cristo ou o sacerdócio da Igreja" (51).

"Cada um desses três caracteres é a seu modo uma participação no sacerdócio de Cristo: o sacerdote é encarregado de ocupar o lugar de Jesus para oferecer a Deus as homenagens do povo fiel e transmitir às almas os dons da vida divina; o confirmado tem por missão proclamar a vitalidade do culto cristão; o batizado recebe de seu caráter o poder de participar desse culto e dêle receber os benefícios espirituais. Acha-se desse modo constituído, em sua unidade orgânica, o sacerdócio visível, graças ao qual pode a Igreja esperar realizar cada vez mais a unidade viva e invisível do corpo místico de Cristo" (52).

No culto litúrgico a Igreja faz atuar o sacerdócio de Cristo por meio de fórmulas, ritos e outros sinais sensíveis.

Sendo a Igreja uma sociedade visível, animada pelo Espírito Santo, seu culto oficial comporta, sempre e necessariamente, atos que caem sob os sentidos.

(51) *L'Eglise du Christ*. Edit. du Cerf, 1930, cap. III, p. 59.

(52) *Ibid.* cap. I, p. 28.

Esses atos — pois a liturgia é essencialmente ativa — são fórmulas, ritos e outros sinais sensíveis por meio dos quais Deus e os homens entram em relações íntimas.

Não se trata, pois — já o dissemos — de manifestações puramente exteriores, de encenação teatral ou puro formalismo. Essas atividades litúrgicas são exteriorizações de uma espiritualidade interior, sem a qual não passariam de um corpo sem alma. Pelos sinais sensíveis e pelo seu simbolismo, ou próprio ou atribuído, entram os homens em contato com um mundo superior onde ficam sob a influência do Espírito Santo que os santifica e os leva a prestar a Deus um culto em espírito e em verdade.

A êsse respeito diz o Pe. de Lubac no livro "Méditation sur l'Eglise":

"Tôda realidade sacramental, "laço sensível entre os dois mundos" (53), apresenta dupla característica. Por um lado, sendo sinal de outra coisa, devemos passar através dela, e não pela metade, mas totalmente. Não nos detemos no sinal que por si mesmo nada vale; por definição, é coisa diáfana, desaparece diante daquilo que por êle é dado a conhecer, como a palavra que nada seria se não conduzisse diretamente à idéia. Não isola um do outro os dois termos que deve ligar, não os distancia, mas, ao contrário, une-os tornando presente a coisa evocada... O segundo caráter, indissolúvel do primeiro, será portanto de jamais poder ser rejeitado como tendo deixado de ser útil. Êsse meio diáfano que devemos atravessar sempre, e sempre totalmente, jamais acabaremos de o atravessar. Ê sempre através dêle que se atinge o fim por êle assinalado. Jamais pode ser ultrapassado, franqueado" (54).

Vejamos agora entre êsses sinais sensíveis algumas fórmulas e ritos de maior importância:

Fórmulas

São essas *fórmulas*, antes de tudo, as leituras dos textos escriturísticos que constituem as partes didáticas da missa e do ofício divino. Ouvimo-los com respeito, pois, como escreveu S. Pedro,

(53) Joseph de Maistre: *Lettre à une dame russe* (Oeuvres, t. VIII, p. 74).

(54) H. de Lubac: *Méditation sur l'Eglise*, cap. VI, p. 175.

"inspirados pelo Espírito Santo é que homens falaram da parte de Deus" (55).

E quando, no decurso de uma cerimônia litúrgica, a Igreja canta ou recita êsses textos sagrados, tem essa proclamação da palavra de Deus particular virtude que favorece nas almas a ação divina.

A tais fórmulas escriturísticas é preciso acrescentar o Saltério que os sacerdotes e demais ministros da Igreja, assim como grande número de religiosos dizem integralmente cada semana. São empregados na missa muitos versículos dos 150 salmos, para o intróito, gradual, aleluia, ofertório e comunhão.

Simultaneamente vocal e mental, também essa oração é obra do Espírito Santo. No *Motu Próprio* de 24 de março de 1945 diz Pio XII:

"ter ordenado a preparação de nova tradução latina dos Salmos, que seguiria de perto e fielmente o texto original, para que se possa recolher facilmente o que o Espírito Santo quis exprimir pela boca do salmista."

E em sua solicitude paternal deseja que os homens e mulheres consagrados a Deus

"sintam-se estimulados a nutrir os sentimentos de amor, de constância intrépida e de piedosa compunção que nêles excita o Espírito Santo pela leitura dos Salmos" (56).

Quanto às outras fórmulas de preces (orações, prefácios, seqüências, hinos, ladainhas etc...) compostas pela Igreja e que se encontram nos livros litúrgicos — missal, breviário, pontifical etc... — pode-se aplicar-lhes o que já dizia S. Paulo aos cristãos de Éfeso, referindo-se às reuniões cultuais:

"Enchei-vos do Espírito Santo. Entretende-vos mutuamente com salmos, hinos e cânticos inspirados (pelo Espírito); do íntimo de vosso coração cantai e louvai o Senhor" (57).

(55) 2 Pdr. 1.21.

(56) "Entre as orações cotidianas".

(57) Ef. 5.18-19.

Ritos

Relativamente aos ritos, trata-se antes de tudo do sacrifício eucarístico e dos sacramentos, instituídos no que têm de essencial por Cristo que confiou a realização dos mesmos à Igreja.

Pertencem os ritos sacramentais à categoria dos sinais sagrados e produzem o que significam: *significando causant*.

Muito simples a princípio, essa significação foi ampliada pela Igreja que, guiada pelo Espírito Santo, cercou os ritos essenciais de múltiplas fórmulas e cerimônias destinadas a tornar-lhes ainda mais eloqüente a administração, e a dispor as almas a receberem deles plenamente os benefícios.

Deu-se primeiro a êsses desenvolvimentos rituais o nome de "pequenos sacramentos" ou "sacramentos menores". São introduzidos por Pedro Lombardo na terminologia da Escola com o nome de "*sacramentalia*" ("sacramentais").

Assemelham-se aos sacramentos pois são, como êstes, sinais sensíveis que produzem determinado efeito. Mas enquanto os sacramentos, em virtude de sua instituição por Jesus Cristo, agem *ex opere operato*, isto é, por si mesmos, desde que sejam administrados, os sacramentais agem *ex opere operantis Ecclesiae*, isto é, por serem estabelecidos pela Igreja, cuja santidade e orações são extremamente eficazes. Por isso seu uso concorre para nos obter a graça divina. Esclarecendo-nos sôbre o efeito do sacramento, suscitam os sacramentais em nós sentimentos que favorecem a eficácia do mesmo sacramento e predis põem nossa alma para êle.

Nos capítulos seguintes mostraremos como se realiza, por êsses atos litúrgicos, a ação do Espírito Santo.



No culto litúrgico, a Igreja faz atuar o sacerdócio de Cristo, valendo-se de ritos sensíveis, *por meio dos quais a comunidade cristã é misericordiosamente santificada por Deus e rende a Deus Pai, por seu divino Filho, e sob a moção do Espírito Santo, tôda a honra e tôda a glória.*

Quando éramos pecadores, chamou-nos Deus, em sua misericordiosíssima bondade, para participarmos de sua vida divina e eterna. Para êsse fim, enviou-nos o Pai seu próprio Filho.

"Eis como se manifestou o amor de Deus por nós, diz S. João: enviou ao mundo seu Filho único, a fim de que vivamos por ele... Amou-nos e enviou seu Filho como vítima de propiciação por nossos pecados" (58).

Quando, por sua morte, ressurreição e ascensão reconciliou-nos Jesus com o Pai e nos obteve a vinda do Espírito Santo, enviou-o à Igreja que fundara, a fim de que, sustentada pelo mesmo Espírito divino, pudesse aplicar às almas a obra da redenção, dando a esta perfeito acabamento.

Foi, portanto, sob a direção do Espírito de Deus que a Igreja organizou seu culto oficial para purificar e santificar as almas, unindo-as, pela fé e pelos sacramentos da fé, a Cristo em todos os seus mistérios.

"Atendendo apenas à sua misericórdia, diz S. Paulo, salvou-nos Deus pelo banho da regeneração (batismo) no qual somos renovados pelo Espírito Santo, e esse Espírito ele o derramou em profusão sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador" (59).

Por conseguinte, é pela Igreja e na Igreja que o Espírito Santo nos santifica, fazendo de nós o corpo místico de Cristo, do qual é ele o divino Animador.

Dêsse modo, unidos vitalmente ao Filho de Deus e animados pelo "Espírito do Filho" (60), participamos na vida Trinitária como verdadeiros filhos adotados pelo Pai.

Ama-nos o Pai englobadamente com seu Filho e, quanto a nós, é verdadeiramente filial o amor que lhe temos, em união com Jesus.

"O Pai também vos ama, dizia Jesus a seus Apóstolos, porque me amastes e crestes que eu vim de Deus" (61).

E afirma S. Paulo: "Recebestes o Espírito de adoção pelo qual clamamos *Abba, Pater*" (62).

Assim a Igreja, isto é, a cristandade toda — da qual é cabeça o Filho de Deus e o Espírito de Cristo, a alma — está verdadeiramente em condições de render ao Pai, pelo Filho e em unidade com o Espírito Santo, toda a honra e toda a glória. É o que ela faz oficialmente pela Santa Liturgia.

(58) Epístola, 1.º dom. depois de Pentecostes — I Jo. 4.9-10.

(59) Epístola, missa da aurora, 25 de dezembro — Tito 3.5-6.

(60) Gál. 4.6.

(61) Evang. do 5.º dom. depois de Páscoa — Jo. 16.27.

(62) Epístola, 8.º dom. depois de Pentecostes — Rom. 8.15.

CAPITULO II

O ANO LITÚRGICO E O ESPÍRITO SANTO

As diferentes fases do drama da Redenção

O ano litúrgico, que se pode considerar como obra-prima do Espírito Santo, apresenta-nos, à luz das Escrituras inspiradas pelo mesmo Espírito, a história santa — a verdadeira história da humanidade — sob a forma de um drama que começou com a queda de Adão e a promessa de um Redentor. É o drama ou mistério da redenção, drama êsse em que há perpétua oposição entre o Espírito de Deus e o espírito do mundo.

Consta êle de três fases que se desenrolam no correr dos séculos. Tem como principal centro de interêsse o divino Redentor, e nêle se manifesta o Espírito de Deus com fôrça cada vez maior.

A ação dramática termina por uma apoteose a sancionar a vitória definitiva obtida sôbre as potências do mal pelo divino Ressuscitado e por sua Igreja, animada pelo Espírito de "Nosso Senhor Jesus Cristo."

A primeira fase dêsse drama mostra-nos a ação ininterrupta de Javé sôbre o povo eleito, cujos feitos e gestos prefiguravam, anunciavam e preparavam a vinda do Salvador, sua obra redentora e o advento do reino de Deus.

Nessa fase, que se denomina Antigo Testamento, o dom do Espírito não passa de um dom pessoal. É conferido a determinados personagens (sumo sacerdote da lei mosaica, heróis ou reis, profetas), mas em proveito da comunidade a que são prepostos.

A segunda fase do drama da Redenção tem por autor principal o próprio Cristo, de quem os evangelistas nos narram a vida oculta

e a pública. Termina-se esta bruscamente pela tragédia do Calvário, seguindo-se logo as aparições do divino Ressuscitado e sua Ascensão aos céus. O sentido da vida de Jesus escapa ao mundo. Onde seus inimigos cantam vitória, aí mesmo é indicada pela revelação sua derrota. Inspirados pelo Espírito Santo, dizem-nos efetivamente os escritores sagrados que o Filho de Deus se encarnou tendo em vista nossa salvação. Depois de haver anunciado a mensagem divina, consumou êle a redenção expiando-nos os pecados sôbre a cruz. E após a ressurreição, que o constituiu "espírito vivificante", é fonte de graças e princípio de vida espiritual no mundo inteiro.

Da humanidade de Cristo, plenamente espiritualizada e glorificada nos céus, derivam para nossas almas as graças do Espírito Santo, das quais tem a plenitude o Salvador.

Aqui há lugar para se estabelecer um paralelismo e uma antítese entre os dois personagens que a Sagrada Escritura denomina velho Adão e novo Adão, sendo êste o Filho de Deus feito homem e ressuscitado dentre os mortos.

"Se há corpo animal, há também corpo espiritual. Assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente (63); o último Adão foi feito espírito vivificante... O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem vem do céu... E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, traremos também a imagem do homem celeste" (64).

De um e de outro lado, mas sôbre planos diferentes, Adão e o Homem-Deus são chefes da humanidade: um, da humanidade decaída; o outro, da humanidade regenerada.

Pelo pecado de Adão, e sem que para isso tenhamos contribuído, contraímos todos o pecado original.

Do mesmo modo, na pessoa do novo Adão, e absolutamente fora de nós, é que se realizou primeiro nossa libertação. Assumindo carne mortal no seio da Virgem, destinou-se antecipadamente o Verbo encarnado a sofrer a morte que é a pena devida à desobediência de Adão.

Pessoalmente unido a "uma carne semelhante à do pecado" (65), tomou o Filho de Deus sôbre si a responsabilidade do pecado original e de todos os pecados que são dêle a consequência. Êsses pecados,

(63) Gên. 2.7.

(64) I Cor. 15.44-49.

(65) 1.ª lição, 5 de janeiro — Rom. 8.3.

crucificou-os êle, de certo modo, consigo sôbre a cruz. E mereceu assim que nos pudéssemos libertar do que se opunha à vida divina em nossas almas.

Por outro lado, ressuscitando dentre os mortos para uma vida inteiramente nova e imortal, suprimiu Jesus em si tudo o que nêle havia de caduco e de terrestre. Sob a total influência do Espírito Santo, sua humanidade foi — repetamo-lo — plenamente espiritualizada, como convinha a um Homem-Deus. E, desde então, tornou-se êsse Homem-Deus capaz de derramar abundantemente nas almas as graças do Espírito Santo, possuídas por êle em plenitude.

Atingiu-nos a decadência de Adão quando, por nosso nascimento, nos tornamos membros da humanidade decaída que o tem por chefe. Dá-se o mesmo para nossa reabilitação. Devemos inserir-nos no corpo místico de Cristo para renascermos à vida divina. Assim unidos a Jesus, invade-nos seu Espírito e sobrenaturaliza-nos a vida tôda, pois é êle a alma de todos os membros do referido corpo místico.

Estamos aqui na terceira fase do drama da redenção: a da vida da Igreja, onde o Espírito Santo desempenha preponderante papel.

Depois que Jesus passou dêste mundo ao Pai, compete, de fato, à Igreja, guiada e vivificada pelo Espírito Santo, pôr-nos em contacto com o divino Ressuscitado e assegurar-nos assim as graças que nos fazem morrer ao pecado e viver como verdadeiros membros de Cristo. Iniciada no dia de Pentecostes, durará essa fase até o dia em que se der a segunda vinda do Filho de Deus como Soberano Juiz e divino Remunerador.

A descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos no quinquagésimo dia após a ressurreição do Salvador marca, pois, importante etapa no desenvolvimento do plano divino, cujo fim é estabelecer o reino de Deus sôbre os homens.

Houve quem falasse do reino do Espírito Santo, reino todo espiritual que se seguiria ao de Jesus. Esta concepção muito absoluta é falsa. Nessa terceira fase é sem dúvida o Espírito Santo que santifica interiormente as almas unindo-as por laços espirituais ao divino Ressuscitado. Normalmente, porém, é na Igreja e pela Igreja que o Espírito Santo age.

"Onde está a Igreja, diz Sto. Ireneu, aí está o Espírito de Deus, e onde está o espírito de Deus, aí está a Igreja e tôda graça... afastar-se da Igreja é rejeitar o Espírito" (66).

(66) Adv. Haer. 1. III c. 24.

Trata-se da Igreja visível, sôbre a qual desceu o Espírito Santo sob a forma bem perceptível de línguas de fogo. É a Igreja apostólica à qual, para estender a todo o universo os benefícios da redenção, Jesus confiou os poderes de magistério, ministério e govêrno, como acima ficou dito (ver cap. I, págs. 15 e 16).

Animador da Igreja, da qual é chefe invisível o Cristo glorioso, e o Papa — sucessor de Pedro — o chefe visível, não cessa o Espírito Santo de trabalhar por ela e nela, para o desenvolvimento do Reino de Deus em todo o universo.

Esse reino, simultâneamente interior e exterior, não é diferente daquele que Jesus instituiu neste mundo ao fundar a Igreja sôbre Pedro e os Apóstolos. O Espírito divino não estabelece seu reino em substituição ao do Salvador: ao contrário, assegura pleno desenvolvimento a êste, e o faz ostensivamente, por intermédio dos membros da hierarquia eclesiástica.

"Os apóstolos, profetas, evangelistas, os pastôres, diz S. Paulo, são encarregados das obras de ministério, tendo em vista a edificação do corpo de Cristo (isto é, a Igreja), até que cheguemos todos ao estado de homem perfeito, à estatura que convém à plenitude do Cristo" (67).

Esse crescimento da Igreja caracteriza, portanto, a terceira fase do drama da redenção. Intervém aqui o papel indispensável da liturgia, culto oficial da Igreja e instrumento, por excelência, da santificação das almas pelo Espírito de Deus.

Para prová-lo será suficiente indicar o que, na celebração das festas litúrgicas, a Igreja nos diz do Espírito Santo, alma do corpo místico, e o que o mesmo Espírito e a Igreja operam, por essa celebração, naqueles que nela participam ativamente.

Disposição litúrgica da Sagrada Escritura e da Tradição no Ciclo de Natal e no de Páscoa.

Para ser bem compreendido, deve o ano litúrgico ser considerado na perspectiva de conjunto dos mistérios da Redenção, cujos dados nos são fornecidos pela Sagrada Escritura e pela Tradição.

Com efeito, o breviário e o missal são compostos principalmente de extratos dos Livros inspirados pelo Espírito Santo e de comentários

(67) Ef. 4.12-13.

dos mesmos, dados pelos Padres da Igreja. Assim, cada ano é evocada pelo ciclo das festas litúrgicas tóda a história da salvação do gênero humano descrita na Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse.

A proclamação oficial dos textos escriturísticos pelos ministros da Igreja, e principalmente a leitura ou o canto da epístola e do evangelho diante da comunidade cristã, dá aos mesmos atualidade sempre renovada e põe assim regularmente a nosso alcance as grandes verdades da revelação.

As fórmulas, ritos, cerimônias (sacramentos, sacramentais etc.) e todos os sinais sagrados de que falamos no primeiro capítulo ampliam essa atualização, pela virtualidade que lhes é própria. De modo que, tomando parte nêles, tornamo-nos verdadeiros atores no grande drama da redenção.

Há unidade de ação e progressão constante nesse drama que prossegue no decorrer dos séculos. De um modo geral, o Antigo Testamento serve aí de prelúdio, de esboço do Novo Testamento que é do primeiro o prolongamento realizado com maior perfeição. Por outro lado, é escrutando a revelação feita por Jesus e posta em plena luz pelo Espírito Santo que compreendemos o verdadeiro alcance do Velho Testamento.

Tal confrontação entre as diversas fases do mistério da redenção, encontramos-na na liturgia. Nesta, a Igreja considera simultâneamente na seqüência dos diferentes tempos litúrgicos, e mesmo cada dia ⁽⁶⁸⁾, o plano divino da salvação dos homens, em suas quatro dimensões: antes, durante e depois do advento de Cristo, e o todo em função do advento glorioso do Salvador e da apoteose final dêsse drama nos céus.

Esclarecida e estimulada pelo Espírito Santo, a Igreja nos apresenta, pois, em sua totalidade, a economia redentora. Não o faz, entretanto, por meio de reconstituições históricas, segundo regras do teatro, mas por todo o conjunto de cerimônias, preces e ritos de seu culto oficial.

Uma coisa é, portanto, a história bíblica, a história de Jesus Cristo, a história da cristandade, e outra a dramatização litúrgica feita pela Igreja e na qual se conjugam a ação do divino Ressuscitado e a

(68) A "Croisade Liturgique à l'Ecole et au Foyer" (Cruzada Litúrgica na Escola e no Lar) publicou em 1956 e 1957 uma explicação das missas dos domingos e festas de 1.ª e 2.ª classe, tendo em conta as quatro dimensões: Antigo Testamento, Jesus, Igreja e Apoteose celeste (Ed. Apostolat Liturgique, Abbaye de Saint André, Bruges 3, Belgique).

do Espírito Santo para fazerem de nós, não apenas simples espectadores, mas ativos participantes da obra da salvação em sua fase presente.

Essa dramatização, tal como no-la apresenta a Igreja atualmente, divide-se em duas partes: o Ciclo de Natal e o de Páscoa.

Não temos de explicar aqui como foi ela paulatinamente elaborada no correr dos séculos. Contentemo-nos simplesmente em observar que o Ciclo de Páscoa, centrado sobre o mistério da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, foi organizado primeiro. O mistério pascal, causa de nossa redenção (Páscoa), completa-se pelo da vinda do Espírito Santo sobre a Igreja (Pentecostes). Vem em seguida o Ciclo de Natal, cujas festas principais são a Natividade de Nosso Senhor e a Epifania.

Começou-se então o ano litúrgico por este Ciclo para seguir o desenrolar dos mistérios do Salvador. Mas é claro que, apesar da essencial importância do mistério da Encarnação, Páscoa supera o Natal. Fêz-se homem o Filho de Deus, mas homem mortal, em vista de nossa redenção que êle, morrendo e ressuscitando, consumou, e cujos benefícios haurimos, mediante a ação do Espírito, pela Igreja e na Igreja.

A Páscoa — cujo acabamento se encontra na efusão do Espírito Santo em Pentecostes — está, portanto, no cume da história da salvação e, por conseguinte, no cume do Ciclo que é a realização litúrgica da referida história. Efetivamente, é pelo mistério pascal e nêle que a união do homem com Deus, realizada em Jesus no dia da Encarnação, atinge tôda a sua perfeição. E é também nêle que nossa participação ao mistério da Encarnação (Natal) se intensifica sempre mais cada ano por um surto de ressurreição espiritual à vida da graça (Páscoa) e por uma efusão cada vez maior dos dons do Espírito Santo (Pentecostes).

Vejam, portanto, nessa maravilhosa obra-prima que é a coordenação das festas cristãs, como a Igreja nos mostra a incessante ação do Espírito Santo, ao qual devemos nossa santificação.

★

CICLO DE NATAL (ADVENTO — NATAL — EPIFANIA)

Tempo do Advento e de Natal.

O tempo do Advento serve de prelúdio ao ano litúrgico, durante o qual a Igreja põe a nosso alcance os diferentes mistérios da

vida de Cristo e celebra a festa dos santos que, pela fidelidade à graça do Espírito divino, combateram o bom combate e agora no céu participam da glória do Ressuscitado.

A vinda do Messias a este mundo foi, durante longos séculos, objeto de esperança do povo de Deus. Essa esperança é agora partilhada pelo povo cristão que se prepara, durante as quatro semanas do Advento, para comemorar o Nascimento de Jesus e para, em seguida, celebrar as festas do Ciclo que termina no 24.º domingo depois de Pentecostes, em que nos é lembrado o juízo final. A Igreja considera, portanto, simultaneamente, a primeira e a segunda vinda do Salvador: a que foi realizada há cerca de 2.000 anos e a que se realizará na hora marcada por Deus.

Primeira vinda do Salvador.

Já tendo sido historicamente realizada a primeira vinda de Jesus, sua comemoração, que se faz na festa do Natal, tem por fim atualizar liturgicamente esse mistério, para que sejamos cada vez mais beneficiados pela virtude que lhe é própria.

Fala a Igreja de um "admirável comércio" (69). Deus se reveste de nossa humanidade para fazer-nos participar de sua divindade (70).

"Dignai-vos, Senhor — diz a Secreta da missa de meia-noite — aceitar nossa oferta na grande festa de hoje, a fim de que, sob o efeito de vossa graça, nos tornemos conformes àquele no qual vos está unida nossa substância."

Trata-se, portanto, de afirmarmos a fé na Encarnação e de nascermos cada vez mais à vida divina que o Filho de Deus, ao encarnar-se no seio da Virgem Maria em Nazaré e ao nascer na cidade de Davi, em Belém, trouxe para nós.

Anunciação a Maria e a José.

O evangelho da Quarta-feira das Têmporas do Advento traz o anúncio do mistério da Encarnação, feito por um anjo a Maria. Abre-se com essa maravilhosa cena o tempo da salvação. Com o con-

(69) 1.º Ant. Vésperas da Circuncisão.

(70) Cf. 4.ª lição de Sto. Agostinho, 5 de janeiro.

sentimento da Virgem, realiza-se nela, pela virtude onipotente do Espírito Santo, a misteriosa união entre Deus e o homem.

"O Espírito Santo — declara o Anjo Gabriel — virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te envolverá em sua sombra; por isso, será chamado Filho de Deus o santo que de ti há de nascer" (71).

"Maria, mãe de Jesus — diz o Evangelho da Vigília de Natal — estava desposada com José; antes, porém, de coabitarem, achou-se ela grávida por obra do Espírito Santo" (72).

"Ela concebeu — explica Sto. Agostinho — não pela concupiscência da carne, mas pela obediência do espírito" (73).

O anjo do Senhor apareceu em seguida a José para revelar-lhe o mistério. Essa narrativa que se encontra no evangelho da Vigília de Natal põe também em pleno relêvo a maternidade virginal de Maria, devido à ação do Espírito Santo.

"José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua espôsa, pois foi pelo poder do Espírito Santo que ela concebeu. Dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus, porque Ele salvará seu povo dos pecados" (74).

Visitação: Maria vem a Isabel e Cristo a João Batista.

A Sexta-feira das Têmporas do Advento é consagrada à Visitação de Maria a Isabel. Aí se mostra ainda muito operante a ação do Espírito Santo.

"Naquele tempo, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente a uma cidade de Judá, situada na região montanhosa. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel" (75).

"Maria — explica Sto. Ambrósio — quis cumprir um piedoso dever visitando Isabel e partiu apressadamente, pois era transportada pela alegria... A graça do Espírito Santo não conhece lentidão nos esforços que inspira... Maria vem a Isabel e Cristo a João" (76).

Ao contacto de Maria e daquele que ela traz no seio, o Espírito inspirou a Isabel. O menino que, dentro desta, salta de alegria, lhe revela com o Espírito a presença do Messias Salvador.

(71) Lc. 1.35.

(72) Mt. 1.18.

(73) 6.ª lição, 5 de janeiro.

(74) Mt. 1.20-21.

(75) Lc. 1.39-40.

(76) 1.ª lição de Matinas.

"Ora — diz S. Lucas — logo que Isabel ouviu a saudação de Maria, saltou-lhe no seio o menino, e, repleta do Espírito Santo, exclamou ela em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre" (77).

Comentaram êsse texto os Padres da Igreja. Diz Theophylacto (IX S.):

"Assim como só depois de arrebatados pelo Espírito Santo emitiam oráculos os profetas, João só profetizou pela bôca de sua mãe depois de haver vibrado sob o influxo divino da graça. E que anunciou? Disse êle: Bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre" (78)

Nesse primeiro contacto com o Menino Deus, foi o Precursor santificado pelo Espírito Santo como predissera o anjo quando apareceu a Zacarias no Templo e lhe anunciou que Isabel, sua esposa, daria à luz um filho.

"Será cheio do Espírito Santo desde o seio de sua mãe e converterá muitos filhos de Israel ao Senhor seu Deus" (79).

No dia 24 de junho, festa da Natividade de S. João Batista, o evangelho é consagrado à narrativa do nascimento e da circuncisão do Precursor. Comentando êsse evangelho, diz Sto. Ambrósio que Isabel não consente que o menino receba o nome de seu pai, mas o de João:

"Porque ela conhece, por revelação do Espírito Santo, o nome indicado anteriormente pelo anjo a Zacarias" (80).

E o evangelho da festa de S. João Batista termina por esta frase:

"E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo e profetizou dizendo: Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu seu povo" (81).

(77) Lc. 1.41-42.

(78) P. G. 123-707-714.

(79) Vigília de S. João Batista — Lc. 1.15-16.

(80) 9.ª lição de Matinas.

(81) Evang. 24 de junho — Lc. 1.67-68.

Apresentação de Jesus no Templo.

Quando da apresentação de Jesus no Templo, o velho Simeão foi tomado pelo Espírito de Deus e falou, também êle, à maneira dos profetas:

"Era êsse homem justo e piedoso, diz S. Lucas; esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nêle. Pelo Espírito Santo fôra-lhe revelado que não veria a morte sem ver primeiro o Messias do Senhor. Movido pelo Espírito, veio, pois, ao Templo... e, tomando em seus braços o Menino Jesus, louvou a Deus, dizendo: *Nunc dimittis, etc.*" (82).

Oráculos dos profetas inspirados pelo Espírito de Deus.

Ainda que de modo diverso, é sob a influência do mesmo Espírito Santo que a Igreja nos coloca durante todo o ciclo de Natal. No Breviário, com efeito, a leitura corrente da Sagrada Escritura durante o Advento e nas festas de Natal e Epifania é tirada de Isaías, profeta inspirado pelo Espírito de Deus.

Citando um texto dêsse profeta, que a Igreja nos apresenta no decurso do Advento (83), escreve S. Paulo:

"Bem verdadeira é a palavra que o Espírito Santo falou a nossos pais pelo profeta Isaías" (84).

E S. Pedro diz:

"Acima de tudo, convencei-vos de que nenhuma profecia da Escritura se explica por interpretação própria: jamais foi proferida uma profecia por vontade humana, mas impelidos pelo Espírito Santo é que homens falaram da parte de Deus" (85).

Portanto, sob a moção do Espírito de Deus é que os profetas emitiram suas mensagens e estas foram exaradas nos Livros Santos. Guiada pelo mesmo Espírito Santo, cujas luzes mostraram que as profecias adquiriram sentido pleno nos tempos messiânicos, ordenou

(82) Evang. 2 de fevereiro — Lc. 2.25-29.

(83) 3.^a lição da sexta-feira da 1.^a semana.

(84) 3.^a lição sábado da 2.^a semana depois de Páscoa — At. 28.25.

(85) 2 Pd. 1. 20-21 — Cf. cap. I, pág. 23.

a Igreja que se fizesse a leitura delas nas cerimônias sagradas. Efetivamente, é digno de nota que, graças à harmonia entre o Antigo e o Novo Testamento, a Liturgia evoca e celebra aquilo que os oráculos anunciavam.

Oráculos concernentes ao Messias.

Isaias predisse o duplo advento do Messias, sua vinda como Libertador e Rei, seu nascimento de mãe virgem. Descendente da raça de Davi, será cheio do Espírito de Deus e eterno será seu glorioso reino.

Esses textos matizam tôda a liturgia do Ciclo de Natal, cujo objeto é precisamente comemorar-lhes a feliz realização em Cristo, a fim de que, sob a ação do Espírito Santo essa realização se verifique também, e cada vez mais, em seu corpo místico.

"Eis que virá o Rei e Senhor da terra; por êle mesmo será retirado o jugo de nossa escravidão" (86).

"Eis, diz o Senhor, que a Virgem conceberá e dará à luz um filho cujo nome será Admirável, Deus, Forte. Sentar-se-á sobre o trono de Davi e sobre o seu reino para sempre" (87).

"Surge um rebento do tronco de Jessé, uma flor brota de suas raízes. Sobre êle repousa o Espírito de Javé: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de força, espírito de ciência e de piedade, e será cheio do espírito do temor de Deus" (88).

"Eis que virá, implacável, o dia do Senhor. Cobrir-se-á de trevas o sol, a lua não mais resplandecerá com a sua luz. Porei fim à soberba dos inícuos: humilharei a arrogância dos fortes" (89).

"Eis que o Senhor virá em pessoa e o reino e o império estão em suas mãos" (90).

Muitos outros profetas são ainda citados no Breviário durante o tempo do Advento: Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Miquéias, Habacuc, Ageu, Sofonias, Zacarias e Malaquias. Por intermédio dêles, presta-nos a Igreja a ouvir o Espírito Santo do qual são órgãos.

(86) Ant. Magnificat de segunda-feira da 2.^a sem. — Is. 10.27.

(87) 7.^o responsório, 1.^o dom. do Advento — Is. 7.14; 9.6,7.

(88) 2.^o lição do 2.^o domingo — Is. 11.1.

(89) 3.^o lição segunda-feira da 2.^a sem. — Is. 13.9-11.

(90) 5.^o ant. Laudes, 2.^o dom. — Is. 40.10.

Oráculos concernentes ao Precursor.

Entre os profetas, Isaías e Malaquias anunciaram também a vinda do Precursor do Messias, João Batista. Este, com efeito, declarou:

"Sou uma voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías" (91).

E Cristo, falando de João Batista, cita a seguinte palavra do profeta Malaquias:

"Este é aquêle de quem está escrito: Eis que envio à tua frente meu anjo para preparar o caminho diante de ti" (92).

Aos discípulos que o Precursor enviou a Jesus, definiu-se êste como Messias enumerando os milagres anunciados por Isaías e que deviam assinalar o tempo da salvação (93).

Na Sinagoga de Nazaré, Cristo aplicou também a si mesmo êste oráculo de Isaías:

"O Espírito do Senhor está sôbre mim; êle me enviou para evangelizar os pobres" (94).

Durante as festas de Natal, a Igreja lembra igualmente esta profecia de Isaías:

"Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado. Recebeu o principado sôbre seus ombros e é denominado Príncipe da paz" (95).

Segunda vinda do Senhor Jesus; como é anunciado na liturgia do Advento e do Natal.

A oração da antifona de Nossa Senhora "*Alma Redemptoris Mater*", própria do Tempo do Advento, mostra que, pondo-nos em contacto com o mistério da Encarnação desde o principio do ano

(91) Evang. 3.º dom. Cf. 4.º dom. — Is. 49.3.

(92) Evang. 2.º dom. — Mal. 3.1.

(93) Êvang. 2.º dom. — Is. 28.19; 29.18-19; 35.5-6; 61.1-2.

(94) 2.º ant. Laudes, quarta-feira antes da Vigília de Natal — Is. 61.1-2.

(95) 1.º lição Natal — Is. 61.1-2.

eclesiástico, quer a Igreja associar-nos a tudo o que Jesus fez por nossa salvação, particularmente à sua paixão e à sua ressurreição.

"Infundi, Senhor, a vossa graça em nossas almas, a fim de que, conhecendo nós pela anunciação do Anjo a encarnação de Cristo, vosso Filho, sejamos, pelos merecimentos de sua Paixão e por sua cruz, conduzidos à glória da ressurreição."

Essa glória será dada em plenitude aos efeitos quando no fim dos tempos se der a ressurreição geral. Afinal e necessariamente é a segunda vinda do Filho de Deus em sua glória que a Igreja tem em vista quando atualiza em seu culto oficial todos os mistérios de Cristo. Efetivamente, celebra-se êsse culto durante a fase do drama da redenção que precede imediatamente a gloriosa volta do Senhor.

Diz a oração da Vigília de Natal:

"Ó Deus que nos alegrais cada ano com a expectativa de nossa redenção, concedei-nos que, recebendo com alegria vosso Filho como Redentor, também o possamos contemplar com segurança quando vier como juiz."

O Espírito Santo prepara-nos para essa segunda vinda.

Nas epístolas do tempo do Advento, prepara-nos S. Paulo para essa segunda vinda. Exorta-nos sobretudo a ser vigilantes e a praticarmos a virtude da esperança entregando alegremente nossas almas à ação do Espírito Santo.

"Irmãos, já é hora de nos levantarmos do sono. Porquanto agora está mais perto de nós a salvação do que quando abraçamos a fé" (96).

"Que o Deus da esperança vos dê, na fé, toda a plenitude da alegria e da paz, para que tenhais copiosamente em vós a esperança, pela virtude do Espírito Santo" (97).

"Irmãos, alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos. O Senhor está próximo" (98).

Na epístola da Vigília de Natal, refere-se o Apóstolo dos Gêntios à boa nova da salvação, anunciada em nome de Deus pelos profetas e exarada nas Sagradas Escrituras.

(96) 1.º dom. — Rom. 13.11.

(97) 2.º dom. — Rom. 15.13.

(98) 3.º dom. — Filip. 4.4-5.

"Paulo, servo de Jesus Cristo, escolhido para ser apóstolo e designado para pregar o evangelho de Deus, evangelho êste que Deus prometera pelos profetas nas Santas Escrituras e que se refere a seu Filho, descendente, segundo a carne, da raça de Davi, mas, segundo seu Espírito de santidade, constituído no poder de Filho de Deus pela sua ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor" (99).

Trata-se nessa epístola do mistério da Encarnação — pelo qual o Filho de Deus revestiu-se de uma carne mortal, oriunda da raça de Davi — e trata-se também do mistério da Ressurreição que imortalizou essa carne sob a ação profundamente espiritualizante do Espírito de Deus.

Na festa do Natal o Apóstolo nos mostra Cristo em sua glória:

"Este Filho, que sustenta tôdas as coisas por sua palavra onipotente, depois de nos purificar de nossos pecados foi sentar-se à direita da Majestade divina, no mais alto dos céus" (100).

É com Jesus glorioso, é com o divino Ressuscitado que entramos em comunhão em cada uma das festas da Igreja. Tomando parte nestas, estende-se a nossas almas a ação que o Espírito Santo operou na humanidade de Jesus, e predispono-nos para a gloriosa ressurreição de nosso corpo, que se efetuará quando Cristo vier para julgar os vivos e os mortos. Diz o Apóstolo:

"Nós esperamos o Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, que transformará nosso corpo de miséria, tornando-o semelhante a seu corpo glorioso" (101).

Essa expectativa cheia de confiança é obra do Espírito Santo em nós.

"Não atendendo senão à sua misericórdia, diz ainda S. Paulo, Deus nosso Salvador libertou-nos pelo banho da regeneração, no qual o Espírito Santo nos renova; e êste Espírito, êle o derramou em profusão sobre nós por intermédio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados pela graça de Cristo, nos tornemos, em esperança, herdeiros da vida eterna" (102).

(99) Rom. 1.1-6.

(100) Epístola da missa de meia-noite — Hebr. 1.3.

(101) 2.º responsório da sexta-feira da 1.ª sem. do Advento. — Fil. 3.20.

(102) Epístola da missa da aurora. — Tito 3.5-6.

Será realizada essa esperança quando Cristo glorioso vier como divino Remunerador das almas fiéis às inspirações do Espírito Santo.

"Então — diz o evangelho do primeiro domingo do Advento — ver-se-á o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade. Quando começarem, pois, a cumprir-se estas coisas, olhai e levantai vossas cabeças, porque está próxima a vossa redenção" (103).

Epifania. A vinda dos Magos.

Na festa da Epifania, a vinda dos Magos é também apresentada como a realização de grandiosa visão de Isaías, na qual o profeta contempla tôdas as nações afluindo a Jerusalém, figura da Igreja (104).

S. Leão faz dela o comentário:

"Reconheçamos, portanto, nos Magos adoradores de Cristo, as primícias de nossa vocação e de nossa fé, e celebremos com o coração cheio de alegria o alvorecer de tão abençoada esperança. Pois, desde esse momento, começamos a entrar na celeste herança. Desde então foram desvendadas para nós as passagens misteriosas que nas Sagradas Escrituras se referem a Cristo, e a verdade, rejeitada pela cegueira dos judeus, espargiu sua luz em tôdas as nações. Celebremos, pois, este dia santíssimo, no qual se deu a conhecer o Autor de nossa redenção, e adoremos, e adoremos, onipotente no céu, Aquêlê que os Magos adoraram criancinha no presépio" (105).

A manifestação de Jesus no Jordão.

A 13 de janeiro, festa da Comemoração do Batismo de Nosso Senhor, a liturgia faz reviver diante de nós a cena da manifestação de Jesus no momento em que se fêz batizar por João Batista.

"João, diz o evangelho, deu testemunho dizendo: Vi o Espírito descer do céu em forma de pomba, e repousou sobre êle. E eu não o conhecia, mas o que me mandou batizar em água disse-me: Aquêlê sobre quem vires descer e repousar o Espírito, esse é o que batiza no Espírito Santo. Pois bem! Eu o vi, e atesto que êle é o Filho de Deus" (106).

(103) Lc. 21.27-28. Evang. 1.º dom. do Advento.

(104) Epístola e 2.º lição de Matinas. — Is. 60.1-6.

(105) 6.º lição — Epifania.

(106) Evangelho de 13 de janeiro — Jo. 1.32-34.

Tendo tomado sôbre si a responsabilidade de nossos pecados, quis Jesus ser batizado na água, como se êle próprio fôsse pecador.

"Seu alvo — diz S. Gregório Nazianzeno — é sepultar o velho Adão nas águas, e, antes de tudo, santificar por seu batismo as águas do Jordão, a fim de que, sendo êle espírito e matéria, os que viessem a ser batizados fôssem santificados pela virtude do Espírito Santo e por um elemento — a água. Desta sai Jesus arrastando de certo modo em seu seguimento e elevando consigo o mundo até então mergulhado no abismo. Vejo abrir-se o céu que o primeiro Adão fechara outrora para si mesmo e para nós. O Espírito Santo dá testemunho: êsse testemunho vem do céu, pois do céu desceu Aquêle de quem o Espírito dá testemunho" (107).

Caracterizara João Batista a missão de Jesus, dizendo:

"Eu, verdade, vos batizo na água...; êle vos batizará no Espírito Santo e no fogo" (108).

Ê a Cristo que compete merecer-nos o Espírito Santo e espalhá-lo em profusão no mundo das almas pelo batismo, cuja administração confiou à sua Igreja.

"A santidade do batismo — explica Sto. Agostinho — deve ser atribuída exclusivamente a Jesus Cristo, sôbre o qual desceu a pomba e de quem foi dito a João: "Êste é que batiza no Espírito Santo". Se Pedro batiza, "ê êste que batiza"; se Paulo batiza, "ê êste que batiza"; se Judas batiza, "ê êste que batiza" (109).

A descida do Espírito Santo sôbre Jesus por ocasião de seu batismo no Jordão anuncia o investimento da Igreja pelo Espírito Santo no dia de Pentecostes. Só depois de terem sido batizados no Espírito Santo, que sôbre êles desceu sob a forma de línguas de fogo, é que os Apóstolos batizaram as multidões (110).

Isaías, falando do Messias, profetizara:

"Eis o meu servo, eu o ampararei; o meu escolhido, no qual a minha alma pôs a sua complacência. Sôbre êle derramei o meu Espírito, êle anunciará a justiça entre as nações. Não quebrará a cana rachada" (111).

(107) 5.ª e 6.ª lição.

(108) Mt. 3.11.

(109) 8.ª lição.

(110) Cf. At. 2.41.

(111) 1.ª lição — terça-feira da 4.ª sem. do Advento — Is. 42.1-4.

Na descrição do batismo de Jesus, empregam os Sinópticos termos análogos aos do profeta. S. Lucas, por exemplo, diz:

"No momento em que Jesus, já batizado, estava em oração, abriu-se o céu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal como uma pomba. E veio do céu uma voz: Tu és meu filho muito amado, em ti pus as minhas complacências" (112).

Começou Jesus sua vida terrestre sendo concebido pelo Espírito Santo. Inaugurou seu ministério público depois do que se pode chamar sua investidura oficial como profeta, sumo sacerdote e rei, unguido com o crisma do Espírito Santo.

Tendo voltado à Galiléia, declarava na Sinagoga de Nazaré que nête se realizava a profecia de Isaías:

"O Espírito do Senhor está sobre mim porque me consagrou com sua unção" (113).

E no dia de Pentecostes S. Pedro dirá:

"Sabeis como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem" (114).

Manifestação de Jesus em Caná.

O evangelho do segundo domingo depois da Epifania é o das Bodas de Caná. Para compreendê-lo, é preciso ter em consideração o gênero literário de S. João.

"João, por último — diz S. Clemente de Alexandria — vendo que tudo o que é de ordem material estava suficientemente focalizado nos outros evangelhos, divinamente inspirado pelo Espírito Santo compôs seu evangelho espiritual."

Em sua narrativa, o sentido literal é recoberto de um sentido místico, que se refere ao mistério da união de Cristo e sua Igreja. Há confrontação entre as núpcias divinas e as humanas, sendo estas o símbolo daquelas.

(112) Evangelho da missa votiva de S. José — Lc. 3.21-22.

(113) Gradual da missa do Sacerdócio eterno de Cristo — Is. 61.1 — Lc. 4.18. Cf. pág. 38.

(114) Epístola, segunda-feira de Páscoa — At. 10.38.

A tentativa de Maria junto a seu Filho: "Eles não têm mais vinho", comporta também dupla acepção, insinuada na resposta de Jesus:

"Mulher, deixe isto por minha conta; ainda não chegou a minha Hora" (115).

Sete vêzes aparece a expressão "minha Hora" no evangelho de S. João, e sempre referindo-se ao mistério pascal. "A hora" de sua exaltação será aquela em que, por sua morte sôbre a cruz, êle merecerá a ressurreição, a glorificação nos céus e nossa participação nesses mistérios pela vinda do Espírito Santo.

"Mulher, deixe isto por minha conta", diz Jesus. Será entretanto atendido o pedido de Maria e ela o sabe, pois diz aos servos: "Fazei tudo o que êle vos disser". De fato, seu divino Filho ordenou-lhes que enchessem de água seis grandes jarras e levassem ao mestre-sala, para provar, a água mudada em vinho, bem melhor do que o servido até então.

"Assim — diz o evangelista — manifestou êle sua glória, e seus discípulos creram nêle" (116).

Esse milagre tem um sentido espiritual que se relaciona, como acabamos de dizer, ao mistério pascal designado pela "Hora" de que fala Jesus. Por sua paixão, ressurreição, ascensão e pelo envio do Espírito Santo à Igreja, que será a feliz consequência dêsses mistérios, o Filho de Deus substituirá o Antigo Testamento pelo Nôvo.

O povo de Deus, a vinha de Israel outrora próspera, não mais dá fruto: "*Vinum non habent*".

Nas núpcias messiânicas, Cristo responsabilizar-se-á por um vinho nôvo, em grande abundância e de mais excelente qualidade. Dêsse vinho que inebria espiritualmente as almas, o regime mosaico é dêle desprovido; é o Espírito Santo, do qual S. Paulo diz na epístola aos Efésios:

"Não vos embriagueis de vinho: sêde, ao contrário, cheios do Espírito Santo" (117)

(115) Jo. 2.4.

(116) Jo. 2.11.

(117) Epístola do 20.º dom. depois de Pentecostes — Ef. 5.18.

Também àqueles que no dia de Pentecostes zombavam dos Apóstolos e diziam: "Estão cheios de mosto", S. Pedro responderá:

"Não, êstes homens não estão êbrios como supondes, mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: "Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei meu Espírito" (118).

"Segundo a resposta de Jesus — diz S. Gaudêncio — parece que o pedido de Maria vai muito além da simples obtenção de uma bebida material; visa antes obter aquela efusão do Espírito Santo, que deveria encher as almas de inebriamento espiritual, e que Jesus só concederia depois de sua paixão e ressurreição" (119).

(118) Leitura sábado Têmporas Pentecostes.

(119) Sermão 9.

CAPITULO III

O ANO LITÚRGICO E O ESPÍRITO SANTO

(Continuação)

CICLO DE PASCOA (SETUAGESIMA — QUARESMA — PAIXÃO).

Tempo da Setuagésima.

O segundo ciclo do ano litúrgico tem como centro de interesse a festa de Páscoa que se prolonga até Pentecostes.

Divide-se em Tempo da Setuagésima (3 domingos), da Quaresma (4 domingos) e da Paixão (2 domingos). Em seguida vem o período de cinquenta dias, de Páscoa a Pentecostes, pois o mistério pascal comporta, não somente a vitória de Jesus e sua gloriosa passagem dêste mundo ao Pai, mas também a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, conforme a promessa que Ihes fizera o Senhor.

Tende assim tôda a obra do Redentor à promulgação oficial da Igreja, cuja missão é dilatar o reino de Deus e de Cristo, pondo as almas sob o domínio do Espírito Santo.

Em Pentecostes, quando o Espírito divino toma posse da Igreja nascente, é que por ela principia êle a luta vitoriosa contra o Espírito do mal. Também a partir dêsse momento é que infunde, ainda por ela, nas almas, a vida espiritual e divina.

Setuagésima.

A partir da Setuagésima a Igreja começa, no ofício divino, pelo livro de Gênesis, seguido de Números etc., a leitura contínua da Sagrada Escritura (*lectio continua*).

É tôda a História Santa, em suas grandes linhas, que assim cada ano a liturgia evoca, explicando-lhe o sentido típico ou simbólico. Não afirmou Nosso Senhor várias vêzes que a Escritura falava dêle? À luz do Espírito Santo, os Apóstolos, e em seguida os Padres da Igreja, não estabeleceram um elo de continuidade entre a primeira fase do drama da redenção e a da vida de Cristo e de sua Igreja que realizam as figuras, promessas e profecias daquela, numa espécie de recapitulação bem mais perfeita?

A história da criação e da queda (Setuagésima), a de Noé e do dilúvio (Sexagésima), a de Abraão e da Aliança (Quinquagésima), de Jacó (2.^a semana da Quaresma), de José (3.^a semana da Quaresma), de Moisés conduzindo o povo de Deus através do deserto para a terra prometida (4.^a semana da Quaresma) etc. . . ., são outros tantos acontecimentos que se referem aos tempos messiânicos.

Assim, na epístola da Setuagésima e na do 9.^o domingo depois de Pentecostes, que é continuação da primeira, S. Paulo põe em paralelo o êxodo israelita e a conduta dos cristãos.

"Nossos pais estiveram todos sob a nuvem, atravessaram todos o mar Vermelho, e na nuvem e no mar foram todos batizados em Moisés. Comeram todos o mesmo alimento espiritual, e beberam todos a mesma bebida espiritual. . . , apesar disto, para com a maior parte dêles Deus não conservou sua benevolência" (120). "Tudo isto lhes aconteceu para nos servir de exemplo e foi escrito para nossa instrução" (121).

Têm os cristãos à sua disposição o sacramento do batismo e a Eucaristia, figurados pela coluna de nuvem e pela passagem do mar Vermelho, pelo maná e pela água do rochedo. Mas para assegurarem a salvação, devem precaver-se e não incidir nas faltas em que caíram os hebreus.

Não temos que nos alongar aqui no desenvolvimento do paralelismo entre as duas "economias" do antigo e do novo povo de Deus. Só voltaremos a êle no comentário dos textos litúrgicos em que se trata formalmente do Espírito Santo; por exemplo, no capítulo V onde se vê a ação que êsse divino Espírito opera pela Igreja, mediante os sacramentos.

(120) 1 Cor. 10.1-5.

(121) 1 Cor. 10.11-12.

Tempo da Quaresma. Quarta-feira de cinzas.

A Igreja abre a Quaresma impondo cinzas aos fiéis e rogando "que êles se tornem cheios do espírito de compunção." O celebrante termina êsse rito pela oração seguinte, que timbra em acentuar o combate espiritual durante a santa quarentena:

"Concedei-nos, Senhor, a graça de encetarmos com santos jejuns o combate da milícia cristã, a fim de que, devendo combater contra os espíritos malignos, sejamos munidos dos auxílios da abstinência."

E, na mesma quarta-feira de cinzas, no evangelho da missa, extraído do "sermão da montanha", Jesus nos fala do espírito de que devemos ser animados para agradarmos a Deus e acumular tesouros no céu.

"Quando jejuas, perfuma-te a cabeça e lava o teu rosto a fim de que não mostres aos homens que jejuas, mas a teu Pai que está presente no secreto; e teu Pai, que vê no secreto, te dará a recompensa" (122).

"Ajuntai tesouros no céu... Porque onde está o teu tesouro, aí está também teu coração" (123).

O que caracteriza a nova lei é assegurar o pleno desabrochar da lei antiga de Moisés, aperfeiçoando-lhe o espírito. Com efeito, são nossas disposições interiores, nossa intenção, nossa afeição, sobrenaturalizadas pelo Espírito Santo, que dão às nossas práticas exteriores verdadeiro valor aos olhos de Deus. Por isto, na oração da missa da sexta-feira depois das Cinzas, a Igreja dirige a Deus esta prece:

"Dignai-vos, Senhor, acompanhar com vossa graça misericordiosa os jejuns que começamos, a fim de que, cumprindo exteriormente esta observação, possamos também praticá-la com sinceridade de coração."

Domingos da Quaresma.

A boa observância da Quaresma, em que se empenham, simultaneamente, corpo e alma, é um efeito da graça divina; assim, na epístola do primeiro domingo da Quaresma, S. Paulo nos exorta:

"a não recebermos em vão a graça de Deus" (124).

(122) Mt. 6.17-18.

(123) Mt. 6.20-21.

(124) 2 Cor. 6.1.

Ele mesmo, como ministro de Deus, deixa-se conduzir "pelo Espírito Santo" e, com "a força de Deus", sustenta o bom combate, empregando "as armas da justiça" (125), isto é, esforçando-se por resistir ao mal e praticar a virtude.

Mas nosso modelo por excelência, muito particularmente durante a santa quarentena que nos prepara cada ano para as festas pascais, é Jesus tentado pelo demônio no deserto e repelindo-o vitoriosamente como no-lo mostra o evangelho do primeiro domingo da Quaresma.

A queda de Adão e de todo o gênero humano foi ocasionada pelo demônio, "príncipe deste mundo" (126), como o denomina Cristo que o veio combater para restabelecer nas almas o reino de Deus.

Lê-se na primeira epístola de S. João:

"Quem comete o pecado é do demônio, porque o demônio peca desde o princípio. Para destruir as obras do demônio é que o Filho de Deus apareceu" (127).

Desde logo se compreende por que S. Mateus diz:

"Foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, a fim de ser tentado, pelo demônio" (128).

Por três vezes respondeu Cristo ao tentador: *Scriptum est*, opondo-lhe um texto do Deuteronomio, referente à permanência dos Israelitas no deserto. Mostrava, assim, seu desejo de reparar a tríplice desobediência do povo de Israel por ocasião do êxodo no deserto, e também quanto é poderosa a palavra de Deus exarada, com a assistência do Espírito Santo, nas Sagradas Escrituras.

"Cristo, diz Sto. Tomás, quis ser tentado para nos servir de exemplo e de auxílio nas tentações, e para nos ensinar de que modo as devemos vencer" (129).

O Evangelho do terceiro domingo da Quaresma mostra-nos novamente Jesus às voltas com o demônio.

"Naquele tempo — diz S. Lucas — estava Jesus a expulsar um demônio, e este era mudo. O demônio saiu, o mudo falou e as turbas ficaram maravilhadas" (130).

(125) 2 Cor. 6.6-7.

(126) Jo. 12.3.

(127) 2.ª lição, segunda-feira depois da Ascensão — 1 Jo. 3.8.

(128) Mt. 4.1.

(129) Summa Theol. 3.ª Q. 41, a. 1, ad 4.

(130) Lc. 11.14.

Trata-se de um caso de possessão diabólica, acrescido de sistemática oposição por parte de alguns escribas⁽¹³¹⁾ e fariseus⁽¹³²⁾. Chegaram êsses adversários de Jesus a acusá-lo até de conivência com Belzebu, chefe dos demônios, para operar essa expulsão.

"Conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes Jesus: Se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino?"⁽¹³³⁾.

Não, Satanás não se destrói a si mesmo: êle não cede senão a um mais forte do que êle.

"Quando um homem forte e bem armado guarda seu palácio, os seus bens estão seguros. Caso, entretanto, sobrevenha outro mais forte e o vença, tira-lhe a armadura em que confiava e reparte os seus despojos"⁽¹³⁴⁾.

O forte armado, de que fala o Salvador, outro não é senão Satanás que dominava tranqüilamente o mundo. Mas um mais forte do que êle vem pôr têrmo a seu domínio sôbre os homens, que lhe são sujeitos por suas paixões e seus vícios.

"Se é pelo dedo de Deus que expulso os demônios, é que chegou para vós o reino de Deus"⁽¹³⁵⁾.

A expressão "dedo de Deus" designa o "Espírito de Deus", como um texto paralelo de S. Mateus o indica⁽¹³⁶⁾. Também o hino de Vésperas de Pentecostes diz do Espírito Santo que êle é o "dedo da dextra do Pai" (*Veni, Creator Spiritus*). Aliás, comentando o texto de S. Lucas, que acabamos de citar, pergunta S. Gregório:

"Que significam os dedos do Redentor senão os dons do Espírito Santo?"⁽¹³⁷⁾.

O Verbo encarnado, cuja alma estava tôda cheia do "Espírito de Deus", do "Espírito Santo", possuía um poder divino incomparavelmente mais forte que o do demônio. Demonstrou-o libertando o infeliz possesso que era tiranizado por Satanás.

(131) Mc. 3.22.

(132) Mt. 12-24.

(133) Lc. 11.18.

(134) Lc. 11.21-22.

(135) Lc. 11.20.

(136) Mt. 12-28.

(137) 7.^a lição, 11 dom. depois de Pentecostes.

Dois reinos espirituais se defrontam: o do Espírito do mal, do "Espírito imundo", como o denomina o evangelho citado ⁽¹³⁸⁾, e o reino do Espírito de Deus, do Espírito de santidade que, em Jesus, vai garantir a vitória.

Não podem, pois, os homens ficar indiferentes ante essa luta entre Cristo e Satanás.

"Quem não está comigo está contra mim, declara o Salvador; e quem não recolle comigo, dispersa" ⁽¹³⁹⁾.

Na missa da quarta-feira da quarta semana da Quaresma, o profeta Ezequiel prediz a efusão da água viva e do Espírito Santo ⁽¹⁴⁰⁾. A Igreja vê nisso alusão ao batismo que transforma interiormente as almas.

"Derramarei sôbre vós uma água pura, e sereis purificados de tôdas as vossas imundícies. Dar-vos-ei um coração novo, e porei um novo espírito em vós" ⁽¹⁴¹⁾.

Na Páscoa eram os catecúmenos batizados "na água e no Espírito" ⁽¹⁴²⁾. Dêsse modo, nasciam à vida da graça, vida espiritual em que desempenha papel preponderante o Espírito Santo.

Na Sagrada Escritura, o termo espírito "pneuma" designa o Espírito Santo, quer diretamente (escreve-se então com maiúscula), quer indiretamente, pois é Ele que sobrenaturaliza o *espírito* do homem fazendo-o participar da plenitude de graças de que êle cumulou a alma de Jesus, ao realizar-se o mistério da Encarnação.

Tempo da Paixão.

É tomada em Jeremias a *lectio continua* das Sagradas Escrituras durante as duas semanas do Tempo da Paixão. Põe-nos a Igreja, ainda aqui, à escuta do Espírito Santo "*qui locutus est per prophetas*" (*Credo*).

(138) Lc. 11.24.

(139) Lc. 11.23.

(140) 1.^a leitura.

(141) Ez. 36.25-26.

(142) Jo. 3.5.

Existem, aliás, impressionantes semelhanças entre a paixão do Salvador e os sofrimentos de Jeremias. Assim, nas perseguições de que foi vítima o profeta, e que êle, em termos emocionantes, nos descreve, a Igreja vê a prefiguração e predição do muito do que os perseguidores do Messias o fizeram sofrer:

"Eu era como um manso cordeiro que é levado para ser vítima... Diziam êles contra mim: Exterminemo-lo da terra dos vivos" (143).

Ainda com maior precisão profetizou Isaiás diferentes circunstâncias da paixão do Salvador. Cita-o a Igreja durante a Semana Santa (144). Não nos compete estudá-lo no presente volume.

O evangelho da segunda-feira da Paixão relata uma tentativa de aprisionamento de Jesus, quando em Jerusalém para a festa dos Tabernáculos.

"Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus enviaram agentes para o prenderem. Nesta ocasião disse Jesus: Ainda por um pouco estou convosco e depois irei para Aquêle que me enviou" (145).

Foi malograda essa tentativa dos chefes religiosos judeus, desejosos de se desembaraçarem de Jesus. Ainda não chegara a "Sua Hora", a hora da paixão e da glorificação, isto é, de sua volta ao Pai.

A festa dos Tabernáculos lembrava aos Judeus sua permanência no deserto. Nela se procedia a um rito de aspersão de água retirada da fonte de Siloé. Essa água era depois derramada aos pés do altar dos holocaustos em lembrança daquela com que Javé saciara miraculosamente seu povo no deserto de Faran.

São numerosos os textos dos profetas representando Deus como fonte a jorrar água viva. Isaiás diz, por exemplo:

"Não sofrem sede os que êle conduziu ao deserto; fêz jorrar para êles água do rochedo" (146).

Prefigurava êsse rochedo ao Messias, escreverá S. Paulo:

"Bebiam todos de uma rocha espiritual... Esta rocha era o Cristo" (147).

(143) Epístola de Têrça-feira Santa — Jer. 11.19.

(144) Por ex., 2.^a e 5.^a antifona de Laudes de Quinta-feira Santa.

(145) Jo. 7.32-33.

(146) Is. 48.21.

(147) Epístola, dom. da Setuagésima — 1 Cor. 10.4.

Quanto à água que jorra, é símbolo da vida espiritual de que Jesus é a fonte a derramar nas almas as graças do Espírito Santo. A água viva é particularmente o emblema dêsse Espírito vivificante. Com efeito, relata-nos S. João que, no dia mais solene da festa dos Tabernáculos,

"Jesus, em pé, dizia em alta voz: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva. Ele dizia isto referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que cressem nêle" (148).

Assim, seis meses antes da paixão, anuncia Cristo sua missão de dispensador do Espírito Santo, missão a ser realizada quando êle voltar para junto do Pai.

Mostra-nos o evangelho da sexta-feira da semana da Paixão os príncipes dos sacerdotes e os fariseus reunidos em conselho contra Jesus, ao saberem da ressurreição de Lázaro (149). E disseram:

"Que faremos nós? Êste homem faz muitos milagres. Se o deixamos continuar, crerão todos nêle, e virão os Romanos e destruirão nossa cidade e nossa nação. Mas um dêles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: "É de vosso interesse que morra um só homem, de preferência a ver perecer tôda a nação". Não falou isto por si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote daquele ano, profetizou que Jesus devia morrer por todo o povo, e não só por todo o povo, mas também para reconduzir à unidade os filhos de Deus dispersos. A partir dêsse dia, resolveram, pois, matá-lo" (150).

A expressão "profetizou", empregada por S. João, supõe a intervenção do Espírito de Deus. Eis como no-lo explica Sto. Agostinho:

"Vemos aqui que, mesmo os homens maus, podem, pelo espírito de profecia, anunciar coisas futuras. Entretanto o Evangelista atribui êste último fato a um mistério todo divino; pois nota que "êle era Pontífice", isto é, sumo sacerdote" (151).

No domingo de Ramos, faz-nos a Igreja aclamar a Cristo Rei, evocando sua entrada triunfal em Jerusalém.

(148) Evang. da segunda-feira da Paixão — Jo. 7.37-39.

(149) Jo. 11.46.

(150) Jo. 11.47-53.

(151) 3.ª lição, sexta-feira da Paixão.

"Com flôres e palmas, acorre a turba ao Redentor e presta digna homenagem ao vencedor em seu triunfo" (152). "Ave, Rei nosso, Filho de Davi e Redentor do mundo, que os profetas anunciaram vir como Salvador da casa de Israel" (153).

Sempre se conformou Jesus aos oráculos proféticos que lhe concerniam, dos quais foi o Espírito Santo o inspirador. No evangelho da bênção dos ramos, cita S. Mateus um desses oráculos:

"Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo profeta (Zacarias): Dizei à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti cheio de mansidão, montado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho da que leva o jugo" (154).

S. João nos diz no evangelho do sábado da Paixão:

"No momento os discípulos não compreenderam isto; mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se de que estas coisas estavam escritas a respeito dele, e que de fato se realizaram" (155).

Foi, portanto, quando o divino Ressuscitado lhes deu a inteligência das Escrituras e lhes enviou o Espírito Santo, que os Apóstolos compreenderam todo o alcance dessa profecia.

No mesmo evangelho acima mencionado, fala-nos S. João que Jesus anunciou sua morte próxima, a vitória definitiva que ele alcançaria sobre o demônio e a salvação que asseguraria ao mundo inteiro por sua exaltação na cruz.

"Foi para esta hora que vim... Agora o príncipe deste mundo será lançado fora. Mas eu, quando fôr levantado da terra, atrairei todos a mim". Dizia isto querendo dar a entender de que morte haveria de morrer" (156).

Tríduo pascal: Quinta-feira, Sexta-feira e Sábado Santos.

"Atrairei todos a mim". Esse alcance universal da redenção anunciado por Jesus é objeto das solenes Orações da Sexta-feira Santa.

(152) 1.^a antífona da procissão.

(153) 7.^a ant. da procissão.

(154) Zac. 9.9. — Mt. 21.4-5.

(155) Jo. 12.16.

(156) Jo. 12.27 e 31-32.

Destacamos a que se refere à ação que o Espírito de Deus exerce em tôda a Igreja.

"Onipotente e eterno Deus, cujo Espírito santifica e rege todo o corpo da Igreja, ouvi a prece que vos fazemos pelos cristãos de tôdas as condições, a fim de que, pelo socorro de vossa graça, todos êles vos possam servir fielmente."

Memorial da Ceia.

A Igreja celebra na Quinta-feira Santa o "Memorial da Ceia". Muito particularmente comemora a instituição do sacrifício eucarístico e do sacerdócio católico, feitos por Jesus. Diz o evangelho dêsse dia:

"Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a hora de passar dêste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, deu-lhes de seu amor um testemunho supremo" (157).

Com tôda caridade e humildade lavou-lhes os pés. Depois, tendo comido com êles o cordeiro pascal, tomou pão e vinho e os transformou em seu corpo e em seu sangue. Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, assim preludiava Jesus, por um rito não sangrento, à sangrenta oblação que, para a salvação de todos os homens, iria Êle realizar no dia seguinte sôbre a cruz.

"Ofereceu a Deus seu Pai, diz o Concílio de Trento, seu corpo e seu sangue sob as espécies de pão e de vinho; sob êstes mesmos símbolos os distribuiu aos Apóstolos que estabeleceu então como sacerdotes do Novo Testamento e deu-lhes, a êles assim como a seus sucessores no sacerdócio, a ordem de oferecê-los, por estas palavras: "Fazei isto em memória de mim" (158).

E, considerando a missa como um banquete sacrificial em que comungamos a Vítima divina do Gólgota, presente sôbre a mesa do Senhor (159), afirma S. Paulo:

"Tôdas as vêzes que comeis êste pão e bebeis dêste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que êle venha" (160).

A oblação do sangue da nova aliança, sempre renovada no decurso dos séculos sôbre os altares do mundo inteiro, assegura a todos

(157) Jo. 13.1.

(158) Ss. XXII, cap. 1.

(159) 1 Cor. 10.21.

(160) Epístola de Quinta-feira Santa — 1 Cor. 11.26.

os cristãos as graças de que o Calvário é a fonte e que são derramadas em profusão nas almas pelo Espírito Santo.

No discurso depois da Ceia, Jesus revelou, com efeito, a plenitude da ação que esse Espírito de verdade e de amor iria exercer na Igreja e, por ela, no mundo. Adiante voltaremos a tratar desse ponto: o referido discurso é objeto dos evangelhos entre Páscoa e Pentecostes.

Prisão e condenação de Jesus.

Nos evangelhos da Paixão notamos algumas palavras de Jesus que mostram seu cuidado em se conformar em tudo à vontade do Pai, revelada pelo Espírito Santo aos profetas e consignada nos Livros Santos, dos quais diz S. Paulo:

"Tôda a Escritura é inspirada por Deus" (161).

Quando, conduzidos por Judas, a coorte e os guardas do Templo vieram prender Jesus em Getsêmani, Simão Pedro com uma espada feriu a Malco, servo do sumo pontífice. O Mestre, porém, lhe disse:

"Metete a tua espada em seu lugar... Pensas que eu não poderia rogar ao Pai, que me enviaria, logo, mais de doze legiões de anjos? Como pois se cumpririam as Escrituras segundo as quais assim deve suceder?... Tudo isto aconteceu para que se cumprissem os escritos dos profetas" (162).

Pouco depois, ao comparecer Jesus diante do Sinédrio, o sumo sacerdote o submeteu a um inquérito. Na falta de argumentos, perguntou-lhe afinal:

"És tu o Messias, o Filho de Deus? — Eu o sou, respondeu Jesus, e vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus e vindo entre as nuvens do céu" (163).

A expressão "sentar-se à direita de Deus" é alusão ao salmo de Davi: *Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis*, que é uma profecia messiânica (164). E essa vinda sôbre as nuvens lembra a

(161) 2 Tim. 3.16.

(162) Dom. de Ramos — Mt. 26.52-56.

(163) Mc. 14.61-62.

(164) Sl. 109.1.

visão do profeta Daniel que percebeu um como que Filho do homem, vindo sôbre as nuvens do céu e recebendo do Ancião dos dias (Deus) império e realza sôbre todas as nações (165).

Declarar-se Filho de Deus diante do Sinédrio e assim públicamente atrogar-se uma realza divina era para Jesus assinar a própria condenação. Vociferaram os chefes religiosos judeus ante a blasfêmia e declararam: "É réu de morte" (166). Mas não tendo êles direito de executar esta sentença, recorreram a Pilatos, que governava a Judéia em nome dos Romanos.

Diante da autoridade civil, acusaram Jesus de um crime de caráter político:

"Achamos êste homem... dizendo-se o Messias-Rei" (167).

Interrogado pelo governador a êsse respeito, respondeu Jesus:

"Meu reino não é d'êste mundo... Meu reino não é daqui" — "Então, tu és rei?" disse-lhe Pilatos. — "Tu o dizes, eu sou rei", respondeu Jesus. "Para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquêle que é da verdade escuta minha voz" (168).

Esse reino espiritual é aquêle que o "Espírito de verdade", prometido por Cristo no discurso após a Ceia, estenderá ao mundo inteiro. Trata-se de uma realza de ordem inteiramente diversa da ordem política, na qual estavam acusando Jesus. A causa não era, portanto, da competência do governador romano, que afirmou:

"Por mim não acho crime nesse homem."

Os Judeus exclamaram então:

"Nós temos uma Lei, e segundo essa Lei deve morrer, porque se diz Filho de Deus" (169).

Estamos no próprio âmago do drama da redenção. É como Filho de Deus e para estabelecer sua realza sôbre as almas por direito de conquista que Jesus se entrega voluntariamente à morte. A Pilatos que ainda o interroga, nada diz que lhe possa valer a vida. E

(165) Dan. 7.13-14.

(166) Mt. 26.66.

(167) Lc. 23.2.

(168) Jo. 18.36-37.

(169) Jo. 19.6-7.

finalmente, avolumando-se os clamores a exigirem que o crucificassem, declarou o governador:

"Sou inocente do sangue deste justo, vêde bem!" (170). "E lhes entregou Jesus para fazerem d'ele o que pretendiam" (171).

"Tomaram pois a Jesus e o levaram. E ele, carregando a cruz, dirigiu-se para o Gólgota, onde o crucificaram" (172).

Morte de Jesus sobre a cruz.

Cêrca da hora sexta (meio-dia) o divino Crucificado entrou em agonia. Foi ela dolorosíssima e durou três longas horas. À hora nona (três horas da tarde) soltou Jesus um grande brado:

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (173).

É por esta frase que começa o salmo 21, em que Davi relembra as perseguições passadas e exprime a esperança de um próximo triunfo. Fazendo suas sobre a cruz essas palavras inspiradas pelo Espírito Santo, Jesus mostrava terem elas caráter profético e encontrarem nêle perfeito cumprimento. Provam-no cabalmente outros versículos do mesmo salmo 21, que tiveram no momento plena realização.

"Os transeuntes injuriavam-no" (174).

"Dividiram entre si as suas vestes, lançando sortes" (175).

"Os príncipes dos sacerdotes zombavam d'ele com os escribas e anciãos: Salvou os outros, diziam, e não pode salvar a si mesmo. Ele é rei de Israel!... Confiou em Deus; que Deus o liberte agora, se o ama" (176).

Entre os sofrimentos físicos que torturam os crucificados, há um particularmente atroz: uma sêde ardente. Foi o único de que Jesus se queixou, e fê-lo para que totalmente se cumprissem tôdas as profecias, feitas sob a inspiração do Espírito Santo, a seu respeito.

"Sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: "Tenho sêde". Havia lá um vaso cheio de vinagre.

(170) Mt. 27.24.

(171) Lc. 23.25.

(172) Jo. 19.17-18.

(173) Mt. 27.46.

(174) Mt. 27.39; Sl. 21.8.

(175) Mt. 27.35; Sl. 21.19.

(176) Mt. 27.41-42; Sl. 21.8-9.

Embeberam no vinagre uma esponja, prenderam-na à ponta de uma vara de hissopo e chegaram-lha à boca. Tendo tomado o vinagre, disse Jesus: "Tudo está consumado!" E inclinando a cabeça, entregou o espírito" (177).

Com voz forte, exclamou: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". E, dizendo isto, expirou" (178).

Ainda aqui, foi no livro dos Salmos, cujo principal autor é o Espírito de Deus, que o divino Salvador tomou êsse versículo. Foi, portanto, sob a influência do Espírito divino que êle findou sua vida terrestre, ao entregar ao Pai seu espírito — sôpro saído da boca de Deus.

S. Paulo, na epístola do domingo da Paixão e na sétima lição do sábado Santo, fala do sacrifício que Jesus ofereceu derramando seu sangue para nossa salvação. Uma das razões pela qual esta oblação supera todos os sacrifícios da Antiga Lei é que Jesus, sumo sacerdote da Lei Nova, realizou-a sob a moção do Espírito Santo que inspirava todos os seus atos.

"Se o sangue de cabritos e de touros... santifica dando pureza de corpo, quanto mais o sangue de Jesus Cristo — que, pelo eterno Espírito (pelo Espírito Santo, diz a Vulgata) se ofereceu a Deus como vítima imaculada — purificará nossa consciência das obras mortas" (179).

No ordinário da missa, a segunda oração antes da santa comunhão exprime-se no mesmo sentido. Começa pelas seguintes palavras:

"Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que por vossa morte destes a vida ao mundo conforme a vontade do Pai e em cooperação com o Espírito Santo (cooperante Spiritu Sancto) etc."

Nossa participação na paixão de Jesus.

Por outro lado, se foi sob a influência do Espírito Santo que Jesus consumou nossa Redenção, é também guiada pelo mesmo Espírito que a Igreja comemora e celebra êsse mistério para associar a êle os fiéis, exortando-os a maior generosidade durante tôda a Quaresma.

(177) Jo. 19.28-30; Sl. 21.16; Sl. 68-22.

(178) Lc. 23.46; Sl. 30.6.

(179) Heb. 9.13-14.

Falando do jejum que nos mortifica o corpo, pede que nossa alma "se abstenha do pecado", "*a culpa jejunes*" (180).

A êsse respeito, diz S. Leão:

"É com razão e por inspiração do Espírito Santo que os Apóstolos ordenaram para êstes dias jejuns mais austeros, a fim de que, participando, também nós, da cruz de Cristo, façamos algo que nos una ao que êle fez por nós, como diz o Apóstolo: "Se sofrermos, com êle, com êle seremos glorificados" (181).

(180) Sábado, 3.ª sem. da Quaresma.

(181) 4.ª lição, dom. da Paixão — Rom. 8.17.

CAPITULO IV

O ANO LITÚRGICO E O ESPÍRITO SANTO

(Continuação)

CICLO DE PASCOA (Continuação) (PASCOA-ASCENSAO- PENTECOSTES)

Tempo pascoal.

Páscoa é a "Solenidade das solenidades": nela se comemora o aniversário da ressurreição de Jesus, e é por ela que a Igreja, pondo particularmente a nosso alcance êsse mistério, nos faz participar cada vez mais da vida nova do divino Ressuscitado.

"Cristo, nossa Páscoa, diz o Prefácio, foi imolado... Por sua morte destruiu a morte e restaurou a vida por sua ressurreição" (182)

Tem, portanto, o mistério pascoal duplo aspecto, correspondente à paixão e à ressurreição de Cristo. É simultâneamente mistério de morte e de vida.

Por sua morte expiatória, suprimiu Jesus o obstáculo que se opunha em sua humanidade mortal a que ela estivesse totalmente sob o domínio do Espírito Santo. Esse obstáculo era o pecado, cuja responsabilidade o Filho de Deus, feito homem e isento de tôda culpa, tomara sôbre si; pecado que teve como instigador do demônio quando tentou a Eva e por ela a Adão, e cujo castigo era a morte.

(182) Cf. Rom. 4.25.

A vitória de Jesus sobre a Cruz.

Sujeitando-se voluntariamente a essa pena de morte e deixando-se em seguida encerrar no túmulo, o Verbo encarnado, cuja alma se separou momentaneamente do corpo, destruiu de certo modo o "velho homem" (183). Afrontando ao "Príncipe deste mundo", despojou-o pagando a Deus nossa dívida em toda justiça, isto é, oferecendo-Lhe, por amor, uma justa expiação por nossos pecados. Toma então a morte, para nós, o caráter de uma libertação, a exemplo do que se deu com Jesus.

"Cristo, a própria inocência, diz a Sequência do domingo de Páscoa, reconcilia os pecadores com o Pai. Morte e vida se encontram em gigantesco duelo. Morto, o Príncipe da vida reina vivo."

O drama da redenção, que teve um caráter trágico no decurso da Paixão de Jesus no Calvário, termina com estupenda vitória de Cristo sobre o demônio. Aparentemente vencedor, foi este definitivamente vencido, pois, compensando por sua obediência total a desobediência de Adão, assegurou-se o novo Adão um direito de conquista sobre os homens remidos ao preço de seu sangue. Partilharão de sua vitória sobre as potências do mal todos aqueles que aderirem nos vínculos do amor, nos vínculos do Espírito Santo, ao divino Ressuscitado, como membros à Cabeça.

A parte negativa do mistério da salvação

Essa libertação do império do demônio, do pecado e de suas conseqüências é a parte negativa da obra da redenção. Realizou-a o Filho de Deus desembaraçando-se, por sua morte, daquilo que nêle se opunha, durante toda sua existência terrestre, ao desenvolvimento glorioso do mistério da Encarnação, pois nada menos que de uma humanidade sujeita ao sofrimento e à morte teve êle de se revestir para realizar a redenção. Graças a isto, repitamo-lo ainda, pôde êle, oferecendo a vida em sacrifício, merecer que nos pudéssemos libertar de tudo o que se opõe à ação da graça em nós, à ação do Espírito de Cristo em nossas almas.

(183) 2.º lição, 3 de janeiro — Rom. 6.6.

A parte positiva do mistério da salvação

A parte positiva e ponto culminante do mistério pascal é a invasão total da humanidade de Jesus pela vida divina, e sua repercussão em nossos corações.

Ressuscitando dentre os mortos, possui doravante o Filho de Deus uma humanidade imortal porque sob o completo domínio do Espírito Santo. Essencialmente essa humanidade é a mesma que foi pregada na cruz e traspassada pela lança, como Jesus o mostrou a Tomé dizendo-lhe:

"Metete aqui teu dedo, eis minhas mãos, aproxima também a tua mão e mete-a no meu lado" (184).

Mas essa humanidade ressuscitada tem tôdas as qualidades dos corpos gloriosos (impassibilidade, agilidade, subtilidade, etc). Assim pôde ela sair do túmulo selado e penetrar no Cenáculo onde se encontravam os Apóstolos "*Januis clausis*" (185). E como êstes cuidavam tratar-se de um espírito, e se apavoravam, disse-lhes Jesus:

"Por que vos perturbais? Vêde minhas mãos e meus pés, sou realmente eu! Apalpai e vêde: um espírito não tem carne nem ossos, como vêdes que eu tonho" (186).

O corpo do divino Crucificado, embalsamado por José de Arimatéia e Nicodemos com uma mistura de mirra e aloés (187) e encerrado no túmulo, ressuscitava portanto, verdadeiramente. Era inteiramente novo o modo de existência de sua humanidade. Totalmente "espiritualizada" devido à ação do Espírito Santo, achava-se ela, doravante, perfeitamente em condições de levar tôdas as almas a participarem da plenitude de sua vida espiritual. Diga-se a propósito, que Jesus começou a exercer êsse poder em favor dos apóstolos no próprio dia da ressurreição. Ao aparecer no Cenáculo, em Jerusalém, declarou-lhes:

"Como o Pai me enviou, assim eu vos envio". Após estas palavras, soprou sobre êles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (188).

(184) Evangelho dom. in albis — Jo. 20-27.

(185) Evang. dom. in albis — Jo. 20-29.

(186) Evang. terça-feira de Páscoa — Lc. 24.38-39.

(187) Sexta-feira Santa — Jo. 19.39-40.

(188) Evang. dom. in albis — Jo. 20. 21-23 v. cap. I pág. 15 e cap. V

Competirá aos Apóstolos e a seus sucessores fazer com que os homens se associem à morte e à ressurreição de Cristo. Assim, pela virtude do Espírito de Deus, que sustentou a Jesus na luta contra o demônio no Calvário, e após a morte lhe insuflou uma vida nova, morrerão as almas ao pecado e viverão sobrenaturalmente por Deus. Permanecendo nela, o Espírito de Cristo ser-lhes-á penhor de ressurreição do corpo quando Cristo voltar no fim dos tempos.

Comentando êsse mistério, na epístola aos Romanos, escreve S. Paulo, o apóstolo de Jesus ressuscitado:

"Se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, aquêlle que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também vossos corpos mortais por seu Espírito que habita em vós" (189).

Terceira fase do drama da redenção

Após a ressurreição de Jesus, desenrola-se de modo diferente o drama da redenção. Terminou a história de Cristo segundo a carne, e começa a da Igreja, seu corpo místico. Livre das condições materiais da vida terrestre, vai deixar êste mundo o divino Ressuscitado para ser glorificado pelo Pai no Céu, e de lá enviará aos apóstolos e discípulos o Espírito Santo conforme lhes prometera.

Antes, porém, é necessário que êstes estejam plenamente seguros do fato da ressurreição do divino Mestre (190); que Pedro, como vigário de Cristo, seja investido do cargo de supremo pastor dos cordeiros e das ovelhas do rebanho de Cristo (191), e que o colégio apostólico — compreendendo à luz das Escrituras o verdadeiro sentido dos tempos messiânicos (192) — prepare-se para a vinda do Espírito Santo e para o desempenho da missão, cujas diretivas Jesus lhes deu "pelo Espírito Santo" (193).

"Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide, portanto, e ensinai a tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar todos os mandamentos que vos dei" (194).

(189) 3.^a lição, 5 de janeiro — Rom. 8.11.

(190) Evang. de terça e quarta-feira de Páscoa e do dom. in albis.

(191) Evang. de 28 de junho.

(192) Evang. de segunda e terça-feira de Páscoa.

(193) At. 1.2.

Diz S. Lucas nos Atos dos Apóstolos — cuja leitura (*lectio continua*) começa depois do domingo *in albis*:

"No meu primeiro livro (195), narrei tudo o que Jesus fêz e ensinou desde o início até o dia em que, tendo dado preceitos por meio do Espírito Santo aos Apóstolos que tinha escolhido, foi elevado ao céu; também se manifestou vivo, a eles, depois da paixão, com muitas provas de que vivia, aparecendo-lhes por quarenta dias, e falando do reino de Deus. Ora, um dia em que tomava refeição com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a realização da promessa do Pai: "Promessa — disse ele — que ouvistes de mim; porque João batizou com água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias (...). E com o Espírito Santo que descerá sobre vós, recebereis a força, e me sereis testemunhas em Jerusalém, e em toda a Judéia, e na Samaria, e até os extremos da terra" (196).

Papel que o Espírito Santo desempenhará na Igreja.

Foi descrito por Jesus, no "Discurso depois da Ceia", o papel que o Espírito Santo desempenharia na Igreja e no mundo. No evangelho de alguns domingos depois da Páscoa, do domingo depois da Ascensão, e da Vigília assim como da festa de Pentecostes, a liturgia faz-se eco daquelas palavras.

Dirigindo-se aos Apóstolos, Jesus lhes anunciou:

"Rogarei ao Pai e ele vos dará um outro Paráclito para que fique eternamente convosco: o Espírito de verdade a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis porque habitará convosco, e estará em vós" (197).

"Eu vos tenho dito estas coisas enquanto permaneço convosco. Mas o Consolador, o Espírito Santo que vos será enviado pelo Pai em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que eu vos disse" (198).

A pedido de Jesus, será enviado o Espírito Santo pelo Pai, e graças às luzes desse Espírito divino é que os Apóstolos e seus sucessores compreenderão todo o alcance das palavras ditas por Jesus e exaradas nas Escrituras.

(194) Evang. da sexta-feira de Páscoa — Mt. 28.18-20.

(195) Esse livro é o Evangelho de S. Lucas.

(196) At. 1.1-8.

(197) Vigília de Pentecostes — Jo. 14.16-17.

(198) Evang. de Pentecostes — Jo. 14.25-26.

"Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei do Pai, o Espírito de verdade que procede do Pai, êle dará testemunho de mim. E vós também, dareis testemunho, porque desde o princípio estais comigo" (199).

Não só em nome de Cristo, mas também por Cristo é que o Pai enviará o Espírito Santo. Este Espírito, simultaneamente do Pai e do Filho, procede de um e de outro e é como êles a própria Verdade. Sua vinda dará testemunho da divindade de Jesus e de sua missão divina. Serão no mundo mensageiros dêsse testemunho os Apóstolos que viveram com Cristo e o viram depois da ressurreição. Por êles, o Espírito Santo fará os cristãos viverem da própria vida do divino Ressuscitado, o que aumentará a eficácia do testemunho.

Convém a vós que eu vá, acrescenta Jesus; se eu não fôr, não virá a vós o Consolador; se, ao contrário, partir, vo-lo enviarei. E êle, quando vier, confundirá o mundo por causa do pecado, da justiça e do julgamento: do pecado, porque não têm fé em mim; da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis; do julgamento, porque o Príncipe dêste mundo foi condenado" (200).

Defensor de Cristo, mostrará o Espírito de Deus pelo testemunho dos Apóstolos quanto é grande o pecado daqueles que, imbuídos do espírito do mundo, recusarão crer em Jesus e condená-lo-ão.

O Espírito Santo mostrará também, sempre por intermédio dos Apóstolos e de seus sucessores, como Deus, pela glorificação de Cristo no céu, fará ressaltar a injustiça dos homens.

O mesmo Defensor confundirá igualmente àqueles que, inspirados pelo Príncipe dêste mundo, considerarão tal sentença como irrevogável. Por sua morte será Jesus, de fato, vencedor de Satanás e, sob a ação do Espírito, a Igreja manifestará êsse triunfo, resistindo vitoriosamente às perseguições.

"Quando vos entregarem — dissera Jesus aos Apóstolos — não cuideis como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (201).

"Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não as podeis compreender agora. Quando vier, porém, o Espírito de verdade, êle vos introduzirá na verdade completa. Não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e anunciar-vos-á o futuro. Êle me glorificará porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará" (202).

(199) Domingo depois da Ascensão — Jo. 15.26-27.

(200) 4.º dom. depois da Páscoa — Jo. 16.7-11.

(201) Evang. de 30 de junho — Mt. 19-20.

(202) Evang. do 4.º dom. depois de Páscoa — Jo. 16.12-14.

"Ele dirá o que tiver ouvido". Para o Espírito Santo, ouvir significa receber, procedendo eternamente do Pai e do Filho, a natureza divina, igual à de ambos, e possuir, portanto, a ciência infinita pela qual Deus conhece tôdas as coisas presentes e futuras. Jesus, que procede do Pai, revelou ao mundo o que do Pai ouviu (203). Do mesmo modo, o Espírito que procede do Pai e do Filho conduz as almas ao conhecimento das verdades divinas que o Pai, ao gerar o Filho, lhe revela, e que ambos comunicam àquele que as Escrituras denominam "Espírito do Pai" e "Espírito do Filho".

"O Espírito que procede do Pai, diz Jesus, é que me glorificará" (204).

"Ele é o Espírito do Filho, explica Sto. Agostinho, porque não fala por si mesmo, mas anuncia o que ouviu da parte do Filho" (205).

E Jesus acrescenta:

"Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará" (206).

Ascensão

Jesus sobe ao céu e, pelo Espírito Santo, voltará sobre a terra.

Termina S. Lucas seu Evangelho pela narrativa da Ascensão (207) e começa os Atos dos Apóstolos indicando que tal acontecimento se deu quarenta dias após a Ressurreição do Senhor (208).

Quarenta dias depois da festa da Páscoa, celebra, portanto, a Igreja a festa da Ascensão. O evangelho de S. Marcos cantado neste dia termina pela seguinte frase:

"Depois de Ihes haver assim falado, foi o Senhor elevado ao céu e assentou-se à direita de Deus. E eles (os Onze), tendo partido, pregaram por tôda a parte, assistidos pelo Senhor" (209).

(203) Jo. 8.26.

(204) Ant. Magn. quinta-feira de Pentecostes.

(205) P. L. 38, 1888.

(206) Evang. 4.º dom. depois de Páscoa — Jo. 16.14, v. p.

(207) Lc. 24.50-51.

(208) At. 1.2.

(209) Ascensão — Mc. 16.19-20.

Essa assistência do Senhor faz-nos lembrar a promessa de Jesus:

"Não vos deixarei órfãos: hei de voltar a vós" (210)

De fato, aqueles a quem Jesus dissera no discurso da Ceia:

"Filhinhos, bem pouco tempo estarei ainda convosco" (211)

não ficaram na orfandade. Depois da ressurreição e do regresso ao céu, voltou Jesus a eles por seu Espírito Santo, que é o vínculo de amor pelo qual todos os membros do corpo místico de Cristo se unem à divina Cabeça e participam com ela da filiação divina.

"Naquele dia — explicara-lhes Jesus — conhecereis que estou no Pai, e vós em mim, e eu em vós... Aquêle que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a êle" (212).

Na epístola da festa da Ascensão, diz S. Lucas, como acima ficou dito (213):

"Tendo transmitido suas instruções, por meio do Espírito Santo, aos Apóstolos que tinha escolhido, foi Jesus elevado ao céu" (214).

E mais adiante:

"À vista deles elevou-se da terra e uma nuvem o ocultou aos seus olhos" (215).

Não mais submetido às leis da matéria, o corpo do divino Resuscitado, "corpo espiritual... e celeste" (216), elevando-se aos ares, penetrou no reino celeste onde os anjos adoram a divindade. O próprio Jesus dissera:

"Na ressurreição os homens serão como os anjos no céu" (217).

(210) Evang. Vigília de Pentecostes — Jo. 14.18.

(211) Jo. 13.33.

(212) Evang. Vig. de Pentecostes — Jo. 14.20-21.

(213) Ver c. IV, p. 69.

(214) At. 1.2.

(215) At. 1.9.

(216) I Cor. 15.44 e 49.

(217) Mt. 22.30.

Exaltado no céu, onde está "assentado à direita do Pai" (*Credo*), "Jesus, Rei da glória" (*Te Deum*), daí exerce sua dominação universal:

"Se Cristo morreu e voltou à vida, diz S. Paulo, é para ser o Senhor dos vivos e dos mortos" (218).

Explica S. Jerônimo:

"Foi-lhe dado o poder no céu e sobre a terra, a fim de que, reinando já no céu, reinasse também sobre a terra pela fé daqueles que haveriam de crer nele" (219).

Plenamente "pascalizado", por assim dizer, por sua volta ao Pai, Cristo, em seu modo de existência supraterestrre, já não se submete às leis do sangue e da raça. Sublimaram-se suas relações com os homens.

É do alto do céu que ele reina, não sobre o Israel segundo a carne, mas segundo o espírito, isto é, sobre todos aqueles que, judeus ou pagãos, são filhos de Abraão pela fé e pelo amor.

Jesus no céu e a Igreja na terra pedem a vinda do Espírito Santo.

Mostrando ao Pai as chagas gloriosas, troféus de sua vitória, Jesus lhe pede que envie o Espírito Santo; e, no dia de Pentecostes, ele mesmo efetuou esse envio em nome do Pai.

"Rogarei ao Pai, dissera aos Apóstolos, e ele vos dará um outro Paráclito" (220).

Fazendo-lhe eco na terra, os Apóstolos, com Maria, Mãe de Jesus, "perseveravam unânimemente em oração". Preparavam-se desse modo à vinda do Espírito Santo (221).

O mesmo continua a Igreja fazendo em sua prece litúrgica e sacerdotal, sempre realizada em função do sacerdócio de Cristo, "o Liturgo das coisas santas" (222). Demais, falando da eficácia da oração confiante e perseverante, dissera outrora Jesus:

(218) Missa votiva para uma boa morte — Rom. 14.9.

(219) 1.ª lição, sexta-feira de Páscoa.

(220) 7.ª respons., Ascensão — Jo. 14. 16.

(221) 2.ª lição, dom. in albis — At. 1. 13-14.

(222) Ver c. I, p. 10.

"Se, portanto, vós sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que lho pedirem" (223).

Nas Vésperas da festa da Ascensão, a Igreja faz a Jesus esta oração:

"Ó rei da glória, que triunfante subistes hoje ao mais alto dos céus... enviai-nos o Espírito de verdade, segundo a promessa do Pai" (224).

Pentecostes

A vinda do Espírito Santo sobre a Igreja nascente

A festa de Pentecostes nos traz à lembrança a descida do Espírito Santo sobre Nossa Senhora e sobre os Apóstolos e discípulos reunidos no Cenáculo. Durante uma semana inteira, todos os textos do missal e do breviário descrevem essa vinda, mostram-lhe os maravilhosos efeitos e concorrem piedosamente para manter tôda a cristandade sob o domínio do mesmo Espírito, ao serem revividos cada ano nas Igrejas do mundo inteiro.

O mistério de Pentecostes, ao qual a Igreja deve a existência, não cessa, com efeito, de exercer sua influência sobre tôdas as almas que, de geração em geração e até o fim dos tempos, asseguram ao corpo místico de Cristo seu constante desenvolvimento.

Unidos invisivelmente à divina Cabeça pelos vínculos de amor do Espírito Santo, os membros da Igreja visível constituem, em sua totalidade, magnífico Templo onde permanentemente habita o mesmo Espírito divino. Sua presença se manifesta de continuo pelas obras de santidade que, no decorrer dos séculos, a Igreja não cessa de realizar.

Graças à ação simultaneamente purificadora (*gratia sanans*) e santificadora (*gratia elevans*) do Espírito de Cristo, já se estabeleceu, portanto, o reino de Deus neste mundo.

Não nos é possível pesquisar aqui tôdas as riquezas que a liturgia de Pentecostes e de sua oitava nos fornece. Limitemo-nos a indicar algumas delas.

A *lectio continua* própria do tempo de Pentecostes é a dos Atos dos Apóstolos que precisamente se intitula "o Evangelho do Espírito Santo".

(223) Evang. das Rogações — Lc. 11. 13.

(224) Antífona de *Magnificat* — Ascensão.

Diz S. João Crisóstomo:

"Os evangelhos são a história das coisas que Cristo disse e fez; os Atos, das que o outro Paráclito fez e disse" (225).

A epístola da missa de Pentecostes, extraída dos Atos dos Apóstolos, traz a narração da vinda triunfal do Espírito Santo, "Senhor e vivificador" (*Credo*).

"Quando se completaram os dias do Pentecostes, estavam todos os discípulos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído semelhante ao do vento quando sopra impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam. E vieram aparecer umas como que línguas de fogo que se repartiam e vieram pousar uma sobre cada um deles. E todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se expressassem" (226).

Não somente fenômenos exteriores (vento, línguas de fogo) atestam o domínio do Espírito de Deus sobre os Apóstolos, mas também, e sobretudo, os efeitos que sua presença produz nêles.

Imensa multidão, de diversos países — S. Lucas cita dezesseis — acorrem ao estrondo que acompanhou a vinda do Espírito.

"Reuniu-se a multidão e ficou pasmada porque cada um os ouvia falar em sua própria língua as maravilhas de Deus... E diziam uns para os outros: "Que quer dizer isto?" Outros escarneciam, dizendo: "Estão cheios de vinho doce" (227).

Pedro, então, lhes declarou:

"Estes homens não estão embriagados, conforme supondes, porque estamos apenas na terceira hora do dia (nove horas). Mas está-se realizando o que foi predito pelo profeta Joel: "Sim, naqueles dias derramarei meu Espírito sobre meus servos e sobre minhas servas e êles profetizarão" (228).

Esse acontecimento era, portanto, o cumprimento da profecia que fôra inspirada pelo Espírito de Deus a um dos videntes do Antigo Testamento. Sua realização mostrava que haviam chegado os tempos messiânicos.

(225) Hom. 1. 5. P. G. 60, 21.

(226) At. 2. 1-4.

(227) Epístola, Pentecostes — At. 2. 6-13.

(228) Leitura, quarta-feira de Pentecostes — At. 2. 15-18.

Por si mesmos constataram os Apóstolos que Jesus ressuscitara verdadeiramente, e haviam mesmo assistido à sua ascensão. Era, porém, necessária a vinda do divino Paráclito para que se lhes manifestasse a gloriosa sessão do Filho do homem à direita do Pai celeste e o régio poder que lá do alto iria êle exercer sôbre a terra na Igreja e pela Igreja.

A obra redentora realizada por Cristo foi aceita com agrado pelo Pai, já que o Espírito Santo veio cumular a Igreja nascente das graças que para ela mereceu o divino Salvador por sua morte sôbre a cruz. Aguerrido por êsse Espírito, que é o de Jesus, pôde então o colégio apóstolico empreender sua missão de conquista e, no próprio dia de Pentecostes, corajosamente começaram êles a dirigir a palavra ao povo e a pregar o Evangelho.

"A força dos Apóstolos, diz S. Gregório, lhes vem do Espírito Santo. Efetivamente, como teriam êles ousado apresentar-se como adversários das potências do século, se não fôsem sustentados e fortalecidos pela assistência do Espírito Santo? Sabemos o que eram os doutôres da Igreja antes que sôbre êles descesse o Espírito Santo; e vemos a força que ostentaram depois de sua vinda" (229).

Enquanto no exterior apareciam línguas de fogo, inflamavam-se interiormente os corações dos discípulos; e, como viam a Deus sob o aspecto de fogo, com inefável suavidade tornaram-se ardentes de amor" (230).

"É um fogo que procede da luz do Pai, um fogo que enche da caridade do Verbo os corações dos fiéis de Cristo. Ao sôpro do Espírito Santo, são êles interiormente inundados de alegria: começam a falar diversas línguas e anunciam as maravilhas operadas por Deus" (231).

"Os Apóstolos, com grande coragem, davam testemunho da ressurreição de Jesus Cristo nosso Senhor, aleluia, aleluia. Repletos do Espírito Santo, anunciavam intrêpidamente a palavra de Deus" (232).

No prefácio de Pentecostes, damos graças a Deus por Cristo nosso Senhor,

"que, subindo no mais alto dos céus e assentando-se à direita do Pai, difunde sôbre os filhos de adoção o Espírito Santo prometido. Por êsse motivo, em transporte de alegria exulta todo o orbe terrestre."

(229) 5.ª lição do Comum dos Apóstolos.

(230) 1.ª lição Pentecostes — Cf. S. João Crisóstomo, 7.ª lição de 25 de julho, festa de S. Tiago.

(231) Hino de Matinas de Pentecostes.

(232) 1.º responsório, Pentecostes — At. 4. 33.

A ação do Espírito Santo na Igreja primitiva, segundo os Atos dos Apóstolos

Havia Deus enviado seu Filho para que nos anunciasse a boa nova da salvação e operasse nossa redenção e nosso retôrno ao Pai, mediante o cruento e vitorioso sacrifício sôbre a cruz, e a gloriosa ressurreição e entrada no céu, onde foi acolhido como triunfador.

Em seguida, o Pai e o Filho enviaram o Espírito Santo que devia perfazer a obra de Cristo por intermédio da hierarquia sagrada. Para isso, os Apóstolos e seus sucessores participam dos poderes de Cristo profeta, sacerdote e rei.

Foi o Homem-Deus investido da tríplice função doutrinal, sacerdotal e real desde o primeiro instante da Encarnação, momento em que recebeu, com a plenitude do Espírito Santo, essa ampla consagração. Mas só a exerceu oficialmente depois que sôbre êle desceu o Espírito Santo sob a forma de uma pomba, por ocasião de seu batismo no Jordão (233).

De igual modo, a Igreja, investida por Jesus dos poderes de magistério, ministério e govêrno, só entrou em exercício depois de haver sido "batizada no Espírito Santo" (234).

Eis o que nos diz a liturgia sôbre a ação do Espírito divino na Igreja primitiva.

Eleição de Matias

"Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos e disse: "Irmãos, era necessário que se cumprisse a palavra da Escritura, realizando-se aquilo que o Espírito Santo, pela bôca de Davi, predisse a respeito de Judas... Com efeito, está escrito no livro dos Salmos: "Que outro receba seu cargo" (235). Lançaram sortes, então, e a sorte caiu em Matias que foi incorporado aos onze apóstolos" (236).

O coxo da Porta Formosa

Um dia em que Pedro e João subiram ao Templo para a oração da nona hora (15 horas), um paralítico que mendigava junto à porta

(233) V. cap. II, p. 41.

(234) Epístola da Ascensão — At. 1. 5.

(235) Sl. 108. 8.

(236) Epístola, 24 de fevereiro — At. 1. 15.

do Templo, chamada Formosa, pediu-lhes uma esmola. Disse-lhe Pedro:

"Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda" (237).

Foi imediatamente curado êsse homem. Mas Anás, príncipe dos sacerdotes, Caifás e todos os que eram da estirpe sacerdotal fizeram comparecer diante dêles os doze apóstolos.

"Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: "Seja notório a todos vós e a todo o povo de Israel: é em nome de Jesus Cristo, de Nazaré, que vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, é por êle que êste homem se encontra curado diante de vós. E em nenhum outro se encontra a salvação" (238).

Ananias e Safira

Em Jerusalém, os primeiros cristãos haviam pôsto todos os seus bens em comum. Vendiam suas propriedades, levavam aos Apóstolos o produto da venda, que era distribuída a cada um conforme suas necessidades.

"Um homem chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu um campo, e, de conivência com a mulher, levou somente uma parte do valor aos Apóstolos. Pedro, porém, lhe disse: "Ananias, por que se apoderou Satanás de teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço do campo?... Não mentiste aos homens, mas a Deus". A estas palavras, Ananias caiu e expirou... Três horas mais tarde, entrou também sua mulher, nada sabendo do que acontecera. Então, Pedro lhe disse: "Por que entrastes em acôrdo para tentar o Espírito do Senhor?... No mesmo instante, ela caiu a seus pés e expirou" (239).

Cheio do Espírito de Verdade que conhece tôdas as coisas, Pedro não se deixou enganar por essa dupla mentira. Nem podia admitir que tentassem ou pusessem à prova o Espírito Santo a fim de ver se êle revelaria aos Apóstolos a fraude. Ananias e Safira resistiram ao Espírito divino e o castigo que atingiu os corpos dos dois culpados foi muito salutar para a Igreja nascente. Sto. Agostinho observa,

(237) Leitura, 28 de junho — At. 3. 6.

(238) Epístola da festa do Santo Nome de Jesus — At. 4. 8-12.

(239) 1.ª e 2.ª lição, quinta-feira da I.ª sem. da Oitava de Páscoa — At. 5. 1-10.

aliás, que, em sua grande misericórdia, é possível que Deus lhes tenha poupado a morte eterna (240).

Santo Estêvão, diácono e mártir

Querendo entregar-se mais livremente ao ministério da palavra, os Apóstolos escolheram sete diáconos para servirem à comunidade cristã.

"Os Doze convocaram a multidão dos discípulos e disseram: "Escolhei dentre vós, irmãos, sete homens de boa reputação cheios do Espírito e de sabedoria" (241).

Entre os eleitos, S. Lucas cita em primeiro lugar a Estêvão e fala em seguida de seu martírio.

"Escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo... Estêvão, cheio de graça e de fortaleza, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo. Alguns membros da Sinagoga, entretanto... tentaram discutir com ele, mas não podiam resistir à sua sabedoria e ao Espírito que lhe inspirava as palavras" (242).

"Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, disse-lhes ele terminando seu discurso, vós resistis sempre ao Espírito Santo. Sois bem como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram eles? Ouvindo estas palavras, fremiram de raiva em seus corações e rangiam os dentes contra Estêvão. Mas este, cheio do Espírito Santo e com os olhos fixos no céu, disse: "Vejo os céus abertos e o Filho do homem, de pé, à direita de Deus. "Levantaram, então, grande clamor, arrastaram-no para fora da cidade e o lapidaram... E com voz forte Estêvão exclamou: "Senhor, não lhes imputeis este pecado". Dizendo isto, adormeceu (no Senhor)" (243).

Pedro e João em Samaria — Simão Mago

Um dos sete diáconos escolhidos ao mesmo tempo que Estêvão tinha ido à Samaria para anunciar lá o reino de Deus e o nome de Jesus Cristo. Chamava-se Filipe. Tãmanha foi sua influência que

(240) P. L. 38, 799 — Cf. Regra de S. Bento, c. 27.

(241) 1.ª lição, 26 de dezembro — At. 6. 2-4.

(242) Epístola, 26 de dezembro — At. 6. 5-10.

(243) Lições do 1.º noturno, 3 de agosto, e epístola 26 de dezembro — At. 7. 51-60.

muitos homens e mulheres se afastaram de um certo Simão, que fascinara com práticas de magia, e receberam o batismo.

Era privilégio dos Apóstolos, como ainda o é de seus sucessores, os bispos, conferir o Espírito Santo pela imposição das mãos no denominado sacramento da confirmação. S. Lucas no-lo indica na passagem seguinte:

"Quando os Apóstolos, que estavam em Jerusalém, souberam que a Samaria tinha recebido a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Chegados que foram entre os Samaritanos, rezaram por eles para que recebessem o Espírito Santo... Impuseram-lhes, então, as mãos e eles receberam o Espírito Santo" (244).

Vendo Simão que o Espírito fora dado por meio da imposição das mãos dos Apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: "Dai-me também a mim esse poder, a fim de que recebam o Espírito Santo todos aqueles a quem eu impuser as mãos". Mas Pedro lhe respondeu: "Pereça contigo o teu dinheiro, visto que julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus. Nada tens a pretender neste ministério, porque teu coração não é reto diante de Deus" (245).

Reivindicar para si o poder dos Apóstolos e assimilar a imposição das mãos a um rito de magia, cujo segrêdo queria comprar para retirar d'êle honra e proveito, era, da parte de Simão, desconhecer a ação que o Espírito Santo opera no íntimo das almas. Não se adquire a pêsso de ouro essa fôrça divina. E, na Igreja animada pelo Espírito de Pentecostes, será sempre reputada como falta grave a simonia.

Filipe e o intendente da rainha da Etiópia.

"Na estrada que desce de Jerusalém a Gaza... um eunuco, alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia, regressava, sentado em seu côche, lendo o profeta Isaias. Disse o Espírito a Filipe: "Adianta-te e aproxima-te dêsse côche" (246).

O texto que o Etiope estava lendo anunciava a paixão do Salvador. Filipe lho explicou e, tocado pela graça, êsse pagão pediu ao diácono, enviado pelo Espírito de Deus, que o batizasse.

(244) Epístola, terça-feira de Pentecostes — At. 8. 14-17.

(245) Lições, sexta-feira da I.ª sem. depois da oitava de Páscoa — At. 8. 18-22.

(246) Epístola, quinta-feira de Páscoa — At. 8. 26-29.

"Creio, disse êle, que Jesus Cristo é o Filho de Deus". Mandou parar o côche e ambos — Filipe e o eunuco — desceram à água, e Filipe o batizou. E logo que saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe, e o eunuco não o viu mais. E prosseguiu seu caminho, cheio de alegria" (247).

Promovendo o encontro de Filipe com o intendente da rainha da Etiópia, o Espírito Santo manifestava de modo evidente o caráter universal que, desde o princípio, a Igreja devia ter.

A conversão de Saulo

Também a miraculosa conversão de Paulo mostra que o divino Ressuscitado, lançando violentamente por terra o grande perseguidor da Igreja nascente, para fazer dêle o apóstolo por excelência dos gentios, não fazia distinção de pessoas. Com efeito, por suas epístolas lidas oficialmente em tôdas as Igrejas, Paulo foi e permanece ainda o instrumento de eleição do Espírito Santo para a propagação do reino de Deus e do Cristo no mundo inteiro.

Essa conversão constitui o objeto do officio e da missa do dia 25 de janeiro.

"Levanta-te, diz o Senhor a Ananias, vai à rua Direita, e procura, na casa de Judas, um homem chamado Saulo, de Tarso. Ê êle o instrumento que escolhi para levar meu nome diante dos pagãos, dos reis e dos filhos de Israel". Ananias foi. Entrou na casa, impôs as mãos sobre Saulo e disse: "Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo" (248).

A pregação de Pedro

"Naqueles dias — rezam os Atos dos Apóstolos — Pedro tomou a palavra e disse: "Irmãos, o Senhor nos mandou pregar ao povo e dar testemunho de que êle é quem foi constituído por Deus para ser o juiz dos vivos e dos mortos. Dêle dão testemunho todos os profetas..." Pedro falava ainda, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. Os fiéis circuncisos, que tinham vindo com Pedro, ficaram profundamente admirados de que o dom do Espírito Santo fôsse também derramado sobre os gentios, pois começaram a ouvi-los falar diversas línguas e glorificar a Deus.

(247) Epístola, quinta-feira de Páscoa — At. 8. 37-39.

(248) Epístola de 25 de janeiro — At. 9. 11-17.

Então, Pedro disse: Porventura pode alguém recusar a água do batismo a êstes que receberam o Espírito Santo do mesmo modo que nós? E ordenou que os batizassem em nome do Senhor Jesus Cristo" (249).

O próprio chefe da Igreja mostra que a salvação trazida pelo Messias, e que contém em si o dom do Espírito Santo e o batismo para a remissão dos pecados, deve ultrapassar as fronteiras do judaísmo, como foi anunciado pelos profetas.

Paulo e Barnabé na ilha de Chipre

"Havia, na Igreja de Antioquia, profetas e doutôres, entre os quais Barnabé e Simão chamado o Negro, Lúcio, Manaém e Saulo. Um dia, enquanto celebravam o culto do Senhor, disse-lhes o Espírito Santo: "Separai-me Barnabé e Saulo, para a obra a que os destinei"... E êles, assim enviados pelo Espírito Santo... navegaram para Chipre. Atravessaram tôda a ilha até Pafos, onde o procônsul Sérgio Paulo estava desejoso de ouvir a palavra de Deus. Encontravam, porém, oposição de Élimas, o mágico. Então Saulo — também chamado Paulo — cheio do Espírito Santo, lhe disse: "Filho do demônio... a mão do Senhor descerá sobre ti" (250).

No mesmo instante, Élimas ficou cego e o procônsul, vivamente impressionado pela doutrina do Senhor e pelo que acontecera, abraçou a fé.

Concílio de Jerusalém

"Alguns membros da seita dos fariseus, que haviam abraçado a fé, disseram ser necessário circuncidar os gentios e impor-lhes a observância da lei de Moisés. Reuniram-se os apóstolos e os presbíteros para tratar dêste assunto. Pedro levantou-se e disse: "...Deus, que conhece os corações, testemunhou em favor dos pagãos, dando-lhes o Espírito Santo do mesmo modo que a nós. Nenhuma diferença fez entre nós e êles, purificando seus corações pela fé. Então, por que tentais agora a Deus impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós pudemos suportar?" (251).

(249) Epístola, segunda-feira de Páscoa — At. 10. 34, 42-43.

(250) Lições do 1.º noturno, 30 de junho — At. 13. 1-12.

(251) 1.ª lição, segunda-feira, 2.ª sem. depois da oit. de Páscoa — At. 15. 5-10.

Em conseqüência, os apóstolos e os presbíteros enviaram aos pagãos convertidos, em Antioquia, Síria e Cilícia, delegados, entre os quais Barnabé e Paulo, para lhes dizer:

"Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargos além do que é necessário" (252).

Esse texto mostra que a Igreja estava verdadeiramente sob a influência do Espírito Santo que a guiava. Foi o "Espírito de verdade" que inspirou aos chefes da Igreja nascente essa primeira decisão conciliar.

O mesmo Espírito continua a iluminar a Igreja, principalmente por ocasião dos Concílios, em que o Papa e os bispos sancionam decretos concernentes ao dogma, à moral e à disciplina.

Paulo em Êfeso

Em sua terceira viagem missionária, dirigiu-se S. Paulo a Êfeso.

"Aí encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: — "Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé? "E eles responderam: "Mas, nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo". Tornou o Apóstolo: — "Qual foi, então, o batismo que recebestes?" — "O batismo de João", responderam. E Paulo explicou-lhes: — "João batizou com o batismo de penitência, dizendo ao povo que cresse naquele que havia de vir depois d'ele, isto é, em Jesus". Ouvindo isto, fizeram-se batizar em nome do Senhor Jesus. E quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e puseram-se a falar em diversas línguas e a profetizar" (253).

Paulo parte outra vez para Jerusalém

Depois de uma excursão de apostolado pela Grécia, S. Paulo embarcou para ir celebrar em Jerusalém as festas de Pentecostes. Passando ao largo por Êfeso, convocou os chefes dessa cristandade e lhes disse:

"Eis que, ligado pelo Espírito, vou a Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá. Apenas sei que, por tôdas as cidades, o Espírito Santo me assegura que me esperam cadeias e tribulações... Tende cuidado de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu como bispos, para apascentardes a Igreja de Deus" (254).

(252) 3.ª lição, *ibid.* — At. 15. 28.

(253) Epístola, Vig. de Pentecostes — At. 19. 1-6.

(254) 1.ª lição, quarta-feira, 2.ª sem. depois da Oit. de Páscoa — At. 20. 22-28.

Paulo a caminho para Roma

Em Jerusalém, o Apóstolo dos Gentios foi hostilizado pelos judeus que procuravam matá-lo. Encarcerado pelo tribuno, Paulo faz prevalecer seu título de cidadão romano. É conduzido então a Cesaréia, onde Festo, procurador da Judéia de 60 a 62, lhe disse:

"Apelaste para César: a César irás" (255).

Conduzido a Roma, teve Paulo ocasião de entrar em contacto com importante grupo de Judeus que habitava na capital do Império. Falou-lhes do reino de Deus, objeto da esperança de todo Israelita, e

"esforçou-se por convencê-los do que ensinava a respeito de Jesus, baseando-se em Moisés e nos Profetas" (256).

A maior parte permanecia incrédula. Disse-lhes, então, o Apóstolo:

"Bem falou o Espírito Santo a vossos pais pela boca do profeta Isaías, dizendo: "Tornaram-se duros os ouvidos deste povo, seus olhos se fecharam de tal modo que não podem ver com seus olhos, nem ouvir com seus ouvidos, nem compreender com seu coração" (257). Ficai, portanto, cientes de que esta salvação de Deus foi enviada aos Gentios, e de que eles a ouvirão" (258).

Epístolas de S. Pedro

Aos Atos dos Apóstolos é preciso acrescentar as epístolas de S. Pedro e de S. João, que dão testemunho da ação do Espírito Santo. Eis algumas passagens delas:

"Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos segundo a presciência de Deus Pai e santificados pelo Espírito para obedecerem a Jesus Cristo e serem aspergidos com seu sangue; graça e paz vos sejam concedidas em abundância!... Os profetas predisseram a graça

(255) At. 25. 12.

(256) At. 28. 24.

(257) Is. 6. 10.

(258) 3.ª lição, sábado da 2.ª sem. depois da Oit. de Páscoa. — At. 28. 25-28.

que vos estava destinada. Procurando descobrir a que tempo e a que circunstâncias se referia o Espírito de Cristo, que estava nêles e que de antemão anunciava os sofrimentos reservados a Cristo e as glórias que se lhes seguiriam, foi-lhes revelado que êles, não para si, mas para vós, eram dispensadores dêsses mistérios. Mistérios que, pela virtude do Espírito Santo, enviado do céu, vos são agora anunciados por aquêles que vos pregaram o evangelho, e nos quais os próprios anjos desejam penetrar com seus olhares" (259).

"Se recebeis injúrias por causa do nome de Cristo, bem-aventurados sois, porque o Espírito de glória, o Espírito de Deus repousa então sôbre vós" (260).

Epístolas de S. João

Em sua primeira epístola, insiste S. João sôbre a necessidade de distinguir quais são os agentes do Espírito de Deus e quais os do espírito do mundo.

"Submetei à prova os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas surgiram no mundo. Reconhecei, por êste meio o Espírito de Deus; todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus, não é de Deus... Êles são do mundo, quanto a nós, nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve. É por êsse sinal que distinguimos o Espírito da verdade e o espírito do erro" (261).

"Quem é o vencedor do mundo senão aquêlle que crê que Jesus Cristo é o Filho de Deus? Êste Jesus Cristo é que veio pela água e pelo sangue; não sômente com a água, mas com a água e com o sangue. É o espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. São assim três que dão testemunho na terra: o Espírito, a água e o sangue, e êsses três estão de acôrdo" (262).

No tempo de S. João, negavam os gnósticos a divindade de Jesus. Essa seita herética afirmava que Cristo, ser celeste, espiritual e impassível, enviado do céu pelo Pai, só se unira a Jesus a partir do batismo no Jordão (água) e separara-se dêle no Calvário (sangue).

O Apóstolo — e, logo, o Espírito Santo por êle — declara que Jesus veio *non in aqua solum; sed in aqua et sanguine*. A manifestação da divindade de Jesus no batismo (água) é inseparável da que se efetuou no Calvário (sangue).

(259) 1.ª e 3.ª lição, 18 de janeiro — I Pd. 1. 1-3 e 10-12.

(260) 3.ª lição, terça-feira das rogações — I Pd. 4. 14.

(261) 1.ª lição, terça-feira depois da Ascensão — I Jo. 4. 1-6.

(262) Epístola, dom. in albis — I Jo. 5. 5-8.

Aponham-se a isto considerações conformes ao gênero literário do Evangelista, que é tido como "insigne sacramentalista".

"A água e o sangue, diz o Pe. Lebreton, parecem significar, no versículo 6, o batismo de Cristo e sua paixão, e, ao mesmo tempo, a efusão da água e do sangue a saírem do lado de Jesus sôbre a cruz. No versículo 8, passaram ao primeiro plano os sacramentos cristãos — Batismo e Eucaristia. Seu testemunho concorda com o do Espírito e tendem os três ao mesmo fim: atestar a encarnação do Filho de Deus.

Aqui, portanto, é papel do Espírito dar testemunho do Filho de Deus, como Cristo anunciara no discurso após a Ceia" (263).

Esse testemunho, a Igreja o dá muito particularmente — e por ela o Espírito Santo — cada vez que administra os sacramentos do batismo e da Eucaristia. O batismo, sacramento da fé, e a Eucaristia, "mistério da fé", comportam necessariamente a crença firme na ressurreição de Jesus e a presença real do divino Ressuscitado sob as espécies do pão e do vinho consagrados respectivamente em seu corpo e em seu sangue.



Depois de haver mostrado neste capítulo como verdadeiramente o Espírito Santo foi a alma da Igreja nascente, vejamos o emprêgo que a sagrada Hierarquia faz dos sacramentos para que o Espírito de Cristo exerça sua influência sôbre os cristãos, em tôdas as circunstâncias da vida.

(263) Histoire du dogme de la Trinité, I, pág. 539.

CAPITULO V

A LITURGIA DOS SACRAMENTOS E O ESPÍRITO SANTO

OS SACRAMENTOS CENTRADOS NO MISTÉRIO PASCAL E NO SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO

É sobretudo pelos Sacramentos, atos litúrgicos por excelência, que a Igreja canaliza para as almas as graças do Espírito Santo.

Centrados no mistério pascal, os Sacramentos (dentre os quais três — batismo, confirmação, eucaristia — eram administrados aos catecúmenos durante as festas da Páscoa) levam as almas a participar da Paixão e da Ressurreição de Jesus. Dirigindo-se a batizados — e de modo geral a todos os que receberam os sacramentos da iniciação cristã — escreve S. Paulo, referindo-se a Cristo:

"Sepultados com êle no batismo, ressuscitastes igualmente com êle por vossa fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos" (264).

"Quando estávamos mortos por causa de nossos pecados, Deus nos fez reviver em Cristo... Com êle nos ressuscitou e com êle nos fez assentar nos céus" (265).

Para salientar essa relação essencial que todos os sacramentos têm com o mistério pascal de Cristo, julgamos útil inserir aqui o capítulo que Ihes é consagrado. Assim, ficará imediatamente depois das páginas em que procuramos mostrar o papel desempenhado pelo Espírito Santo nos mistérios da morte e da ressurreição do Salvador, seguido logo da vinda do Paráclito que santificou a Igreja nascente.

(264) Col. 2. 12.

(265) Ef. 2. 5-6.

Note-se que nos limitaremos exclusivamente aos textos referentes ao Espírito divino na liturgia sacramental: outros volumes da presente coleção tratarão dos Sacramentos, em geral e em particular ⁽²⁶⁶⁾.

Na economia da salvação, desempenham os sacramentos papel essencial. "Entre os sinais místicos e sagrados instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo para serem como que os fiéis canais de sua graça (diz o Catecismo do Concílio de Trento), nenhum há que se possa comparar ao augusto sacramento da Eucaristia ⁽²⁶⁷⁾.

Quer seja considerado como sacrifício oferecido a Deus, quer como sacramento dado aos homens, a Eucaristia está no centro de todo o organismo sacramentário. De um ou de outro modo, a ela se referem os outros seis sacramentos.

Qual o papel desempenhado pelo Espírito Santo, Dom do Pai e do Filho, nos ritos sacramentais? Que ação exerce êle por êsses sagrados sinais?

Dizem-no os próprios ritos. Para constatá-lo, bastar-nos-á fazer apêlo ao seu testemunho.

O Batismo

No célebre diálogo com Nicodemos, explica-lhe Jesus que, para ter acesso ao reino de Deus, é preciso nascer de uma vida nova, vida infundida pelo Espírito Santo.

"Em verdade, em verdade te digo que não se pode ver o reino de Deus senão renascendo da água e do Espírito Santo. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito... O vento sopra onde quer; e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde êle vem nem para onde vai; isto vale para todo aquêle que nasceu do Espírito" ⁽²⁶⁸⁾.

Compara Jesus a ação eminentemente espiritual do Espírito à do vento (*spiritus*), do qual só se vêem os efeitos, mas não a êle mesmo.

No Gênesis, o vento que, na origem do mundo, soprava sôbre a superfície das águas, é denominado espírito de Deus:

"Spiritus Dei ferebatur super aquas" ⁽²⁶⁹⁾.

Na descrição da vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, S. Lucas nos conta que foi acompanhada de um vento impetuoso

(266) Volumes ns. 49 a 55 inclusive.

(267) Dos Sacramentos, cap. XVIII.

(268) Evangelho, 3 de maio — Jo. 3. 5-8.

(269) Gên. 1. 2.

(*spiritus vehementis*) que encheu tôda a casa onde se encontravam os Apóstolos (270).

Compreende-se então a comparação feita por Jesus entre êsse elemento invisível que é o vento e a invisível ação realizada pelo Espírito Santo.

Água batismal

A água foi designada por Cristo como matéria do sacramento, graças ao qual nascemos à vida espiritual pela infusão do Espírito Santo (Cf. Diálogo com Nicodemos, acima citado).

Em conseqüência, a Igreja benze a água batismal na época em que outrora se administrava o batismo solene aos catecúmenos, isto é, durante a Santa Noite de Páscoa. Nessa cerimônia, trata-se continuamente do Espírito Santo. Reza o sacerdote:

"Onipotente e eterno Deus... enviai o Espírito de adoção a fim de que, pelo efeito de vosso poder, seja eficazmente realizado o que por nosso humilde ministério se vai cumprir" (1.ª oração).

"Ó Deus, cujo Espírito, no principio do mundo, pairava sôbre as águas para que o poder de santificação se comunicasse desde então a êsse elemento... fazei que, segundo a onipotência de vossa majestade, esta água receba a graça do vosso Filho, pelo Espírito Santo. Que êste Espírito, para regenerar os homens, fecunde a esta água, pelo mistério de sua operante presença..." (Prefácio).

Depois de ter soprado três vêzes sôbre a água, o sacerdote continua:

"Desça na plenitude desta fonte a fôrça do Espírito Santo. E tôda a substância desta água se torne fecunda e capaz de regenerar."

E derramando na água o óleo do santo crisma:

"A infusão do crisma de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, o Consolador, se faça em nome da Santíssima Trindade."

Cerimônia do batismo

Batismo de adultos: o sacerdote sopra três vêzes sôbre o rosto do catecúmeno e diz:

(270) Leitura, Pentecostes — At. 2. 2.

"Retira-te espírito imundo, e cede o lugar ao Espírito Santo, o Consolador."

Sopra ainda uma vez em forma de cruz e diz:

"N... , por este sôpro, recebe o Espírito da bondade e a bênção de Deus." (O sôpro é aqui sinal simbólico do Espírito Santo).

Batismo de criança: O sacerdote diz:

"Eu te adjuro, espírito imundo, em nome do Pai onipotente, e do Filho, Jesus Cristo... e pela virtude do Espírito Santo, retira-te desta criatura de Deus, N... , que Nosso Senhor se dignou chamar a seu templo santo para que se torne o templo do Deus vivo e a morada do Espírito Santo."

Depois de haver batizado o adulto ou a criança, o sacerdote faz-lhe uma unção com o santo crisma, dizendo:

"Que o Deus onipotente, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que te fez renascer pela água e no Espírito Santo, e te concedeu a remissão dos pecados, se digne, Ele mesmo, ungir-te com o crisma da salvação."

A Confirmação

É principalmente por meio deste Sacramento que se confere o Espírito Santo aos batizados, para que possam confessar a fé com a devida coragem e lutar pela Igreja como verdadeiros soldados de Cristo.

Pôsto isto, prossigamos. O Bispo, diante dos confirmandos ajoelhados, assim reza:

"Desça sobre vós o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo vos guarde do pecado."

Estendendo as mãos, acrescenta:

"Onipotente e sempiterno Deus, que vos dignastes regenerar pela água e pelo Espírito Santo os vossos servos aqui presentes... enviai-lhes do alto do céu vosso Espírito Santo Paráclito, Autor dos sete dons: o Espírito de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e de força, o Espírito de ciência e de piedade. Impregnei-os do Espírito do temor de Deus."

E o Bispo faz a unção com o santo crisma, impondo as mãos a cada confirmando, e termina por esta oração:

"Ó Deus que destes o Espírito Santo a vossos Apóstolos e quistes por eles transmiti-lo aos outros fiéis, olhai benigno nosso humilde ministério e ouvi-nos. Fazei descer o mesmo Espírito nos corações daqueles cuja fronte marcamos com o santo crisma e com o sinal da cruz, a fim de que Ele se digne habitar nesses corações, fazendo dêles o templo de Sua glória."

A Penitência

As relações que existem entre este sacramento e o Espírito Santo, o próprio Nosso Senhor no-las mostrou. Depois da ressurreição, apareceu Jesus aos Apóstolos, reunidos em Jerusalém, e soprou sobre eles, dizendo:

"Recebei o Espírito Santo; os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes, e retidos àqueles a quem os retiverdes" (271).

Ainda aqui, é o sôpro, gesto simbólico a figurar a infusão do Espírito Santo na alma dos confirmados.

A respeito do sacramento da penitência, nota o Concílio de Trento que êle, diferentemente do batismo, não remite tôdas as penas devidas ao pecado — pelo qual o batizado banuiu de seu coração o Espírito Santo —, de onde a necessidade de fazer alguma satisfação.

"A justiça divina parece exigir que a reconciliação seja feita de modo diferente quando se trata daqueles que, libertos do pecado e da escravidão do demônio após haverem recebido o dom do Espírito Santo, não temem, entretanto, profanar conscientemente o templo de Deus e contristar o Espírito Santo" (272).

A Eucaristia

Ao ofertório da missa, o sacerdote invoca o Espírito Santo, dizendo:

"Vinde, Santificador, Deus onipotente e eterno, e abençoai este sacrifício preparado para o vosso santo Nome." (Veni, Sanctificator).

(271) Evangelho, dom. in albis — Jo. 20. 22-23.

(272) Cf. Catecismo do Concílio de Trento. Dos Sacramentos, c. 24. Da Satisfação.

Na liturgia moçárabe, é mais explicitamente dito:

"Vinde, Espírito Santo Santificador."

Do mesmo modo falam numerosos missais medievais. Por exemplo, os missais de Autun de 1493 a 1524 diziam, após o *Veni Sanctificator*, o *Veni Sancte Spiritus*, e depois: "*Vem, veni Sanctificator ineffabilis*".

Sem dúvida, o sacerdócio de Cristo é que atua no altar: é como ministro de Cristo, e repetindo as fórmulas da consagração, que o sacerdote reitera sacramentalmente o sacrifício do Calvário. Mas o Espírito Santo coopera nessa obra como cooperou na imolação que Jesus fez de si mesmo sobre a cruz.

Por isso, numa das orações antes da comunhão, o celebrante diz:

"Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que por vontade do Pai e em cooperação com o Espírito Santo, por vossa morte destes a vida ao mundo, livrai-me por vosso corpo e sangue, infinitamente santos, etc...".

No momento da consagração, coincide a ação do Espírito Santo com a que o divino Ressuscitado realiza pelo ministério do sacerdote.

Nas liturgias orientais, uma oração especial, a Epiclese, faz apêlo à intervenção do Espírito Santo. Rezada depois da consagração, exprime o que acaba de ser feito e o atribui, como tôda obra de santificação, à operação d'Aquele que a vetusta liturgia de S. Marcos denomina

"o Espírito, o Santíssimo, o Senhor e o Vivificador".

Assim se justifica plenamente a seguinte afirmação, muitas vezes repetida pelos Padres gregos:

"Tôda operação que vai de Deus à criação... parte do Pai, passa pelo Filho e se consuma no Espírito Santo" (273).

O Sacramento dos enfermos

Quando um sacerdote administra êsse sacramento, cujo verdadeiro nome é "unção dos enfermos", é ainda ao Espírito Santo que se atribuem os benéficos efeitos dêle para a alma e para o corpo.

(273) S. Gregório de Nissa. Epist. ad Abbabium P. G. t. 45, 125.

"O efeito dessa unção — diz o Concílio de Trento — é a graça do Espírito Santo que... dá consólo à alma do doente... e mesmo restitui a saúde do corpo, se isto fôr conveniente para a salvação da alma" (274).

Para administrar êsse sacramento, o padre faz uma unção com o santo óleo sôbre os olhos, orelhas, narinas, lábios, mãos e pés do doente, e dirige a Cristo esta oração:

"Senhor Deus, que dissestes pela bôca do apóstolo S. Tiago: "Está entre vós algum enfêrmo? Chame os sacerdotes da Igreja, e êstes orem sôbre êle, ungindo-o com o óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo; restabelecê-lo-á o Senhor e, se cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados" (275). Curai, pois, ó Redentor nosso, pela virtude do Espírito Santo, as enfermidades dêste doente."

A unção feita com óleo — matéria calmante — e a fórmula sacramental, que lhe exprime os efeitos, dão-nos a conhecer o que Cristo, pelo ministério exterior do sacerdote, e o Espírito de Cristo, diretamente por invisível ação, realizam em favor do doente. Êste sacramento é, portanto, como todos os outros, um sinal visível e eficaz, graças ao qual podemos avaliar o que por nós e por sua própria glória faz o Deus de bondade e de misericórdia.

Com efeito, é ao Espírito de Cristo, — isto é, ao Espírito Santo, derramado abundantemente em nós pelos merecimentos da morte de Jesus — que os cristãos gravemente atingidos pela doença devem as graças enumeradas pelas fórmulas da administração dêsse Sacramento, designadas pelo eloqüente simbolismo do penetrante e untuoso óleo.

A solicitude tão maternal com que a Igreja faz essas unções para aliviar os sofrimentos físicos e morais de seus filhos coopera também para a eficácia dêsses remédios de instituição ao mesmo tempo divina e eclesiástica.

As Ordenações

Ainda aqui, só assinalamos as fórmulas e os ritos pelos quais a ação do Espírito de Deus é posta em evidência pela Igreja.

(274) *Da Extrema-Unção*, cap. 2.

(275) Epístola, Missa votiva dos enfermos. — Tg. 5. 14-15.

O exorcistado

Dirigindo-se aos que vão receber esta ordem menor, o Bispo lhes diz:

"Ao receberdes a ordem de exorcistas, recebeis o poder de impor as mãos aos energúmenos e, por esta imposição de vossas mãos, unindo-se a graça do Espírito Santo às palavras do exorcismo, vós expulsais os espíritos imundos do corpo dos possessos. Mas, para não serdes vós mesmos escravos daquele do qual libertais os outros, rejeitai também de vosso espírito e de vossa carne tôda iniquidade... Que Deus vo-lo conceda, por seu Espírito Santo."

O Subdiaconato

O Bispo, tendo diante de si os candidatos ao Subdiaconato, dirige a Deus a seguinte oração:

"Que o Espírito de sabedoria e de inteligência, de conselho e de força, de ciência e de piedade e de temor de Deus repouse sobre eles e os penetre."

O Diaconato

Com as mãos estendidas sobre os candidatos ao Diaconato, o Bispo diz um Prefácio. Interrompendo-o por um momento, pousa a mão direita sobre cada um dos ordenandos e diz:

"Recebei o Espírito Santo, que será vossa força para resistirdes ao demônio e às suas tentações; em nome do Senhor."

Continua o Prefácio e, com a dextra estendida sobre os ordenandos, diz, como parte essencial da consagração diaconal:

Enviai sobre eles, Senhor, o Espírito Santo, que êle os fortaleça pela graça dos sete dons, a fim de que desempenhem com fidelidade o vosso ministério."

Numa oração final, o Bispo pede para os diáconos:

"Dignai-vos, Senhor, infundir em vossos servos o amor espiritual a fim de que... permaneçam dignos de pertencer à Ordem da qual os Apóstolos, sob a inspiração do Espírito Santo, escolheram os sete primeiros diáconos, com o bem-aventurado Estêvão como chefe e modelo."

O Presbiterato

Dirigindo-se aos ordenandos, o Bispo, lhes diz:

"Quando o Senhor ordenou a Moisés que escolhesse em Israel, para ajudá-lo, setenta homens sôbre os quais seriam infundidos os dons do Espírito Santo, fêz-lhe a seguinte recomendação: "Escolhei aqueles que sabeis capazes de ser os anciãos do povo". Tereis sido certamente figurados por êsses setenta anciãos fiéis à lei do decálogo se, com o auxílio do Espírito Santo, guardando a lei do decálogo, derdes prova de sabedoria e de madureza, por vosso serviço e vossas obras."

No desenrolar da cerimônia, o Pontífice faz esta oração:

"Ouvi-nos, Senhor, nosso Deus, e derramai sôbre vossos servos aqui presentes a bênção do Espírito Santo e a virtude da graça sacerdotal."

Em solene Prefácio, diz as seguintes palavras, que constituem a parte essencial da consagração dos sacerdotes:

"Pai onipotente, nós vos suplicamos, dai a vossos servos aqui presentes a dignidade do sacerdócio; renovai em seus corações o espírito de santidade..."

Enquanto se canta o *Veni Creator Spiritus*, o Bispo unge com o óleo dos catecúmenos as mãos dos ordenandos, pedindo que "tudo o que consagrarem seja consagrado e santificado". Significa essa unção as graças de que o Espírito Santo impregna as almas sacerdotais. Efetivamente, é a êsse Espírito divino que se atribuem as obras de santificação e de consagração.

Antes das últimas orações da missa que os neo-sacerdotes celebram com o Bispo, canta-se um responsório cujo estribilho é o seguinte:

"Recebei em vós o Espírito Santo, o Defensor. É êle que meu Pai vos enviará. Aleluia."

Impondo as mãos sôbre cada um dos sacerdotes, o Pontífice diz:

"Recebei o Espírito Santo; os pecados serão perdoados àqueles a quem perdoardes; e serão retidos a quem os retiverdes."

Isso corresponde às palavras que o divino Ressuscitado dissera outrora aos Apóstolos reunidos no Cenáculo (v. cap. IV, pág. 65).

O Episcopado

A cerimônia da consagração de um Bispo começa por um exame sobre os diferentes mistérios da fé, que devem ser publicamente professados pelo eleito. Relativamente ao Espírito Santo, pergunta-lhe o Bispo consagrante:

"Credes que plena, perfeita e verdadeiramente o Espírito Santo é Deus, que é procedido do Pai e do Filho, sendo-lhes igual em essência, poder, eternidade e em tudo mais?"

Responde o eleito: "Creio".

A imposição das mãos é, por excelência, o rito que confere o caráter episcopal. O Bispo consagrante e os dois Bispos assistentes impõem juntos as mãos sobre a cabeça do eleito e pronunciam a fórmula sacramental cujo sentido é absoluto (enquanto há certa limitação tratando-se dos diáconos e sacerdotes):

"Accipe Spiritum Sanctum: Recebei o Espírito Santo."

Em seguida vêm as unções com o santo crisma: uma sobre a cabeça, outra sobre as mãos. Não são feitas com o óleo dos catecúmenos, como para os sacerdotes, mas com o Santo Crisma, porque o Bispo tem a plenitude do sacerdócio. Óleo de oliva misturado com bálsamo, o Santo Crisma indica melhor a tomada de posse pelo Espírito, cuja graça é, para a alma, um perfume espiritual. O termo hebreu *reab* (perfume, odor) é muito semelhante à expressão *ruah* que significa espírito, sopro, vento, palavras pelas quais se designa o Espírito de Deus, ou o Espírito Santo.

Como para as outras ordenações, é durante o canto do *Veni Creator Spiritus* que se fazem essas unções.

Um comentador do Pontifical observa:

"Numa cerimônia que tão plenamente confere ao eleito o Espírito Santo com a plenitude de seus dons, não conviria invocá-lo solenemente? As palavras da segunda estrofe: *Et spiritalis unctio* deram ocasião à escolha desse momento para a santa unção.

Também podemos ver a plenitude da graça e do Espírito Santo nesse santo óleo que, derramado sobre a cabeça, parece dever impregnar ainda o corpo todo do pontífice, como a continuação do Prefácio o insinua:

"Fazei, Senhor, que esta unção se derrame abundantemente sobre sua cabeça, se estenda sobre o rosto, desça sobre todo o corpo; que

a virtude de vosso Espírito o encha interiormente e o cubra por completo no exterior. Resplandeçam nêle uma fé constante, uma caridade pura, uma paz sincera" (276).

A Consagração dos Santos Óleos na Quinta-feira Santa

Esta soleníssima consagração põe em relêvo o que acabamos de dizer dos Sacramentos em que a Igreja emprega os santos óleos para significar os efeitos sobrenaturais que o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho, produz nas almas.

Em cada diocese, o Bispo preside a essa cerimônia na Quinta-feira Santa, em sua catedral. Assistido por sete diáconos e sete subdiáconos — à semelhança da missa papal — e circundado por doze sacerdotes, rememorando os Doze Apóstolos, êle celebra pontificalmente a "Missa do Santo Crisma com a bênção dos Santos Óleos", que começa com as palavras do Êxodo: "Farás um óleo para a unção" (277).

Bênção do óleo dos enfermos (antes do Pater)

No decurso desta bênção, o Bispo, dirigindo-se a Deus, pede:

"Enviai, Senhor, do alto dos céus, vosso Espírito Santo Consolador, a êste óleo que, por vossa providência, nos vem da verdejante oliveira para nos refazer as forças do corpo e da alma."

Bênção do Santo Crisma (depois da Comunhão)

Em solene Prefácio, começa o Pontífice por agradecer a Deus a criação da oliveira, e lembra que uma pomba voltou à arca com um ramo verdejante, símbolo da paz restituída à terra. Essa pomba evocava aquela outra que, simbolizando o Espírito Santo, pairou sôbre Jesus por ocasião de seu batismo nas águas do Jordão. E acrescenta:

"Senhor, nós vos rogamos, Santo Pai, onipotente e eterno Deus, por Jesus Cristo vosso Filho e Senhor nosso, que por esta bênção santifiqueis êste óleo, criatura vossa. Impregnai-o da força do Espírito Santo, com o poderoso auxílio de Cristo, vosso Filho, cujo nome originou o dêste Santo Crisma, com o qual consagrastes sacerdotes, reis, profetas e mártires. Seja êle, para todos os que hão de renascer da água e do Espírito Santo, o crisma de salvação que os faça participantes da vida eterna e os associe à glória do céu."

(276) Th. Bernard, *Le Pontifical Romain*, t. I, ch. III.

(277) Êxodo 30. 25.

Bênção do óleo dos catecúmenos (depois da Comunhão)

"Ó Deus, que pela força do Espírito Santo consolidais os primeiros passos das almas ainda vacilantes (trata-se dos neófitos), nós vos rogamos, Senhor, envolvi este óleo com vossa bênção... Para vossos servos que se chegam à fé e que vão ser purificados por obra do vosso Espírito, possa este óleo que preparamos ajudar a salvação que irão receber renascendo a uma nova e celeste vida, no sacramento do batismo."

Dêste rápido exame dos diferentes ritos da liturgia sacramental e das cerimônias que a êles se referem, conclui-se que nêle é preponderante a ação do Espírito Santo.

Conclui-se também que a referida ação se exerce particularmente pelos sacramentos, pois cada um dêles é fonte de graças apropriadas às necessidades das almas, nos diferentes estados e circunstâncias da vida. Foi, com efeito, nessa intenção que Cristo instituiu os Sacramentos, cuja administração entregou à Igreja.

Esta os administra com um cuidado todo maternal, e êsses ritos sacramentais são, para ela, o principal meio de obstar a ação nefasta das potências do mal ou do espírito do mundo, opondo-lhes a força invencível do Espírito de Deus.

E, sobretudo, são os Sacramentos, entre as mãos da Igreja, maravilhosos instrumentos de santificação das almas. Graças a êles, incorporam-se os cristãos cada vez mais a Cristo em seu mistério de morte ao pecado e de vida para Deus sob a moção do Espírito Santo. "Dominum et vivificantem" (Credo), pelo qual é animado o próprio Salvador divino.

Em resumo, a liturgia é "missocêntrica" e polarizada sôbre o mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus, celebrado no altar. Portanto, é quando os sacerdotes, ministros do único Sumo Sacerdote da nova Lei, e secundados pelo Espírito divino, oferecem o Cristo eucarístico a Deus e o dão em alimento aos fiéis, então é que se torna em verdade, particularmente operante, a ação conjugada do Espírito Santo, do divino Ressuscitado e da Igreja. Encontramo-nos no próprio âmago de tôda a organização sacramental e da realização litúrgica anual e cotidiana do mistério da Redenção.

Citemos aqui o Revmo. Pe. Joseph Aubry, S. D. B.:

"Que é a santa missa? A oferenda sacramental de Jesus em sua Paixão e em sua passagem para o Pai, e a comunhão sacramental a seu Corpo, agora glorioso. Oferecemos, portanto, na missa, o *Amor*

reparador que mereceu o Espírito para a Igreja e para o mundo, até o fim dos séculos. Nela recebemos o Corpo de glória do qual efetivamente jorra para nós como que o Sopro e a Água Viva de que necessitamos para ser homens novos e desde já homens eternos. É pena, mas desacostumamo-nos de ver neste dom do Espírito o fruto da comunhão que reúne e resume todos os outros. E, entretanto, é desse fruto que dão testemunho as "postcommunio" de Páscoa e de Pentecostes" (278).

"Infundi em nós, Senhor, pede a *postcommunio* de domingo de Páscoa, o Espírito de vossa caridade a fim de que vossos fiéis, saciados pelo sacramento pascal, sejam por vossa piedade um só coração."

A Eucaristia é o sacramento da incorporação dos cristãos ao Cristo ressuscitado. Assimilarmos esse Pão de vida é sermos vivificados pelo Espírito que anima simultaneamente a divina Cabeça e todos os membros do seu corpo místico. Na unidade desse Espírito vivificante, podemos todos dizer como S. Paulo:

"Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (279).

"Aquele que se une ao Senhor é um só espírito com ele" (280).

E na *postcommunio* da sexta-feira depois das Cinzas, a Igreja nos manda dirigir a Deus a seguinte oração que mostra os efeitos da ação conjugada de Cristo presente na Eucaristia e do Espírito Santo:

"Infundi em nós, Senhor, o Espírito de vossa caridade; e por vossa bondade, fazei que, saciados pelo mesmo pão celeste, sejam vossos fiéis um só corpo na caridade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho."

A diferença entre esta *postcommunio* e a de Páscoa, precedentemente citada, é a mínima, mas evoca mais explicitamente o pensamento do Apóstolo:

"O pão que partimos não é comunhão do corpo do Senhor? Desde que há um só pão, também nós somos um só corpo, porque todos participamos deste pão único" (281).

E a Igreja canta no dia do Corpo de Deus:

"Adoremos o Cristo-Rei, dominador das nações, que dá aos que o comem a plenitude da vida do espírito" (282).

(278) *Le Saint-Esprit et notre vie spirituelle*, pág. 70.

(279) Gál. 2. 20.

(280) 3.ª lição, quarta-feira depois da Epifania — I Cor. 6. 17.

(281) I Cor. 10, 16-17.

(282) Invitatório.

CAPITULO VI

TEMPO DEPOIS DE PENTECOSTES

Exposição geral

O Tempo depois de Pentecostes comporta uma longa série de 24 a 28 domingos nos quais a Igreja, tendo celebrado na 1.^a parte do ano litúrgico (cêrca de 6 meses) os mistérios da vida de Jesus, aprofunda os ensinamentos do divino Mestre (evangelhos) para que dêles vivamos sempre mais.

Ela o faz com o onipotente auxilio do Espírito Santo e assimilando muito especialmente a forte doutrina de S. Paulo (epistolas) a respeito do corpo místico de Cristo que é a Igreja.

Como os evangelhos dessa 2.^a parte do ano (cêrca de 6 meses) não falam direta ou ao menos normalmente — salvo uma vez ⁽²⁸³⁾ — do Espírito Santo que é o objeto de nosso trabalho, propomo-nos mostrar neste capítulo, entre outras coisas, o papel que o Apóstolo atribui ao Espírito divino na vida da Igreja. É evidente que só o podemos fazer aqui parcialmente, empregando, todavia, além das epistolas de S. Paulo, que estão no missal no Tempo depois de Pentecostes, as leituras seguidas (*lectio continua*) das cartas do mesmo Apóstolo distribuídas no breviário a partir de 26 de dezembro até o domingo da Setuagésima. Estas últimas não as utilizamos ainda por não se relacionarem diretamente com os tempos litúrgicos então celebrados.

Referir-nos-emos, assim, entre outras, às epistolas das missas do tempo depois da Epifania (domingos verdes) porque a maior parte

(283) Ver evangelho do 17.^o dom. depois de Pentecostes, em que Jesus explica o sentido messiânico do salmo 109 cujo autor, diz êle, é "Davi, inspirado pelo Espírito Santo" (Mt. 22. 43).

delas (do 3.º ao 6.º domingo) são muitas vêzes transferidas para o fim da longa série das missas do tempo depois de Pentecostes (domingos igualmente verdes).

Referem-se as epístolas de S. Paulo à fase do drama da redenção posterior a Pentecostes. Sua utilização neste capítulo consagrado ao desenvolvimento da Igreja no decurso dos séculos nos ajudará melhor a compreender o que o Apóstolo nos revela sôbre a ação do Espírito Santo, graças à qual o corpo místico de Cristo cresce e aumenta incessantemente neste tempo litúrgico de após Pentecostes.

O Espírito Santo não cessa de agir na Igreja

O Espírito Santo, descido sôbre a Igreja nascente no dia de Pentecostes, em Jerusalém, foi enviado simultâneamente por Deus Pai e por seu divino Filho, como o próprio Jesus o anunciara aos apóstolos por ocasião da última Ceia ⁽²⁸⁴⁾.

Estende Deus Pai os efeitos de sua paternidade à Igreja inteira, e Deus Filho, gloriosamente ressuscitado, leva todos os cristãos a participarem de sua filiação divina mediante essa vinda do Espírito Santo que não cessa de se realizar, quer pelo trabalho da graça nas almas, quer pelos sacramentos.

Todos os que são batizados "na água e no Espírito Santo" são incorporados a Cristo pela fé e pelo amor. Por êle e nêle, tornam-se filhos de Deus, pois o mesmo Cristo os adota como irmãos e faz dêles, unidos a si, o objeto do amor de complacência do Pai.

"Todos aquêles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus — escreve S. Paulo — são filhos de Deus" (285).

"A todos que o receberam, diz S. João falando do Verbo encarnado, deu êle o poder de se tornarem filhos de Deus" (286).

"Vêde que grande amor nos testemunhou o Pai, pois somos chamados filhos de Deus! E de fato o somos" (287).

"Conhecemos — diz ainda S. João — que permanecemos em Deus e Êle em nós, em nos haver Êle dado o seu Espírito. Quem confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nêle e êle em Deus... Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nêle" (288).

(284) Ver pág. 67.

(285) Epístola, 8.º dom. depois de Pentecostes — Rom. 8, 14.

(286) Último evangelho da missa — Jo. 1. 12.

(287) 1.ª lição, segunda-feira depois da Ascensão — I Jo. 3. 1.

(288) Epístola, 1.º dom. depois de Pentecostes — I Jo. 4. 13-16.

Sendo o Espírito Santo pessoalmente amor divino que procede do Pai e do Filho e os une entre si nos vínculos de um afeto infinito, compreende-se a importância da ação que êle exerce na Santa Igreja. Comunicando-nos incessantemente êsse Espírito de verdade e de amor, o Pai e o Filho nos fazem participar do conhecimento amoroso que têm um do outro. Fazem-nos também entrar cada vez mais em sua intimidade a título de membros adotivos da família divina. Aí temos o mistério de Pentecostes, que se estende através dos séculos à comunidade cristã e eclesial dos irmãos de Jesus e filhos de Deus.

Esse mistério, do qual o Espírito Santo é o grande obreiro, pode se resumir na participação que todos os fiéis de Cristo e da Igreja terão na vida Trinitária desde êste mundo, na expectativa de que ela se realize plenamente no céu, "na casa do Pai" (289).

S. Paulo, convertido pelo divino Ressuscitado e inspirado pelo Espírito de Deus, luminosamente falou sôbre êsse assunto em suas epístolas. Vejamos, portanto, segundo extratos fornecidos pela santa Liturgia, em que medida atribui o Apóstolo ao Espírito Santo a unidade e a universalidade da Igreja de Cristo, a grande família que o mesmo Espírito divino anima e faz viver desde êste mundo na sociedade do Pai e do Filho.

O mistério de Cristo e da Igreja

Repetidas vêzes fala S. Paulo de um "Mistério" ou coisa escondida que o divino Ressuscitado e o Espírito Santo lhe deram a conhecer e que lhe compete revelar aos Gentios. Esse "Mistério", concebido pela divina Sabedoria desde tôda a eternidade, êle o denomina "Mistério de Deus" (290), "Mistério de Cristo" (291), "Mistério do Evangelho" (292), Mistério da fé" (293).

Concretiza-o no Cristo que morreu e ressuscitou para assegurar a salvação e a vida eterna a todos os homens sem exceção. Diz o doutor dos Gentios:

"Êle morreu por todos para que os que vivem não mais vivam para si, mas para aquêle que por êles morreu e ressuscitou" (294).

(289) Evangelho de 11 de maio — Jo. 14. 2.

(290) I Cor. 2. 1.

(291) Ef. 3. 4; Col. 4. 3.

(292) Ef. 6. 19.

(293) I Tim. 3. 9.

(294) 3.ª lição, terça-feira 2.ª sem. depois da Epifania — II Cor. 5. 15.

Esse "Mistério" abrange, pois, tôdas as raças e todos os povos, de modo que Judeus e Gentios são chamados a fazer parte da Igreja fundada por Jesus, e a receberem o benefício dos dons e graças do Espírito Santo, que lhes foram merecidos pelo divino Salvador. É o que acima denominamos "mistério de Pentecostes", por ter começado a se realizar nesse momento.

Entre as metáforas empregadas pelo Apóstolo para anunciar o Mistério da união de todos os cristãos no mundo inteiro, temos as do "Reino de Deus", do "Templo de Deus", da "Casa de Deus", que é a "Igreja do Deus vivo", do "Reino de Cristo" etc. E temos principalmente a da Igreja, corpo místico de Cristo, de que nos diz S. Paulo:

"Assim como o corpo, sendo um só, tem muitos membros, e todos os membros do corpo, a despeito de sua multiplicidade, são um corpo único, assim também é Cristo. Com efeito, fomos todos batizados num só Espírito, para sermos um só corpo, e todos, judeus ou gregos, escravos ou livres, nos abeberamos todos do mesmo Espírito" (295).

Esse Mistério de Deus, de Cristo, da Igreja, foi revelado ao Apóstolo quando o divino Ressuscitado lhe apareceu e o converteu no caminho de Damasco (296).

Também o Espírito revelou a Paulo êsse Mistério em circunstâncias diversas, pois êle teve numerosas visões (297).

Ouçamos o que dêle nos diz o Apóstolo que tão bem compreendeu a ação do Espírito Santo na Igreja e na alma de cada fiel:

"De minha parte, escreve êle aos Coríntios aos quais comunicou suas revelações, quando fui ter convosco para vos anunciar o Mistério de Deus, não me apresentei com sublimidade de linguagem ou de sabedoria (humana). Não, entre vós não me quis considerar conhecedor de outra coisa a não ser de Jesus Cristo, e de Jesus Cristo crucificado... Minha palavra era manifestação de Espírito e do poder (sobrenatural), para que vossa fé se baseasse, não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus... O que pregamos é um Mistério da sabedoria divina, que Deus, antes dos séculos, preparava para nossa glória. Nenhum dos príncipes dêste mundo conheceu essa divina sabedoria.

A nós, porém, Deus a revelou pelo Espírito; porque, na verdade, o Espírito penetra tôdas as coisas, até as profundezas de Deus...

(295) I Cor. 12. 12-13 — Cf. 1.º dom. depois da Epifania — Rom. 12. 4-5.

(296) Epístola, 25 de janeiro — At. 9. 4-5 — Cf. Epístola 30 de junho — Gál. 1. 11-12.

(297) Cf. entre outras, a Ep. do dom. da Sexagésima — II Cor. 12, 1.

Ninguém conhece o que está em Deus, a não ser o Espírito de Deus. E nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito de Deus, para que conheçamos os dons que Deus nos concedeu. Dêstes vos falamos, e não com estudadas palavras de humana sabedoria, mas com palavras aprendidas do Espírito, realidades espirituais em termos espirituais (298).

Igualmente, em sua primeira epístola aos Tessalonicenses, escreve S. Paulo:

"Sabemos, irmãos caríssimos, que sois dos seus eleitos; pois nossa preparação do Evangelho não vos foi feita apenas com palavras; foi acompanhada de milagres, de efusão do Espírito Santo, de uma perfeita segurança... Vós vos mostrastes imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra (o Evangelho) entre muitas provações, com a alegria do Espírito Santo, tornando-vos, desse modo, um modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia" (299).

Em sua primeira epístola a Timóteo, frisa o Apóstolo a universalidade da Igreja, pois o Mistério do Cristo, objeto da fé e da piedade cristã é anunciado ao universo inteiro. Apóia sua argumentação citando um fragmento de hino litúrgico em uso, provavelmente, nas reuniões cultuais dos primeiros cristãos. Nêle, o ritmo é muito marcado, os membros de frases se correspondem dois a dois, alternando o que se passa na terra com o que se realiza no céu. Trata-se, aí, da encarnação, da ressurreição onde a humanidade de Jesus foi plenamente espiritualizada pelo Espírito divino... (300); da ascensão, onde os anjos assistiram ao triunfo do Cristo glorificado nos céus; da pregação do Evangelho para suscitar a fé nesses mistérios, no mundo inteiro.

"Quero que saibas a conduta a manter na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade. Pois, sem dúvida, grande é o Mistério da piedade que foi

Manifestado na carne,
justificado no Espírito,
visto pelo anjos,
anunciado entre os pagãos,
crido no mundo,
arrebatado na glória" (301).

(298) Lições de sexta-feira da 1.ª semana depois da Epifania.

(299) Ep. 6.º Dom. dep. Epif. — I Tess. 1, 4-7.

(300) Cf. págs. 51 e 79 — Rom. 1, 3-4.

(301) 3.ª lição; 2.ª f. 5.ª sem. dep. Epif. — I Tim. 3, 15-16.

As bênçãos prometidas a Abraão

Para compreender em tôda a amplitude as bênçãos prometidas a Abraão, é preciso nelas descobrir o mistério do Cristo e da Igreja, com o qual se relacionam, quando interpretadas à luz da revelação feita por Jesus, o Filho de Deus, e manifestada pelos Apóstolos sob a influência do Espírito Santo.

É também necessário que se note terem sido feitas as promessas a Abraão muito antes da promulgação da Lei mosaica. Esta, longe de suprimi-las, devia, pelo contrário, no que tinha de imperfeito e provisório, ceder lugar à Lei evangélica e à ação do divino Ressuscitado e do Espírito Santo no novo povo de Deus que é a Igreja.

Ora, os judeus interpretavam as promessas feitas a Abraão e as prescrições da Lei num sentido em que a letra prevalecia, muitas vêzes, sobre o espírito. Reivindicavam, também, unicamente para êles, como fiéis cumpridores da Lei e como filhos de Abraão pelo sangue, as bênçãos por Deus prometidas a êsse Patriarca. Os próprios judaizantes, ainda que discípulos do Cristo, exigiam que os pagãos observassem igualmente certas prescrições da Lei mosaica (circuncisão, etc.), caso quisessem beneficiar-se das mesmas promessas, pois haviam sido feitas a Abraão e a seu povo.

Em suas epístolas, sobretudo aos Romanos e aos Gálatas, mas também aos Coríntios, aos Efésios e aos Colossenses, S. Paulo esclarece as coisas, apoiando-se nos textos inspirados pelo Espírito Santo.

"O Evangelho, escreve êle à cristandade romana, é uma força para a salvação de todo crente, primeiramente para o Judeu depois para o Grego. Nêle se manifesta a justiça de Deus, uma justiça que nasce da fé e faz crescer a fé, segundo está escrito (302): "O justo viverá da fé" (303).

"Que diz a Escritura? "Abraão creu em Deus e isso lhe foi contado como justiça" (304)... Com efeito, não é sobre a Lei que repousa a promessa feita à sua posteridade de ter o mundo como herança; é sobre a justiça da fé" (305).

Disse também o Apóstolo aos Gálatas:

(302) Hab. 2, 4.

(303) 3.ª lição, 29 dez. — Rom. 1, 16-17.

(304) Gên. 18. 18; 22. 17-18.

(305) 1.ª e 3.ª lição, 1.º jan., Circuncisão de N. S. — Rom. 4. 13.

"Compreendei isto: os adeptos da fé é que são (espiritualmente) filhos de Abraão. Também a Escritura, prevendo que Deus justificaria os pagãos pela fé, anunciou previamente a Abraão esta boa nova: "Tôdas as nações serão abençoadas em ti" (306). Assim, os adeptos da fé são abençoados com Abraão, o crente" (307).

Pelo Cristo, porém, é que essas bênçãos de ordem espiritual foram merecidas e são distribuídas aos crentes. Isso nos explica porque prossegue S. Paulo evocando a morte de Jesus na cruz que pôs termo à Lei de Moisés como meio de salvação. Essa Lei maldiz aquêlê que está suspenso no madeiro. Em nome dos pecadores, o divino Salvador assumiu voluntariamente essa maldição. Dêsse modo, obteve-lhes as bênçãos messiânicas prometidas a Abraão sob o símbolo de bens de ordem temporal (terra de Canaã, etc.).

"Foi Cristo quem nos resgatou da maldição da Lei, fazendo-se, por nós, maldição, pois está escrito: "Maldito aquêlê que é suspenso ao madeiro!" (308). E isso a fim de que, em Jesus Cristo, a bênção de Abraão chegasse aos pagãos e, dêsse modo, pela fé recebêssemos o Espírito prometido" (309).

Como se deixassem os cristãos da Galácia catequizar pelos judaizantes, põe-nos o Apóstolo de sobreaviso, dizendo:

"Ó Gálatas insensatos! Quem vos enfeitizou, vós que tendes sob os olhos a imagem de Jesus Cristo crucificado? De vós só quero saber uma coisa: é à prática da Lei que deveis o Espírito que recebestes ou à vossa adesão à fé? Sois, então, de tal modo insensatos? Começar pelo Espírito (batismo na água e no Espírito) e acabar pela carne (circuncisão e obras exteriores da Lei)! Aquêlê que vos dispensa o Espírito e que opera entre vós milagres assim o faz por causa da prática da Lei ou da adesão à fé?" (310).

Só os que estão unidos a Cristo pela fé são capazes de beneficiar da herança prometida a Abraão. Assim o anunciara o Espírito Santo na Escritura.

"As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não foi dito: e aos descendentes, como se devesse haver muitos, mas à tua descendência, como se só houvesse um, isto é, o Cristo" (311).

(306) Gên. 18. 18; 12. 3.

(307) 1.ª e 2.ª lições, 2.ª f. 3.ª sem. dep. Epif. — Gál. 3. 1-9.

(308) Deut. 21. 23.

(309) 3.ª lição, *ibidem* — Gál. 3. 13-14.

(310) 1.ª lição, 2.ª f. 3.ª sem. dep. Epif. — Gál. 3. 1-5.

(311) Epístola, 13.ª dom. dep. Pent. — Gál. 3, 16.

Aderir por uma fé viva, cheia de confiança e de amor, a Jesus, o divino Ressuscitado, é assegurar-se a salvação haurindo o Espírito Santo em sua fonte e se colocando totalmente sob sua influência tôda espiritual.

"Vós vos purificastes, vós vos santificastes, vós vos justificastes pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus" (312).

"Vós não estais na carne, mas no espírito, se, todavia, habita o Espírito de Deus em vós. Aquêlle que não tem o Espírito do Cristo não lhe pertence" (313).

"Ninguém que fale sob a ação do Espírito de Deus dirá: "Anátema a Jesus", e ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", a não ser sob a ação do Espírito Santo" (314).

"Livres da Lei, nós servimos sob o regime novo do Espírito, e não sob o regime caduco da letra" (315).

"Vós sois uma carta do Cristo redigida por nossos cuidados, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não sobre tábuas de pedra, mas sobre tábuas de carne, vossos corações" (316).

A condição dos pagãos é, pois, inteiramente diferente de outrora. Tornando-se discípulos de Cristo e filhos da Igreja pelo batismo "na água e no Espírito", entram em cheio na Casa de Deus e adquirem todos os privilégios dela.

"Assim, pois, já não sois estrangeiros e hóspedes de passagem; sois concidadãos dos santos, familiares de Deus, apóstolos e profetas são os fundamentos sobre os quais vós vos elevais e a chave de abóbada é o próprio Cristo Jesus. Nêle é que todo o edifício se une e se eleva, para formar um templo santo no Senhor; nêle é que também vós entráis na construção para formar pelo Espírito uma morada de Deus" (317).

Nesse templo feito de pedras vivas⁽³¹⁸⁾ e onde habita o Espírito de Deus⁽³¹⁹⁾, deve subir para Deus a oração de todos os cristãos.

"Recebestes, afirma o Apóstolo, o espírito de adoção, que nos faz clamar: Abba! Pai" (320).

(312) 2.ª lição, 4.ª f. 3.ª sem. dep. Epif. — I Cor. 6. 11.

(313) 2.ª e 3.ª lições, 5 jan. — Rom. 8. 9.

(314) Epístola, 10.ª dom. dep. Pentecostes — I Cor. 12. 3.

(315) 2.ª lição, 4 jan. — Rom. 7. 6.

(316) 1.ª lição, 2.ª f. 2.ª sem. dep. Epif. — II Cor. 3. 3.

(317) Epístola, 21 dez. — Ef. 2. 19-22.

(318) Poscomunhão, Dedicção de Igreja.

(319) I Cor. 3. 16.

(320) Epístola, 8.ª dom. dep. Pentecostes — Rom. 8. 16.

"O Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza: Não sabemos orar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (321).

"Com alegria, agradeceréis ao Pai, que vos tornou capazes de ter parte na herança dos santos na luz, que nos arrancou ao poder das trevas e nos transferiu ao Reino de seu Filho bem-amado" (322).

"Orai sem cessar. Dai graças em tôdas as coisas; pois tal é, a vosso respeito, a vontade de Deus, no Cristo Jesus. Não extingais o Espírito" (323).

"Recitai entre vós salmos, hinos e cânticos inspirados pelo Espírito; cantai e celebrai o Senhor de todo o vosso coração" (324).

"Deus me concedeu desempenhar a função sagrada de anunciar o Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos, uma vez santificados, pelo Espírito, Lhe sejam uma oferenda agradável" (325).

Caridade fraterna

Jesus muito insistiu sobre o amor que devemos ter, não só para com Deus, mas também para com o próximo. Em sua oração oficial, a Igreja continuamente nos lembra esse ensinamento do Senhor. A leitura, no missal, dos evangelhos de 5.º, 12.º e 17.º domingos depois de Pentecostes bastaria para nos convencer disso. Citemos este último, em que o divino Mestre declara que o maior mandamento da Lei é:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito" (326). Este é o maior e o primeiro mandamento. Um segundo Lhe é semelhante: "Amarás teu próximo como a ti mesmo" (327). Sobre esses dois mandamentos é que repousam toda a Lei e os Profetas" (328).

Longe de ab-rogar nesses dois pontos fundamentais a Lei de Moisés, a Lei Evangélica lhes assegura uma realização bem mais perfeita. É o que demonstram a parábola do bom Samaritano (329) e

(321) Rom. 8. 26.

(322) 2.º e 3.º lições, 3.º f. 4.º sem. dep. Epif. — Col. 1. 12-13.

(323) Sábado Têmporas da Quaresma — I Tess. 5. 17.

(324) Epístola, 20.º dom. dep. Pentecostes — Ef. 5. 19.

(325) 3.º lição, 11 jan. — Rom. 15-16.

(326) Deuteronomio, 6, 5.

(327) Levítico, 19. 18.

(328) 17.º dom. — Mt. 22. 40.

(329) 12.º dom. — Lc. 10. 30-37.

a prescrição de estar em paz com o próximo, se quisermos que Deus receba o sacrifício que lhe oferecemos sobre o altar (330).

A leitura da epístola de S. João, no 1.º e 2.º domingo depois de Pentecostes, também coloca em plena evidência a necessidade de amar o próximo, se quisermos que nosso amor para com Deus seja sincero. Ainda aqui exortamos nossos leitores a recorrer ao misal (331), para ouvir essa doutrina dos próprios lábios do santo Evangelista, de quem nos diz a Igreja:

"O Senhor lhe abriu os lábios no meio da assembléia; encheu-o do espírito de sabedoria e inteligência" (332).

S. Paulo não é menos explícito, e mostra a parte preponderante que tem o Espírito Santo no exercício da virtude de caridade, que deve caracterizar os membros do corpo místico de Cristo:

"É do Espírito e pela fé que esperamos a justiça (a santificação) esperada. Pois, em Cristo Jesus, nem circuncisão, nem incircuncisão têm qualquer valor, mas unicamente a fé que opera pela caridade... Fazei-vos, pela caridade, servos uns dos outros. Com efeito, toda a Lei está contida neste único preceito: "Amarás teu próximo como a ti mesmo" (333). Eu vos digo: deixai-vos conduzir pelo Espírito... O fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão" (334).

"Suportai-vos uns aos outros pela caridade, aplicai-vos a conservar a unidade de espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo, um só Espírito..., um só Senhor... um só Deus e Pai de todos" (335).

Escrevendo aos Colossenses, S. Paulo lhes diz:

"Aprafas, nosso caríssimo companheiro de ministério, deu-nos a conhecer a caridade que o Espírito vos inspira" (336).

E, aos Coríntios, declara:

"Em tudo, nós nos afirmamos como ministros de Deus: ... pelo Espírito Santo, por uma caridade sem fingimento" (337).

(330) 5.º dom. — Mt. 5. 23-24.

(331) 1.º dom. — I João 4. 8-21; 2.º dom. — I João 3. 13-18.

(332) Intróito, 27 dez. — Eclesiástico 15. 5.

(333) Levítico, 19. 18.

(334) Lições, 3.ª f. 3.ª sem. dep. Epif. e Epist. 14.º dom. dep. Pent. — Gál. 5. 5-6 e 13-16 e 22-23. Cf. Epístolas 2.ª, 3.ª e 4.ª dom. dep. Epif. — Rom. 12. 9-16 e 13. 8-21.

(335) Epístola, 17.º dom. dep. Pent. — Ef. 4. 2-6.

(336) 1.ª lição, 3.ª f. 4.ª sem. dep. Epif. — Col. 1, 7-8.

(337) Epístola, 30 julho — II Cor. 6. 6.

A santidade na Igreja

São Paulo incita freqüentemente os cristãos aos quais dirige suas epístolas a que pratiquem a virtude e a que evitem os excessos a que se entregam os pagãos, que escapam à ação santificadora do Espírito de Deus.

"Progredi cada vez mais, escreve êle aos Tessalonicenses. O que Deus quer é a vossa santificação: é que eviteis a impureza... Com efeito, Deus não nos chamou à impureza, mas à santidade. Portanto, aquêle que despreza êsses preceitos não despreza a um homem, mas ao próprio Deus, êsse Deus que vos dá o Espírito Santo" (338).

"Os que pertencem ao Cristo Jesus, declara êle aos Gálatas, crucificaram a própria carne com suas paixões e concupiscências. Se vivemos pelo Espírito, sigamos também o Espírito" (339).

"Que o Pai, escreve êle aos Efésios, vos conceda, segundo a riqueza de sua glória, serdes poderosamente fortalecidos por seu Espírito, a fim de que cresça em vós o homem interior; que o Cristo habite em vossos corações pela fé; sede enraizados na caridade e nela fundados... Dêsse modo, sereis repletos da própria plenitude de Deus" (340).

Essa plenitude de Deus nas almas provém do fato de o Espírito Santo, "Fôrça do Altíssimo", uni-las ao Cristo, nelas suscitando a fé e o amor. Assim, comungam em abundância à vida de seu divino Chefe, em quem reside a plenitude da graça (341). Jesus penetra-os com a virtude de seu Espírito, que é, também, o de seu Pai. Dêsse modo, são elas santificadas e protegidas contra seus inimigos.

"O Espírito do Senhor, repete todos os anos a Igreja, encheu tôda a terra, aleluia.

Deus se ergue, que seus inimigos se dispersem" (342).

O divino Paráclito jamais abandona a Igreja. Assim é que o Ciclo santoral faz desfilar diante dos nossos olhos o magnífico cortejo dos Apóstolos, dos mártires, dos confessores, das virgens, de todos os santos e santas que, através dos séculos, dos mais diversos

(338) 1.ª e 2.ª lições, 6.ª f. 4.ª sem. dep. Epif. — I Tess. 4. 2-8.

(339) Epístola, 14.ª e 15.ª dom. dep. Pentecostes — Gál. 5. 24-25.

(340) Epístola, 17 out. — Ef. 3, 16-19.

(341) João 1. 16.

(342) Inróito, Pentecostes — Sab. l. 7 — Sl. 67-27.

modos, conforme as necessidades da Igreja, o Espírito Santo enriqueceu com suas graças, seus dons, frutos e crismas.

Seria preciso o dôbro dêste volume para isso pôr em realce. É, pois, forçoso renunciar a tal coisa. Contentamo-nos em aplicar-lhes o que diz S. Paulo a respeito dos carismas de que gozou a Igreja nascente:

"Há, certamente, diversidade de dons espirituais... Mas a manifestação do Espírito é dada a cada qual em vista do bem comum. A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro a fé, nesse mesmo Espírito; a outro o dom de curar, nesse único Espírito; a outro o poder de operar milagres; a outro a profecia; a outro o discernimento dos espíritos; a outro a diversidade das línguas; a outro o dom de interpretá-las. Mas é sempre o único e mesmo Espírito que opera tudo isso, distribuindo seus dons a cada qual em particular, como o quer" (343).

Acrescentamos, a título de exemplo, três textos tomados no Breviário. Os dois primeiros se referem à Santíssima Virgem:

Antífona do *Benedictus* no ofício *De Beata* do sábado (da Purificação à Quinquagésima).

"Ó santa Maria, Mãe de Deus, sempre virgem, Templo do Senhor, santuário do Espírito Santo, só vós, sem precedente, agradastes ao Senhor Jesus Cristo. Orai pelo povo, intercedei pelo clero, rogai pelas mulheres consagradas a Deus."

Sermão de S. Jerônimo, no segundo noturno da festa de 8 de Dezembro:

"As qualidades e grandezas da santa e gloriosa Maria, sempre virgem, nos são declaradas pelo anjo da parte de Deus, quando diz: "Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre tôdas as mulheres". Convinha que tais dons fôsem assegurados à Virgem... Cumulada pelos dons do Espírito Santo, ela apresenta em tudo a simplicidade da pomba, porque tudo que nela se realiza é pureza e simplicidade, tudo é verdade e graça, tudo é misericórdia e justiça, dessa justiça que vem do céu; é imaculada porque nela não há mancha alguma" (344).

O terceiro texto é extraído de uma homilia de S. Roberto Belarmino, sôbre os Doutôres da Igreja, cuja leitura é feita a 13 de maio, dia da festa do santo.

(343) Epístola, 10.º dom. dep. Pentecostes — I. Cor. 12. 4 e 7 e 11.

(344) 4.º e 5.º lições, Imaculada Conceição.

"Considerai, antes de tudo, os Apóstolos. Que há de mais sublime e excelente do que os costumes apostólicos? Depois, considerai aqueles santos varões a que chamamos Padres e Doutôres, aquelas luzes fulgurantes que Deus quis fazer brilhar no firmamento da Igreja, a fim de dissipar as trevas dos hereges. Tais foram Irineu, Cipriano, Hilário, Atanásio, Basílio, os dois Gregório, Ambrósio, Jerônimo, Agostinho, Crisóstomo, Cirilo... De quantos modos manifestou-se em seus escritos o Espírito Santo que habitava em seus corações? Essas obras dos Santos irradiam a piedade, a castidade, a inocência, a caridade. Se a Igreja se desenvolveu, deve-o, depois de seus Apóstolos, a êsses pastôres que a plantaram, regaram, edificaram e nutriram" (345).

Notemos, aqui, algumas reflexões de D. Vonier, a respeito da presença e da ação do Espírito Santo na Igreja.

"Ensina-nos a história que, em parte alguma, de um povo incrédulo, de uma raça sensual, jorrou bruscamente uma alta santidade. Só se excetua a primeira efusão do Espírito Santo. Contudo, o terreno havia sido trabalhado por todos os profetas, pelo precursor e pelo maior dos profetas, o próprio Cristo. Logo, pode-se dizer com toda a segurança que não há nenhuma geração de cristãos, destacando-se pela santidade, que não testemunhe da santidade que a precedeu. Os santos são os filhos dos santos...

O Espírito Santo, como o Verbo, só veio uma vez. Não vem pois, novamente, mas permanece. É sua permanente presença que opera a incessante renovação de vida, não uma nova vinda, à maneira de Pentecostes.

O Espírito que habita nas almas dos cristãos de uma geração nelas prepara a vida espiritual da geração seguinte, e assim por diante. Jamais abandona êle a Igreja para a ela voltar um dia ou outro, no vento e no fogo...

Se tivesse havido, na fecundidade espiritual da Igreja, uma interrupção qualquer, as portas do inferno teriam prevalecido contra ela...

Mesmo nos períodos a serem classificados como muito culpáveis, descobrem-se, sem grande esforço, sob uma aparência pouco animadora, inúmeros e incontestáveis frutos da caridade cristã. Mas, por outro lado, só ver os pecados dos cristãos, sem mencionar seus atos contínuos de arrependimento, suas confissões e penitências, não será muito superficial? Em grande parte, a santidade da Igreja reside na dor e nas lágrimas de seus filhos, culpados para com Deus e para com os homens. Conservemos sempre diante dos olhos esta verdade: a santidade da esposa do Cristo não é, neste mundo, a de uma pureza angélica, mas a de um arrependimento cheio de amor...

(345) 8.º e 9.º lições.

A caridade é um fogo consumidor cujas chamas, ao sôpro do Espírito, podem, em certos momentos, lançar-se até o céu. Não nos esqueçamos de que também as lágrimas da penitência são o efeito de um grande amor" (346).

Por conseguinte, o Espírito Santo, alma da Igreja, não a abandona jamais e lhe assegura continuamente a vitalidade sobrenatural.

A apoteose final

O primeiro e o último domingo do ano litúrgico, isto é, o 1.º domingo do Advento e o 24.º domingo de Pentecostes têm por evangelho o anúncio da segunda vinda do Salvador. E, todos os dias, de um ou de outro modo, os textos do missal e do breviário fazem alusão à vida eterna, isto é, à união definitiva e perfeita dos eleitos com Deus, no céu. É esse o fim último de toda vida verdadeiramente cristã.

É, pois, na perspectiva do último fim que a liturgia nos coloca (347).

Somos viajores caminhando para a pátria celeste. Libertado do cativeiro do Egito ou da Babilônia, o povo de Deus só aspira à posse da terra prometida e à chegada à cidade santa de Jerusalém. Assim também, o povo cristão, libertado por Cristo do cativeiro do pecado só tende, em última análise, a realizar o mistério pascal de seu divino Chefe. Foi em nosso favor que Jesus passou dêste mundo a seu Pai, para nos preparar um lugar nos céus.

"Quando eu tiver partido, declarou êle aos apóstolos, preparar-vos-ei um lugar, voltarei para vos trazer para junto de mim, a fim de que onde eu estou, também vós estejais" (348).

Ainda aqui, é ao Espírito Santo que compete manter os cristãos nessa esperança. Para êsse fim é que o Pai cumula-os, por seu Filho, das graças do Espírito de adoção, que lhes assegura a herança celeste dos filhos de Deus e irmãos do Cristo.

"Só atendendo a sua misericórdia, Deus salvou-nos pelo banho da regeneração, em que o Espírito nos renova e, quanto a êsse Es-

(346) "L'Esprit et l'Épouse", cap. XII.

(347) Ver pág. 31.

(348) Evangelho, 11 maio — João 14. 3.

pírito, derramou-o sobre nós em profusão, por Jesus Cristo, nosso Salvador, para que, justificados pela graça de Cristo, tornemo-nos herdeiros em esperança da vida eterna" (349).

"Justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem devemos o glorificar-nos na esperança da glória divina... Ora, a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (350).

"Que o Deus da esperança vos dê toda a plenitude da alegria e da paz na fé, para que sejais ricos de esperança, pela virtude do Espírito Santo" (351).

"O próprio Espírito se junta a nosso espírito para atestar que somos filhos de Deus. Filhos, logo herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo se, todavia, sofreremos com Ele para sermos também com Ele glorificados... A criação espera com impaciência essa manifestação dos filhos de Deus... Também nós que possuímos as primícias do Espírito, gememos dentro de nós, na espera da adoção, da redenção de nosso corpo" (352).

"Que o que há de mortal em nós seja absorvido pela vida. Aquê que nos fez para esse destino é Deus, e Ele nos deu as arras do Espírito" (353).

"Cristo, na qualidade de Filho, esteve à frente da sua casa. E sua casa somos nós, contanto que conservemos inquebrantável até o fim nossa segurança e o orgulho de nossa esperança. Por isso, como diz o Espírito Santo: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais vosso coração, como na ocasião da revolta de vossos pais, no deserto. Por isso, digo: não, eles não entrarão no meu repouso" (354).

E, S. João, no Apocalipse, diz também:

"Ouvi uma voz do céu que dizia: "Escreve: felizes desde já os mortos que morrem no Senhor! Sim, diz o Espírito, que eles repousam de seus trabalhos, pois suas obras os seguem" (355).

(349) Missa da aurora, 25 de dezembro — Tito 3. 5-7.

(350) Sábado Têmporas de Pentecostes — Rom. 5. 1-2 e 5.

(351) Epístola, 2.º dom. Advento — Rom. 15. 13.

(352) Epístola, 4.º dom. dep. Pentecostes — Rom. 8. 16-17, 19 e 23.

(353) 1.º e 2.º lições, 3.º f. 2.º dom. dep. Epifania — II Cor. 5. 4-5.

(354) 2.º e 3.º lições, 2.º f. 6.º sem. dep. Epifania — Hebr. 3. 6-11.

(355) Missa cotidiana dos defuntos — Ap. 14-13.

CAPITULO VII

DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO NA LITURGIA

Na unidade do Espírito Santo

Para terminar mencionemos a parte que a Igreja dá ao Espírito Santo nas fórmulas de sua oração oficial, o culto litúrgico por ela prestado a essa terceira pessoa da Santíssima Trindade, e os favores que dela espera.

À primeira vista, pode-nos surpreender o fato de que nenhuma oração, secreta e poscomunhão do missal romano se dirija diretamente ao Espírito Santo. Mesmo no dia de Pentecostes, de sua vigília, durante a oitava na missa votiva do Espírito Santo, assim como nas orações em honra do Espírito Santo (*Deus qui corda* e *Deus qui omne cor patet*), é a Deus (o Pai) que nos dirigimos, por Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Filho, para obtermos auxílio, luzes, graças, etc., do divino Paráclito. E essas orações terminam, em geral, por esta conclusão:

"Por Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo Deus, vive e reina convosco, na unidade do (mesmo) Espírito Santo, Deus em todos os séculos."

Para compreendermos êsse modo de proceder, levemos em conta, em primeiro lugar, aquêlê princípio que emitia D. Cabrol em seu "Livro da oração antiga":

"De um modo geral, as orações da liturgia romana constituem um conjunto de valor inestimável; a solenidade da forma, o lugar que ocupam na liturgia dão-lhes uma excepcional importância do ponto de vista dogmático, representando, para falar como a escola, um lugar teológico de primeiro plano" (Cap. IV).

Haurindo nas fontes do Evangelho e da Tradição, ensina-nos a Igreja que em Deus, Ser infinitamente perfeito e único, há três Pessoas distintas, a que se chama o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Pai possui a divindade por Si mesmo (*a se*). O Filho a possui porque a recebe em toda a plenitude do Pai (*ab alio*). O Espírito Santo a possui porque o Pai e o Filho lha dão totalmente (*ab utroque*).

A única natureza divina é, portanto, possuída ao mesmo tempo por três Pessoas realmente distintas uma da outra. É o mistério da Santíssima Trindade.

Jesus no-lo revelou e a Igreja o exprime, entre outras, nas fórmulas de sua oração litúrgica.

Nas palavras do sinal da cruz, no *Glória* e no *Credo*, nas orações e na grande oração eucarística ao altar, nas outras cerimônias da liturgia sacramentária (batismo, confirmação, penitência, etc.), no *Gloria Patri* que termina os salmos do Ofício divino, nas bênçãos que precedem as leituras e no *Te Deum* final, as três Pessoas divinas são nomeadas na própria ordem da diferenciação de origem que acabamos de assinalar.

Sendo o Pai o princípio da Trindade, é-lhe atribuída a Onipotência (*Credo*). É nomeado em primeiro lugar.

Sendo o Filho gerado pelo Pai por via de conhecimento, é-lhe atribuída a Verdade, a Sabedoria. É nomeado depois do Pai.

Procedendo o Espírito Santo do Pai e do Filho, é chamado "Vir-tude do Altíssimo" (356) e "Espírito de Verdade" (357). É nomeado em terceiro lugar. Tem um título especial a ser chamado "Espírito de amor", pois é pessoalmente o vínculo de amor que une entre Si o Pai e o Filho.

Por outro lado, por causa de sua dependência de origem é que foi o Filho enviado a este mundo pelo Pai, como celebra a Igreja no Natal, e que o Espírito Santo foi, depois, enviado pelo Pai e pelo Filho, conforme indica a festa de Pentecostes celebrada após a da Ascensão.

Por sua ordem e pelo tom de suas fórmulas, o Ciclo litúrgico reflete, assim, como num espelho, a vida Trinitária. Sua finalidade é associar-nos a ela. Assim, é que, possuindo as três Pessoas divinas uma só e única natureza, pois não há três Deuses, trabalham juntas na obra de nossa salvação e de nossa santificação, realizando-a em

(356) Lc. 1. 35.

(357) Jo. 14. 17.

conformidade com o que as caracteriza como Pai, como Filho e como Espírito Santo. Tôdas as ações de Deus em nós são trinitárias.

"Tudo, diz S. Cirilo de Alexandria, é o Pai que faz pelo Filho no Espírito" (358).

Existe entre o Pai e o Filho unidade de amor no Espírito. Dando-nos, um e outro, êsse Espírito de amor de que são inseparáveis, o Pai e o Filho habitam em nossa alma. Fazem-nos, assim, participar, pela graça de que o Espírito Santo é o agente, do amor divino que os une. Dêsse modo, o Espírito Santo enviado pelo Pai e pelo Filho nos conduz ao Pai e ao Filho e faz-nos viver na intimidade dêles, inflamando de amor para com êles nossos corações. Estamos verdadeiramente unidos ao Pai e ao Filho na unidade do Espírito Santo, que é o vínculo de amor entre um e outro e também o vínculo que a êles nos une.

"Se alguém me ama, diz Jesus no evangelho de Pentecostes, meu Pai o amará e viremos nêle e nêle faremos nossa morada" (359).

Assim como, recebendo tudo do Pai, não cessou o Filho, neste mundo, de levar tudo ao Pai, também o Espírito Santo, recebendo tudo do Pai e do Filho, não cessa de dar testemunho dêles e de ser nosso indispensável traço de união com êles. Dêsse modo é que no-lo apresenta a Igreja em sua oração.

"A liturgia, escreve o cônego Hoornaert, inicia-nos desde êste mundo à grande contemplação da eternidade: É ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo que dirigimos nossos louvores; é pelo Filho, na unidade do Espírito Santo, que oferecemos ao Pai nossas orações, é ainda ao Pai pelo Espírito Santo que oferecemos o Filho em sacrifício; é pelo Filho, com Êle e Nêle na unidade do Espírito Santo, que prestamos ao Pai tôda honra e tôda glória" (360).

Orações dirigidas ao Espírito Santo

Sendo o Espírito Santo uma pessoa divina, em tudo igual às duas outras, a Igreja lhe dirige também diretamente suas orações e honra as três Pessoas da Santíssima Trindade com um mesmo culto.

(358) P. G. 76, 17. 2.

(359) Jo. 14. 13.

(360) "Louez Dieu", pág. 17.

A solene profissão de fé, que é o *Credo* da missa, declara:

"Creio no Espírito Santo, que é Senhor e que dá a vida, que procede do Pai e do Filho. Com o Pai e o Filho, êle recebe a mesma adoração e a mesma glória."

Ao segundo aleluia da missa de Pentecostes e à primeira estrofe do hino de Vésperas, a assembléa cristã, de joelhos, dirige ao Espírito Santo êste apêlo:

"Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis, e acendei nêles o fogo de vosso amor" (*Veni, Sancte Spiritus*).

"Vinde, Espírito Santo Criador, nas almas de vossos fiéis. Enchei da graça do alto os corações que criastes" (*Veni, Creator Spiritus*).

Todos os dias, os sacerdotes e religiosos obrigados à recitação do Ofício divino dizem êste hino de Têrça (hora em que o Espírito Santo desceu sôbre os Apóstolos reunidos no cenáculo):

"Nunc, Sancte, nobis Spiritus,
Unum Patri eum Filio,
Dignare promptus ingere
Nostro refusus pectori.
Os, lingua, mens, sensus, vigor,
Confessionem personent.
Flammescat igne caritas.
Ascendat ardor proximos.
Præsta, Pater piissime,
Patrique compar Unice,
Cum Spiritu Paraclito
Regnans per omne sæculum.
Amen."

Em nós, agora, Espírito Santo,
Um com o Pai e o Filho,
Dignai-vos depressa descer
Penetrando nosso coração.
Que bôca, língua, espírito, sentidos e vigor
Façam soar o louvor!
Que se acenda o fogo da caridade,
Que seu ardor abraze nossos irmãos.
Concedei-nos êsse dom, ó Pai boníssimo,
E vós, Filho único igual ao Pai,
Que, com o Espírito-Paráclito
Reinais em todos os séculos.
Assim seja.

Na Sequência de Pentecostes, a Igreja se dirige também diretamente ao Espírito Santo:

"Vinde, Espírito Santo, vinde; e, do alto do céu, enviai-nos um raio de vossa luz" (*Veni, Sancte Spiritus*).

O *Veni Sanctificator* do ofertório da missa é provavelmente um apêlo direto ao Espírito Santo⁽³⁶¹⁾.

Tôdas as doxologias honram simultâneamente as três Pessoas da Santíssima Trindade. Eis, por exemplo, a do hino *Pange lingua*, das

(361) Ver págs. 89 e 90; cap. Sacramentos.

Vésperas do Corpo de Deus, e que se diz, também, à bênção do Santíssimo Sacramento:

"Ao Pai e a seu Filho único, glória, honra...
Ao Espírito procedendo de um e de outro, igual adoração!
Tribus honor unus (Tantum ergo)."

Citemos, também, o versículo do *Te Deum*:

"Bendigamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo."

A Igreja, como se disse, batiza, por assim dizer, cada salmo, terminando-o pelo *Gloria Patri*:

"Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo."

O Prefácio da Santíssima Trindade declara que é nosso dever dar graças, sempre e por tôda parte, a Deus Pai que, com seu Filho único e o Espírito Santo, é um só Deus. E acrescenta:

"Proclamando a verdadeira e eterna divindade, adoramos tanto a propriedade nas pessoas (isto é, as três pessoas distintas) como a unidade na essência (isto é, sua única natureza)."

Nas Ladainhas dos Santos e ainda outras orações litúrgicas, dirigimo-nos também às três Pessoas divinas e, então, ao Espírito Santo como ao Pai e ao Filho.

Favores pedidos ao Espírito Santo ou por Ele concedidos

Esses pedidos e favores são por demais numerosos para que os mencionemos aqui. Citemos alguns que nos mostram os efeitos da graça do Espírito Santo nas almas.

"Vinde, Espírito Santo..., vinde iluminar os corações. Lavai tôdas as manchas, regai a aridez e curai as feridas. Concedei a vossos fiéis, que a vós se abandonam, os sete dons que fazem os santos" (362).

"Concedei a nossos corpos frágeis o apoio constante de vossa força. Repeli para longe o inimigo. Dai-nos, sem tardar, a paz: assim, caminhando convosco, possamos nós evitar todo mal.

"Fazei-nos conhecer o Pai, revelai-nos também o Filho e, em vós, seu comum Espírito, fazei-nos ter sempre fé" (363).

(362) Sequência de Pentecostes.

(363) Hino, Vésperas Pentecostes.

"Que, por êsse divino Sacramento, dê o Espírito Santo vigor a nossas almas, êle que é a remissão dos pecados" (364).

"Que o Espírito Santo estabeleça em nós sua morada e faça de nós o templo de sua glória" (365).

"Que êle acenda em nós o fogo que Nosso Senhor Jesus Cristo trouxe à terra e que êle queria ver arder com veemência" (366).

"Possa o Paráclito, que procede de vós, Senhor, iluminar nossos corações e conduzi-los, segundo a promessa de vosso Filho, à plena verdade" (367).

"Concedei-nos encontrar sempre nêle alegria e consolação" (368).

"Inflamai, Senhor, nossos rins e nossos corações com o fogo do Espírito Santo, a fim de que nós vos sirvamos com um corpo casto e que possamos agradecer-vos pela pureza de nosso coração" (369).

"Que a graça do Espírito Santo, Senhor, ilumine nossos corações e que a suavidade de um perfeito amor lhes traga um poderoso reconforto" (370).

Em suma, o Espírito Santo realiza, no mundo das almas, uma nova criação:

"Enviai o vosso Espírito. Êles renascerão e vós renovareis a face da terra" (371).

A liturgia é, pois, uma escola em que, sob a direção da Igreja, aprende-se, entre outras coisas a respeito do Espírito Santo, tudo aquilo de que lhe somos devedores e de que modo devemos honrá-lo e invocá-lo.

(364) Poscomunhão, 3.ª f. Pentecostes.

(365) Coleta, 4.ª f. Pentecostes.

(366) Coleta, sáb. Têmporas Pentecostes.

(367) Oração, 4.ª f. Pentecostes.

(368) Oração, domingo de Pentecostes.

(369) Oração 21: Para pedir a castidade.

(370) Oração 29: Para pedir a caridade.

(371) 1.ª aleluia, domingo de Pentecostes.

CONCLUSÃO

Nossa conclusão será breve. Longamente desenvolvemos nosso tema: *"O Espírito de Deus e a Santa Liturgia"*.

Num primeiro capítulo, procuramos precisar, por uma definição ao mesmo tempo descritiva e explicativa, quais são os elementos essenciais do culto oficial da Igreja. Era isso necessário, a fim de poder descrever e explicar adequadamente o que a Santa Liturgia nos diz do Espírito Santo e do papel que êle nela exerce, em vista de assegurar, pelo ministério sacerdotal da Hierarquia sagrada, a glorificação de Deus e a santificação das almas.

Em seguida, acompanhando o desenrolar do ano litúrgico, mostramos como as diferentes fases do Drama da redenção nêle são postas em ação e atualizadas para que, sob a conduta do Espírito Santo e da Igreja, possam todos os cristãos, cada ano, a êle associar-se sempre mais intimamente.

Apresentando, assim, as grandes linhas de uma teologia e de uma espiritualidade da liturgia, que o Espírito de verdade e de amor anima, pensamos ter provado, ao menos sumariamente, que a participação ativa nos mistérios sacrossantos e na oração da Igreja é "a fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão" (Pio X e Pio XI: V. notas 1 e 2, pág. 7).

Instrumento por excelência de uma pastoral dinâmica e fecunda, fornece a liturgia à cristandade, colocando-a sob a influência do Espírito de Deus, as mais poderosas armas defensivas contra os inimigos de Deus. Assegura-lhe ela, também, pela virtude dêsse mesmo Espírito e sob a direção da Igreja, os meios mais eficazes de viver em comunhão cada vez mais estreita com o Cristo e com o Pai.

"A vida eterna, disse o divino Mestre, é que eles se conheçam, a Ti, o único verdadeiro Deus, e Àquele que enviaste, Jesus Cristo" (372).

"Nós vos anunciamos, escreve ainda S. João, a vida eterna que estava junto do Pai e que nos foi manifestada. Aquilo que nós vimos e ouvimos, nós vo-lo anunciamos a vós também, para que também vós tenhais comunhão conosco. E, quanto a nós, estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus" (373).

Exercendo seus poderes de magistério e de ministério é que a hierarquia sacerdotal realiza essa comunhão de todos os fiéis à vida trinitária. Todos os domingos, nas igrejas do mundo inteiro, a leitura das Sagradas Escrituras, divinamente inspiradas pelo Espírito de Deus, e a recitação ou o canto das fórmulas da oração oficial da Igreja entretêm essa vida sobrenatural.

A essa liturgia da palavra se junta a da ação eucarística tão gloriosa para Deus e tão rica de graças divinizantes para todos os batizados.

Renovação da Ceia e sinal eficaz do Calvário, o Santo Sacrifício da Missa põe ao nosso alcance as graças do Espírito Santo que Jesus nos mereceu na cruz.

É, pois, muito especialmente tomando parte nesse sacrifício Eucarístico e nêle comungando sacramentalmente que as almas cristãs estreitam os vínculos de fé, esperança e amor que as ligam a seu divino Chefe. Quanto a êste, com largueza cada vez maior, enche-as de seu Espírito vivificante. Assim é que se realiza o voto que Jesus dirigia ao Pai depois de haver instituído essa ceia sagrada.

"Que eles sejam um como nós somos um; eu nêles e tu em mim, a fim de que sua unidade seja perfeita, e que o mundo reconheça que tu é que me enviaste, e que tu os amaste como me amaste" (374).

A êsse amor do Pai por seu Filho, amor que se estende à humanidade de Jesus e a seu corpo místico, corresponde o amor do Verbo e de sua Igreja para com o Pai. De um lado, amor paterno, do outro, amor filial, tendo por foco o Espírito Santo.

Essa união no amor terá sua consumação no céu. A união eucarística é o seu prelúdio na terra. Prepara as almas àquilo a que

(372) Vigília, Ascensão — Jo. 17. 3.

(373) 1.ª lição, 27 de dezembro — I Jo. 1. 2-3.

(374) Missa pela unidade cristã — João 17. 22-23.

o Apocalipse denomina as núpcias do Cordeiro com a Igreja sua Espôsa.

"Alegramo-nos, exultemos, pois eis as núpcias do Cordeiro; sua Espôsa está preparada... Então, o anjo me diz: "Bem-aventurados os que são convidados ao festim de núpcias do Cordeiro" (375).

"O Espírito e a Espôsa dizem: Vem! Que aquele que ouve diga: Vem!... Oh, sim, vem, Senhor Jesus!" (376).

Por êsse apêlo inspirado pelo Espírito do Cristo à Igreja sua Espôsa é que se encerra o último livro das Escrituras. S. João acrescenta a saudação:

"A graça do Senhor Jesus esteja com todos vós. Amém" (377).

(375) 2.ª lição, 6.ª f. 3.ª sem. dep. oitava de Páscoa — Ap. 19. 7 e 9.

(376) Sábado, 3.ª sem. dep. oitava de Páscoa — Ap. 22. 17 e 20.

(377) *Ibid.*, Ap. 22. 21.

BIBLIOGRAFIA

- R. AIGRAIN, *Liturgia* (Bloud et Gay).
- ARSÈNE-HENRI (Mme.), *Les plus beaux textes sur le Saint-Esprit* (La Colombe).
- E. AUBRY, S. D. B., *Le Saint-Esprit et notre vie spirituelle* (Fleurus).
- CH. AUGUSTIN, P. S. S., *Evangile n. 12* (Ligue Catholique de l'Evangile).
- E. BARDY, *Le Saint-Esprit en nous et dans l'Eglise* (Impr. des Orphelins et Apprentis, Albi).
- DOM B. BAUR, O. S. B., *Werde Licht, liturgische Betrachtungen: Osterfestkreis* (Herder, Freiburg).
- N. M. BEAUDET, O. F. M., *La Mission méconnue* (Lib. St. François, Montréal).
- DOM LAMBERT BEAUDUIN, O. S. B., *Mélanges Liturgiques*.
— *La piété de l'Eglise* (Abbaye du Mont César (Louvain).
- BÉNÉDICTINS D'OOSTERHOUT, *Le Bréviaire Romain* (Desclée de Brouwer).
- TH. BERNARD, *Le Pontifical Romain* (Berche et Tralin).
- La Sainte Bible* (Ecole biblique de Jérusalem, Le Cerf).
- DOM F. CABROL, O. S. B., *Le livre de la Prière antique* (Oudin).
- H. CAFFAREL, *L'Anneau d'Or, n. 36-64: Introduction à la connaissance du prêtre* (Le Feu Nouveau).
- CHAN, L. CERFAUX, *La théologie de l'Eglise suivant saint Paul* (Le Cerf).
- M.-J. CONGAR, O. P., *Esquisses du Mystère de l'Eglise* (Le Cerf).
— *La Pentecôte, Chartres 1956* (Le Cerf).
- O. CULLMANN, *Immortalité de l'âme ou résurrection des morts?* (Delachaux et Niestlé).
- I. H. DALMAIS, O. P., *Initiation théologique I, Ch. III, La liturgie* (Le Cerf).
- MGR DUPANLOUP, *L'Esprit-Saint* (Lethielleux).
- DOM M. FESTUGIÈRE, O. S. B., *La liturgie catholique* (Abbaye de Maredsous).
- P. GALTIER, S. J., *L'habitation en nous des trois Personnes* (Beauchesne).
- A. GARDEIL, O. P., *Le Saint-Esprit dans la Vie chrétienne* (Le Cerf).
- L. GOPPELT, *Typos. Die typologische Deutung des Alten Testaments im Neuen* (Verlag Bertelsman in Gütersloh).
- W. GRAHAM SCROGGIE, D. D., *The Unfolding Drama of Redemption*, 2 vol. (Pickering & Inglis Ltd., London).

- R. GUARDINI, *Les signes sacrés* (Spes).
— *L'esprit de la Liturgie* (Plon).
- J. GUILLET, *Thèmes bibliques* (Aubier).
- CH. V. HÉRIS, O. P., *L'Eglise du Christ* (Le Cerf).
— *Le Mystère du Christ* (Desclée et C^{ie}).
- CHAN. R. HOORNAERT, *Louez Dieu* (Beyaert).
- L. LABAUCHE, *Traité du Saint-Esprit* (Bloud et Gay).
- MGR LANDRIEU, *Le Divin Méconnu* (Beauchesne).
- E. LEEN, P. S. Sp., *La Pentecôte continue* (Fides, Canada).
— *De Heilige Geest* (Sheed et Ward).
- LÉON XIII, *Lettre encyclique "Divinum illud munus"* (Bonne Presse).
— *Lettre encyclique "Providentissimus Deus" sur l'Écriture Sainte* (Bonne Presse).
- H. DE LUBAC, *Méditation sur l'Eglise* (Aubier).
- DOM TH. MAERTENS, O. S. B., *Évangile n.ºs 14 et 17* (Ligue Catholique de l'Évangile).
- M. MOURoux, *Expérience chrétienne* (Aubier).
- P. NAUTIN, *Je crois à l'Esprit-Saint dans la Sainte Eglise pour la Résurrection de la chair* (Le Cerf).
- CHAN. E. OSTY, *Le Nouveau Testament* (Siloé).
- A. PALMIÉRI, *Art. "Esprit-Saint" dans Dict. de théol. cath.* Va col. 677-829.
- PIE XII, *Encyclique sur le Corps mystique*.
— *Encyclique sur la Sainte Liturgie* (Bonne Presse).
- MANUEL PINTO, S. J., *O valor teológico da Liturgia* (Livreria Cruz, Braga).
- L. PIROT et A. CLAMER, *La Sainte Bible* (Letouzey et Ané).
- R. PLUS, S. J., *En union avec l'Esprit-Saint* (Spes).
- F. PRAT, S. J., *La théologie de Saint Paul* (Beauchesne).
- A. RIAUD, C. S. Sp., *L'Action du Saint-Esprit dans nos âmes* (Archiconfrérie du Saint-Esprit, Paris).
- A. M. ROGUET, O. P., *Les Sacrements, signes de vie* (Le Cerf).
- DANIEL ROPS, *Qu'est-ce que la Bible?* (Je sais, Je crois, n. 60, Fayard).
et J. STARCKY, *Évangile n. 4* (Ligue Catholique de l'Évangile).
- J. STREIGNART, S. J., *Cinq élévations sur des mystères du Saint-Esprit* (Desclée de Brouwer).
- C. M. TRAVERS, *Valeurs sociale de la liturgie* (Le Cerf).
- DOM CIPRIANO VAGAGGINI, O. S. B., *Il senso teologico della Liturgia* (Paolis).
- DOM A. VONIER, O. S. B., *L'Esprit et l'Épouse* (Le Cerf).
— *De Heilige Geest en Christus Mystiek Lichaam* (Foreholte Voorhout).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I — <i>Definição da liturgia</i>	9
Liturgia, 9 — Culto público, 11 — Culto oficial da Igreja, 15 — A Igreja, por meio de seu culto oficial, faz atuar o sacerdócio de Cristo e seu mistério de redenção, 18 — No culto litúrgico, a Igreja faz atuar o sacerdócio de Cristo por meio de fórmulas, ritos e outros sinais sensíveis, 21 — Fórmulas, 22 — Ritos, 24 — Santificação da comunidade dos fiéis e culto filial que prestam a Deus Pai por seu divino Filho, sob a moção do Espírito Santo	24
CAPÍTULO II — <i>O Ano Litúrgico e o Espírito Santo. Ciclo de Natal</i>	27
As diferentes fases do drama da Redenção, 27 — Disposição litúrgica da Sagrada Escritura e da Tradição no Ciclo de Natal e no de Páscoa, 30 — <i>Tempo de Advento e de Natal</i> , 32 — Primeira vinda do Salvador, 33 — Anunciação a Maria e a José, 33 — Visitação: Maria vem a Isabel e Cristo a João Batista, 34 — Apresentação de Jesus no Templo, 36 — Oráculos dos Profetas inspirados pelo Espírito de Deus, 36 — Oráculos concernentes ao Messias, 37 — Oráculos concernentes ao Precursor, 38 — Segunda vinda do Senhor Jesus; como é anunciado na liturgia do Advento e do Natal, 38 — O Espírito Santo prepara-nos para essa segunda vinda, 39 — <i>Epifania</i> . A vinda dos Magos, 41 — A manifestação de Jesus no Jordão, 41 — A manifestação de Jesus em Caná	43

CAPÍTULO III	<i>O Ano Litúrgico e o Espírito Santo</i>	47
	<i>Ciclo de Páscoa. Setuagésima, 47 — Quaresma: Quarta-feira de cinzas, 49 — Domingos da Quaresma, 49 — Paixão, 52 — Tríduo pascal: Quinta-feira, Sexta-feira e Sábado Santos, 55 — Memorial da Ceia, 56 — Prisão e condenação de Jesus, 57 — Morte de Jesus sobre a cruz, 59 — Nossa participação na paixão de Jesus</i>	60
CAPÍTULO IV	<i>O Ano Litúrgico e o Espírito Santo (continuação)</i>	63
	PÁSCOA: A vitória de Jesus sobre a Cruz, 64 — A parte negativa do mistério da salvação, 64 — A parte positiva do mistério da salvação, 65 — Terceira fase do drama da redenção, 66 — Papel que o Espírito Santo desempenhará na Igreja	67
	ASCENSÃO: Jesus sobe ao céu e, pelo Espírito Santo, voltará sobre a terra, 69 — Jesus no céu e a Igreja na terra pedem a vinda do Espírito Santo	71
	PENTECOSTES: A vinda do Espírito Santo sobre a Igreja nascente, 72 — A ação do Espírito Santo na Igreja primitiva, segundo os Atos dos Apóstolos, 75 — Eleição de Matias, 75 — O coxo da Porta Formosa, 75 — Ananias e Safira, 76 — Santo Estêvão, diácono e mártir, 77 — Pedro e João em Samaria — Simão Mago, 77 — Filipe e o intendente da rainha da Etiópia, 78 — A conversão de Saulo, 79 — A pregação de Pedro, 79 — Paulo e Barnabé em Chipre, 80 — Concílio de Jerusalém, 80 — Paulo em Éfeso, 81 — Paulo parte outra vez para Jerusalém, 81 — Paulo a caminho para Roma, 82 — Epístolas de S. Pedro, 82 — Epístolas de S. João	83
CAPÍTULO V	<i>A Liturgia dos sacramentos e o Espírito Santo</i>	85
	Os sacramentos centrados no mistério pascal e no sacrifício eucarístico, 85 — O Batismo, 86 — Água batismal, 87 — Cerimônia do batismo, 87 — A Confirmação, 88 — A Penitência, 89 — A Eucaristia, 89 — O Sacramento dos enfermos, 90 — As Ordenações, 91 — O Exorcistado, 92 — O Subdiaconato, 92 — O Diaconato, 92 — O Presbiterato, 93 — O Episcopado, 94 — A Consagração dos Santos Óleos na	

Quinta-feira Santa, 95 — Bênção do óleo dos enfermos, 95 — Bênção do Santo Crisma, 95 — Bênção do óleo dos catecúmenos	96
CAPÍTULO VI — <i>Tempo depois de Pentecostes</i>	99
Exposição geral, 99 — O Espírito Santo não cessa de agir na Igreja, 100 — O mistério de Cristo e da Igreja, 101 — As bênçãos prometidas a Abraão, 104 — Caridade fraterna, 107 — A santidade na Igreja, 109 — A apoteose final	112
CAPÍTULO VII — <i>Devoção ao Espírito Santo na liturgia</i>	115
Na unidade do Espírito Santo, 115 — Orações dirigidas ao Espírito Santo, 117 — Favores pedidos ao Espírito Santo ou por Ele concedidos	119
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA	125

SEI E CREIO

ENCICLOPÉDIA DO CATÓLICO NO SÉCULO XX

Primeira Parte: Sei e Creio

- | | |
|---|---|
| 1 — O que o Homem Sabe (Bases e Limites do Saber Humano). | 9 — É o Milagre Prova da Fé? |
| 2 — É a Teologia Uma Ciência? | 10 — Existe Uma Filosofia Cristã? |
| 3 — A Tradição. | 11 — As Origens da Filosofia Cristã. |
| 4 — Os Dogmas, Bases da Fé. | 12 — A Filosofia Cristã na Idade Média. |
| 5 — Podem os Dogmas Mudar? (Breve História dos Dogmas.) | 13 — Pensamento Moderno e Filosofia Cristã. |
| 6 — Que é Creer? | 14 — É o Cristianismo Inimigo da Ciência? |
| 7 — Deus Dá Sua Palavra (A Revelação). | 15 — O Deus dos Filósofos e dos Sábios. |
| 8 — Mitos ou Mistérios (O Verdadeiro Sentido dos Mistérios Cristãos). | |

Segunda Parte: As Grandes Verdades da Salvação

- | | |
|--|--|
| 16 — Um Só Deus Adorarás. | 23 — Os Leigos Também São a Igreja. |
| 17 — O Mistério do Deus Vivo. | 24 — Deus Feito Homem. |
| 18 — O Espírito Santo. | 25 — A Redenção Pelo Sangue. |
| 19 — As Mãos do Criador (A Criação). | 26 — A Comunhão dos Santos. |
| 20 — O Problema do Mal. | 27 — As Três Virtudes Básicas: Fé, Esperança e Caridade. |
| 21 — Satanás, o Adversário. | 28 — Ressuscitarei. |
| 22 — Servidão da Liberdade (Providência, Predestinação). | |

Terceira Parte: Que é o Homem?

- | | |
|--|---|
| 29 — As Origens do Homem. | 33 — Haverá Uma Ciência da Alma? (Psicologia, Psicanálise.) |
| 30 — Evolução, Hipóteses e Problemas. | 34 — O Homem Social. |
| 31 — Que é o Homem? (Ensaio de Antropologia Cristã.) | 35 — O Homem Metafísico. |
| 32 — O Pó que Vive (Corpo do Homem, Biologia, etc...). | 36 — Supranormal ou Sobrenatural. |

Quarta Parte: A Vida em Deus. Os Mediadores

- | | |
|---|--|
| 37 — Orar. | 42 — Místicos Entre Nós. |
| 38 — A Experiência Mística. | 43 — Peregrinações. |
| 39 — Espiritualistas e Místicos dos Primeiros Tempos. | 44 — Maria, Advogada Nossa (Ensaio de Síntese Marial). |
| 40 — A Espiritualidade Medieval. | 45 — História do Culto à Santíssima Virgem e Suas Aparições. |
| 41 — Devoção Moderna e Espiritualidade Francesa. | 46 — Que é um Santo? |
| | 47 — Os Anjos no Céu e Entre Nós. |

Quinta Parte: Presença da Salvação Entre Nós

- | | |
|---|--|
| 48 — A Igreja e o Seu Ministério. | 54 — O Matrimônio Cristão. |
| 49 — Que é um Sacramento? | 55 — O Homem em Face da Morte (Extrema-Unção, etc...). |
| 50 — A Água e a Promessa (Batismo e Confirmação). | 56 — Viver Como Cristão (Moral Cristã). |
| 51 — O Pecado e o Perdão. | 57 — Catolicismo e Progresso Social. |
| 52 — A Eucaristia. | 58 — Moral Internacional. |
| 53 — Sacerdotes do Cristo. | 59 — O Cristão e o Dinheiro. |

Sexta Parte: A Bíblia, Livro de Deus, Livro dos Homens

- | | |
|---|---|
| 60 — Que é a Bíblia? | 67 — Como Conhecemos Jesus? |
| 61 — A Terra da Promissão (Geografia da Terra Santa). | 68 — Breve Vida de Nosso Senhor. |
| 62 — Arqueologia Bíblica. | 69 — Qual é a Boa Nova? (O Evangelho.) |
| 63 — A Crítica em Face da Bíblia. | 70 — São Paulo e Sua Mensagem. |
| 64 — Breve História do Povo de Deus. | 71 — O que Não Diz o Antigo Testamento (Apócrifos, Manuscritos do Mar Morto). |
| 65 — A Alma de Israel no Livro (Teologia, Poesia, Mística). | 72 — O que Não Diz o Evangelho (Apócrifos e Lendas). |
| 66 — Velhos Esperam um Filho (O Profetismo na Bíblia). | |

Sétima Parte: A Igreja e Sua História

- | | |
|---|---|
| 73 — A Igreja dos Primeiros Tempos. | 76 — A Insurreição Protestante e o Renascimento Católico. |
| 74 — Cristãos no Caos da Barbaria (Até Cerca do Ano 1000). | 77 — A Igreja dos Séculos XVII e XVIII. |
| 75 — A Cristandade, Sua Grandeza e Ruína (Até Cerca de 1450). | 78 — A Igreja dos Séculos XIX e XX. |

Oitava Parte: A Igreja em Sua Organização

- | | |
|---|---|
| 79 — A Igreja em Suas Leis (O Direito Canônico). | 83 — Aquêles que Chamais "Curas" (Os Sacerdotes). |
| 80 — O Papado. | 84 — Ordens Religiosas Masculinas. |
| 81 — Ministros e Príncipes da Igreja (Cúria, Conclave, etc...). | 85 — Ordens Religiosas Femininas. |
| 82 — Os Sucessores dos Apóstolos (Os Bispos). | 86 — Os Leigos Também São a Igreja. |
| | 87 — Catolicidade. |

Nona Parte: Problemas do Mundo e da Igreja

- | | |
|--|---|
| 88 — A Igreja e o Estado (Um Problema Permanente). | 97 — A Igreja Age por Intermédio de Seus Santos. |
| 89 — A Igreja e as Estruturas Econômicas do Mundo. | 98 — As Missões e Sua História. |
| 90 — É Verdade que Deus Tenha Morrido? (Ensaio Sobre o Ateísmo Contemporâneo). | 99 — As Missões: Quadro Atual. |
| 91 — A Ciência Destrói a Religião? | 100 — Uma Ciência Nova: a Sociologia Religiosa. |
| 92 — Cristianismo e Psiquiatria. | 101 — A Igreja Quer Viver Como Missionária. |
| 93 — A Técnica Contra a Fé (Civilização da Máquina). | 102 — A Ação Católica. |
| 94 — O Cristão Face à Planetarização do Mundo. | 103 — O Trabalho, os Trabalhadores e a Igreja. |
| 95 — Cristianismo e Comunismo. | 104 — A Caridade de Cristo em Ação. |
| 96 — Cristianismo e Colonialismo. | 105 — A Educação Cristã. |
| | 106 — Nossas Razões de Crer (Sentido e Virtude da Apologética). |

Décima Parte: A Igreja em Sua Liturgia e Seus Ritos

- | | |
|--|------------------------------------|
| 107 — O Espírito de Deus na Santa Liturgia. | 110 — O Renascimento Litúrgico. |
| 108 — Os Livros Litúrgicos (Dos Sacramentos ao Breviário). | 111 — Liturgias do Oriente. |
| 109 — A Missa e Sua História. | 112 — Calendário Cristão. |
| | 113 — Vestes e Objetos Litúrgicos. |

Décima-Primeira Parte: Letras Cristãs

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 114 — A Pena a Serviço de Deus. | 118 — Humanismo Cristão. |
| 115 — As Línguas Sagradas. | 119 — Cristianismo e Pensamento Moderno. |
| 116 — Origens das Letras Cristãs. | 120 — A Literatura do Pecado e da Graça. |
| 117 — Letras da Idade Média. | |

Décima-Segunda Parte: Artes Cristãs

- | | |
|--|--|
| 121 — Valor Cristão da Arte. | 127 — Os Vitrais. |
| 122 — Nascimento da Arte Cristã. | 128 — Uma Arte Sacra Para Nosso Tempo. |
| 123 — Abadias e Catedrais (Artes Romana e Gótica). | 129 — O Teatro Cristão. |
| 124 — Os Palácios em que Deus Habita (A Partir da Renascença). | 130 — História da Música Cristã. |
| 125 — Breve História de Pintura Cristã. | 131 — O Cinema e a Fé Cristã. |
| 126 — Breve História da Escultura Cristã. | 132 — Rádio, Televisão e Cristianismo. |
| | 133 — A Imprensa Católica. |

Décima-Terceira Parte: Irmãos Separados

- | | |
|------------------------------------|---|
| 134 — Os Judeus (Veteranos da Fé). | 138 — O Anglicanismo. |
| 135 — A Ortodoxia Grega e Russa. | 139 — O Fenômeno das Seitas no Século XX. |
| 136 — Breve História das Heresias. | |
| 137 — O Protestantismo. | |

Décima-Quarta Parte: Religiões Não-Cristãs e Investigações Sobre Deus

- | | |
|--|--|
| 140 — As Religiões Pré-Históricas e Primitivas. | 146 — A Gnose Eterna (Hermetismo, Resurgimento do Ganges, Gnomismo, etc...). |
| 141 — As Religiões do Antigo Oriente. | 147 — Superstição, "Ersatz" da Fé. |
| 142 — A Religião dos Gregos e dos Romanos. | 148 — A Franco-Maçonaria, Seita Racionalista. |
| 143 — Conhecer o Islã. | |
| 144 — Hinduísmo ou Sanátana Dharma. | |
| 145 — O Budismo e as Religiões do Extremo Oriente (Confucionismo, Taoísmo, Xintoísmo). | |

CONCLUSÃO

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| 149 — Porque Sou Cristão. | 150 — Tábua Enciclopédica. |
|---------------------------|----------------------------|

NIHIL OBSTAT
SÃO PAULO, 18 DE NOVEMBRO DE 1959
MONSENHOR HELADÍO CORREIA LAURINI

IMPRIMATUR
SÃO PAULO, 19 DE NOVEMBRO DE 1959
MONSENHOR JOSÉ LAFAYETTE ALVARES

ACABOU-SE DE IMPRIMIR NO MÊS DE MAIO
DE 1962, NAS OFICINAS DA GRÁFICA SARAIVA
S. A., RUA SAMPSON, 265, SÃO PAULO, BRASIL



sei e creio

ENCICLOPÉDIA DO CATÓLICO NO SÉCULO XX

A coleção "SEI E CREIO" apresenta-se como a mais completa e a mais simples de tôdas as enciclopédias destinadas ao público cristão. Em cento e cinquenta volumes, tudo quanto se pode desejar conhecer sôbre o plano da fé católica, acha-se exposto com firmeza, e de uma maneira acessível a todos. A relação dos assuntos nela tratados (tal qual figura nas últimas páginas da presente obra) mostram bem a amplitude dêste empreendimento, ao qual nada se encontra de equivalente. Cada assunto é apresentado por um dos melhores especialistas, escolhido tanto pela qualidade de exposição, como pela solidez de conhecimento de sua ciência.

